

Saara Nousiainen

MEDIUNIDADE

PONTE ENTRE DOIS MUNDOS

Que é mediunidade.

Pesquisas científicas.

Informações e esclarecimentos.

**50 anos de vivências
mediúnicas da autora.**

MEDIUNIDADE

Ponte entre dois mundos

AUTOR

Saara Nousiainen

DIAGRAMAÇÃO e CAPA

Saara Nousiainen

Seria de grande valia se os grupos mediúnicos se reunissem, vez por outra, para trocarem ideias e poderem narrar suas experiências, tirar dúvidas etc.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

A mediunidade

Nota da autora - Que é mediunidade? - Tarefa mediúnica - Condições de tarefa mediúnica - Níveis de mediunidade - Na incorporação - Desdobramento.

SEGUNDA PARTE

Pesquisas científicas

Eclosão da mediunidade - “Correspondências Cruzadas” - Efeitos físicos - Materializações - Escrita direta ou Pneumatografia - Experimento de Scole - Transcomunicação Instrumental.

TERCEIRA PARTE

Grandes médiuns

Chico Xavier - Divaldo Franco - Zé Arigó - Médiuns investigativos - O Profeta adormecido.

QUARTA PARTE

A mediunidade em minha vida

Na infância – Questionamentos - Sessão de materializações - Um fato mediúnico.

Sonhos e premonições

Uma explicação sobre sonhos - Acidente aéreo em Botucatu - Uma recusa salvadora - Acidente na decolagem - Outro acidente aéreo - A catástrofe em Fukushima - Um sonho para gerar confiança - Sonho de alerta - Antes da minha mãe partir - Morar na Finlândia?

QUINTA PARTE

Mergulhando no Invisível

A predição - A morte... por quê? - Vivências mediúnicas - A psicografia - Incorporação na dimensão espiritual - Indução - Médiuns afoitos – Animismo e mistificação - Não julgar... - Na Umbanda - Direção inadequada

- O melindre - Concentração - Espíritos do bem, do mal e de média evolução.

Em outras partes do país.

Crianças médiuns - Depois da sessão - Incorporação sob pressão.

Outras experiências

O coral - Regressão a vidas passadas.

Benefícios da mediunidade ao seu portador

Alma-amiga - Tu chegarás lá - Vencerás - A aliança - Dr. Fritz e a operação no olho - Veia preta - O marca-passo.

Outras vivências mediúnicas

Deus paz... - O velho oriental - O mandarim - Desdobramento consciente - Duplo etérico? - Aproximação de entidades elevadas.

Espíritos sofredores

Os Suicidas - Tentativa inútil - Confirmações importantes - Acidente aéreo - Espíritos que não sabem que já morreram - Os perigos de uma doutrinação errada.

Por que a incorporação é importante para o sofredor?

O enforcado - Os abortados.

Mergulho nas faixas inferiores

Cordão prateado - Desdobramento em serviço - A incorporação em detalhes - Em níveis mais profundos - Desobsessão - Algumas sugestões aos médiuns - Lidando com trevosos - O morcego-prostituta - Sofredores, obsessores e trevosos - Gênios do mal - O caso Matias - Os “teleguiados”.

Fim de uma tarefa

Espíritos sem forma definida - Cadê os espíritos?

Orientações de trabalho por caminhos estranhos

A caneta - Os pássaros falantes - Música - Não era um desvio, mas um atalho - Merecimento ou compromisso? - Estados de espírito - Oferta de Deus.

PRIMEIRA PARTE

A mediunidade

Nota da autora

Grande parte deste livro trata das minhas vivências mediúnicas que ocorreram desde a adolescência. Também acrescento algumas acontecidas com minha família.

Se as trago assim, ao conhecimento dos possíveis leitores, é porque a mediunidade é algo tão multiplicativo em suas nuances, que muitos médiuns iniciantes ao adentrarem pelo território desses fenômenos sentem-se assustados, e como geralmente não têm a quem pedir esclarecimentos, acabam desistindo da tarefa, e assim, prejudicando-se.

Relutei durante muito tempo para escrevê-las, mesmo porque, aconselhando-me com alguns amigos, foram de opinião que não deveria mostrar assim a minha vida, meu interior, a pessoas que não conhecia e nem chegaria a conhecer, a não ser que escrevesse usando pseudônimo, camuflasse ou retocasse os fatos, as ocorrências, de forma a não me expor.

Mas entendia que esses fatos, para virem a ser úteis a outras pessoas teriam de ser repassados completos, sem subterfúgios e com absoluta sinceridade. É o que me proponho a fazer, na primeira pessoa do singular, assumindo plena responsabilidade pelo que vou dizer.

Arrisco-me também a despertar dúvidas em muitos leitores, quanto à minha sanidade mental, por causa de alguns fenômenos inabituais de que

participei, coisas estranhas, inexplicáveis, que sucedem no âmbito mediúnico e que nem todos tem coragem de relatar, justamente para se preservarem, como pessoas mentalmente equilibradas.

Ah, se todos fossem contar tudo o que já vivenciaram, ou de alguma forma presenciaram...

Vou, pois, na parte final deste livro, expor minhas vivências paranormais, parte da minha vida, o meu interior, a minha alma. Talvez você me critique, censure... Talvez vibre comigo no indizível júbilo de um contato com dimensões mais elevadas, que nos deixam perceber a grandeza das leis cósmicas, da sabedoria e beleza dos mecanismos que nos regem. Talvez possa sorrir ou chorar comigo na elevada emoção dos momentos nobres, quando resvalam pela nossa sensibilidade nascente, vibrações que nos buscam, procedentes de esferas mais altas, em vislumbres do que seja felicidade. Talvez se assuste ou fique temeroso quando falar de experiências vivenciadas nas faixas mais baixas do mundo espiritual, em trabalhos perigosos, ou afrontando poderosas entidades do mal.

Seja como for, aceite de coração aberto este convite para um mergulho nesse mundo invisível, mas absolutamente real.

Finlândia – Espoo, 23 de junho
de 2021

Saara Nousiainen

Que é mediunidade?

Mediunidade é um canal entre nós e o mundo espiritual. Podemos iluminá-lo e por essa via receber infinitos benefícios ao nosso espírito, ou mantê-lo na escuridão, somando sombra com sombra, cujo resultado é sofrimento.

O fato de alguém ser médium não significa que seja uma pessoa diferente ou favorecida por Deus. Mas quem começa a sentir sintomas que indicam mediunidade, deve também passar a pensar com muita seriedade sobre o assunto, porque não é em vão que recebemos faculdades dessa natureza.

É por meio delas que podemos entrar em contato com o mundo espiritual.

Há médiuns com aptidão para receber notícias dos que se foram, esclarecimentos sobre a vida nessa outra dimensão, sobre as leis naturais e sobre todos aqueles "porquês" que tanto angustiam a alma humana, realizar curas, ver e/ou ouvir espíritos etc.

Mas a maioria, traz compromissos menos “vistosos”, mas muito importantes, como a prática da caridade no atendimento a espíritos sofredores e obsessores, o consolo aos aflitos de toda ordem e como instrumento de alívio e cura de enfermidades do corpo e da alma.

Mas a mediunidade existe também para a comprovação da nossa imortalidade.

Há variados graus ou níveis de mediunidade e tipos de compromisso, assim como, formas diversas de um médium utilizar suas faculdades.

Podemos chamar de “Médium Verdadeiro” àquele que age como alguém que veio para servir, não para ser servido ou exibir suas faculdades e, muito menos, para delas tirar qualquer tipo de proveito. É daqueles que sentem o compromisso, ou tarefa, como algo que faz parte de suas vidas, e não, como um fardo que devem carregar por maior ou menor tempo. É alguém que permanece mais tempo a serviço da causa do bem do que de si mesmo. Não, que deva abandonar outras atividades, mesmo porque o ganha-pão é a primeira responsabilidade do ser humano. O mesmo quanto à família. Alguns deixam a família ao abandono com a desculpa de que estão cumprindo seus deveres mediúnicos. Já, outros, cobram por suas atividades, afirmando que o fazem para sobreviver e poder servir tempo integral.

Assim como Paulo de Tarso, que nos deixou magnífico exemplo de responsabilidade, também o médium deve batalhar pelo pão de cada dia, cuidar da família, do próprio crescimento como profissional, do lazer como fator de equilíbrio, e também do prazer, ingrediente indispensável por ser energia que vivifica as fontes da própria vida. É claro que me refiro aos prazeres que não prejudicam o corpo, o perispírito (corpo espiritual) nem a consciência.

Mas enquanto age como criatura do mundo, pode ao mesmo tempo manter-se em ligação com o Alto. Deve fazê-lo, aliás, para sua própria segurança, para não cair vibratoriamente, abrindo brechas em suas defesas, e também para que possa receber, via intuição, orientações dos benfeitores espirituais sempre que necessário, evitando entrar em sintonia com faixas inferiores. Esse procedimento é recomendado a qualquer pessoa, mas principalmente ao médium, em razão de sua maior abertura para o mundo invisível.

Tarefa mediúnica

Nem todo caso de mediunidade indica que há um compromisso de tarefa. Quando ele existe, foi assumido antes da reencarnação, ainda no mundo espiritual.

Ao contrário do que muitos pensam, a mediunidade não é imposta a alguém, assim como uma carga que se coloca às costas de um muar.

Alguns benfeitores espirituais têm dito que em muitos casos ela pode representar uma troca nas formas de resgate cármico. Digamos que um espírito, conhecendo ou lembrando-se de uma ou mais de suas vidas passadas, nas quais cometeu faltas

graves perante a Lei Maior, decide-se a resgatá-las. Entende então que para acabar com aquele remorso, retirar aqueles "pesos" de sua consciência profunda, precisa renascer na Terra e purgar suas culpas numa existência de grandes sofrimentos ou limitações. Nessas situações ele pode conseguir uma troca. Em vez de retornar à Terra com um programa de vida repleto de dores e aflições, trará um compromisso de trabalho mediúnico. É a permuta de sofrimentos por uma tarefa de amor. E lembramos, a propósito, que o Apóstolo afirmou: "O amor cobre uma multidão de pecados".

Assim, em vez da doença, da penúria, das deficiências físicas ou outros sofrimentos, esse espírito reencarna comprometido a fazer o bem, ajudar o próximo necessitado através da sua mediunidade.

É verdade que muitos médiuns sofrem... e muito. Certamente sofreriam muito mais, não fosse a sua tarefa. Há que lembrar, contudo, que o sofrimento é caminho de evolução; é também instrumento de contenção e equilíbrio. A dor, queiramos ou não, nos preserva de muitas quedas espirituais, e muitas almas valorosas não a dispensam de suas programações reencarnatórias.

Mas não se pode generalizar. Nem todos os casos refletem essa troca. Em muitos a tarefa é assumida apenas por amor, pela vontade de ajudar, ou ainda, como um instrumento para sua própria evolução espiritual.

Há também aqueles em que faculdades mediúnicas surgem como resultado natural da evolução, ou ainda, forçadas por algum processo obsessivo, mas sem compromisso de tarefa.

Sempre que alguém volta à terra comprometido com trabalho mediúnico, antes de reencarnar os mentores elaboram um projeto, um planejamento para suas atividades. Preparam seu perispírito, ou corpo espiritual, assim como também as condições do seu futuro corpo físico, de forma a poder servir como intermediário entre os encarnados e os desencarnados, em sua nova existência. Esse médium então renasce, recebendo os cuidados necessários ao seu crescimento e encaminhamento para a tarefa, no momento preestabelecido.

Muitas vezes lhe ocorrem indícios de mediunidade desde a infância ou na adolescência. Em outros casos eles só começam a se manifestar à época programada para o início das atividades medianeiras. É nesse momento que as forças espirituais se fazem mais presentes, num chamamento ao trabalho, e esse chamado pode ocorrer nas formas as mais variadas e estranhas, como: doenças que os médicos não conseguem diagnosticar, acidentes anormais, sensações perturbadoras de presenças invisíveis, arrepios e formigamentos, visão ou audição de espíritos, e outros assemelhados. Nessas ocasiões geralmente aparece alguém, aconselhando-o a procurar o Espiritismo. OBS. Nem sempre

esses “sintomas”, quando físicos, são indícios de mediunidade.

Se esse médium, obedecendo ao compromisso assumido, procura uma instituição espírita séria, de confiança, onde sintá-se bem e inicia de forma equilibrada o desenvolvimento das suas faculdades, passa também a receber assistência dos bons espíritos, que irão orientá-lo e ajudá-lo de acordo com permissão superior. Mas, para que possa receber essa ajuda é necessário que se torne merecedor, sendo dedicado, responsável e buscando modificar as próprias atitudes, a partir dos pensamentos, tornando-as mais compatíveis com a nobreza de uma tarefa dessa natureza.

Também é fundamental que estude o assunto, começando pelas obras da codificação do Espiritismo, de Allan Kardec, como: O Livro dos Espíritos, que contém os princípios doutrinários, O Livro dos Médiuns, o mais avançado e profundo estudo existente sobre a mediunidade, O Evangelho Segundo o Espiritismo, no qual vai encontrar o melhor dos roteiros orientadores para a sua conduta, além de outras obras complementares, antigas e atuais. A bibliografia espírita é muito extensa e rica, e a maioria dos Centros mantém cursos sobre Espiritismo e as práticas espíritas.

Muitos estudiosos e alguns espíritos afirmam que há situações em que longos processos obsessivos podem forjar faculdades mediúnicas, abrindo canais de comunicação com o mundo invisível. Nesses casos não há compromisso de tarefa, mas é preciso que esses médiuns sejam tratados com discernimento para evitar que voltem a ser canais para atuação de obsessores ou mesmo de meros marginais do mundo espiritual.

A mediunidade pode também ser uma faca de dois gumes: votada ao bem, com honestidade e amor, e sob a direção de pessoas experientes, verdadeiramente cristãs, transforma-se em ponte de luz entre o Céu e a Terra. Mas quando se propõe ao atendimento a interesses rasteiros, ao ganho de bens, de posições, de influência ou “status”, ou ainda, a fazer o mal, ela se transforma em canal para espíritos das sombras com resultados imprevisíveis, sempre nefastos. E o pior ocorre no retorno ao mundo espiritual, pelo fenômeno da morte. Ali, o médium faltoso terá de amargar suas dores, seus remorsos e o resultado de suas ações irresponsáveis ou antifraternas, sem falar em que terá de recomeçar tudo outra vez em futuras reencarnações, e em condições ainda menos favoráveis.

Na maioria dos casos, o candidato a médium começa a receber o chamamento e não atende; muitos por medo, outros por acomodação e outros ainda, por causa de suas religiões, pois a maioria delas, sem conhecer o assunto, condena a mediunidade e a comunicação dos espíritos, dizendo tratar-se de coisas de Satanás.

Mas as suas faculdades começam a aflorar mesmo assim, no tempo programado. Só que, pela falta de orientação adequada e pelo não cumprimento da tarefa, elas podem transformar-se em veículo para as mais diversas perturbações, podendo desembocar em doenças ou em desequilíbrios de toda ordem, inclusive mentais, de consequências imprevisíveis.

É preciso, entretanto, ver que não foi o Espiritismo o causador desses problemas, mas o seu próprio descaso, porque a mediunidade praticada com amor, dedicação e desprendimento é fator de equilíbrio para seu portador. Pode-se mesmo dizer que é a excelsa fonte das mais sublimes alegrias sentidas na Terra, procedentes do Céu.

Informam alguns espíritos que o médium que haja cumprido sua tarefa conforme os compromissos assumidos, ao voltar ao mundo espiritual após a desencarnação (morte) é recebido com todas as honras, como alguém que retorna vitorioso.

Como se vê, é muito importante essa questão da mediunidade.

Condições de tarefa mediúnica

Quanto às condições vamos encontrá-las extremamente diversas no universo mediúnico.

Muitos trazem seu compromisso a ser cumprido no decorrer de uma existência relativamente tranquila. Reencarnam em ambiente favorável e chegam ao início da tarefa de forma natural, sem traumas.

Outros, talvez a maioria, renascem em ambientes desfavoráveis, materialistas, ateus, ou de religiões que solenemente condenam tudo que diga respeito ao Espiritismo, gerando medo e até ojeriza em seus inconscientes. Esses terão de lutar muito para vencerem os impedimentos interiores e exteriores, a fim de poderem assumir suas tarefas. Depois, terão ainda muitas dificuldades para se liberarem plenamente dos preconceitos religiosos e do medo, a fim de poderem serenamente, jubilosamente, sem qualquer embargo, pôr-se inteiramente à disposição para um contato pleno com o mundo espiritual.

Outros ainda, que talvez tragam por acréscimo compromissos cármicos pesados, encontram as mais diversas barreiras de ordem terrena. Muitos arrastam existências de extremas dificuldades econômicas, conjugais, familiares, de saúde etc., que terão de vencer para poderem dar cumprimento a seus compromissos de intercâmbio com o invisível.

Mas há um ponto importante a ser visto: é preciso ter sempre equilíbrio em tudo. Há casos em que o médium gera prejuízos para si e para outras pessoas, no afã de não abrir mão da totalidade do que entende ser a sua missão. A referência é feita aos que deixam filhos pequenos em casa sozinhos, achando que os espíritos

irão cuidar deles; que perdem relevantes compromissos profissionais para não faltarem ao trabalho mediúnico, podendo ocasionar graves prejuízos ao próprio futuro e ao dos seus dependentes; que deixam a família em terceiro ou quarto plano, descuidando-se dela, e assim por diante. Em situações assim, importa usar o bom senso, entendendo que Deus não nos pede o impossível, e que não temos o direito de gerar transtornos ou dificuldades na existência daqueles a quem devemos assistir. Mas isto não significa baixar a cabeça e obedecer ao marido ou esposa, que não quer deixar o parceiro cumprir sua tarefa espiritual. Também não se deve faltar a ela por trabalho profissional que possa ser adiado ou mudado de horário; por comodismo, porque chegou uma visita, ou algum outro impedimento que pode ser contornado.

OBS. É muito comum que, na hora do médium sair para suas atividades no Centro, chega uma visita, muitas vezes trazida pelos inimigos da Luz que pretendem dificultar ou atrapalhar sua tarefa. Nesses casos, deve simplesmente desculpar-se gentilmente, mas não faltar a seu compromisso espiritual.

A prática mediúnica é fundamentalmente importante para o médium, e este deve ter o bom senso necessário para superar quaisquer problemas com paciência, amor e firmeza. Deve também buscar a sabedoria necessária para reconhecer o momento de afrontar as dificuldades, assim como aquele em que deve “dar um tempo”, para acalmar ou contornar situações mais difíceis.

Nesses, como em quaisquer outros casos de dúvida, o médium possui canais interiores para encontrar respostas e orientações, mas para que esses canais estejam livres de influências negativas é preciso limpar a alma de quaisquer ideias ou sentimentos negativos; relaxar para harmonizar-se; desenvolver sentimentos de amor e buscar contato com as esferas mais altas, não na aflição dos conflitos, mas na serenidade da confiança e na elevada frequência do amor.

Dessa forma, sem pressa e sem nutrir dúvidas, procurar sentir, perceber ou mesmo ver ou ouvir se tiver tais faculdades, a resposta do Alto, a orientação que chega, geralmente com tamanho poder, com tal firmeza que transmite plena segurança em sua procedência superior.

Essa resposta do Alto pode também chegar por outros meios como sonhos, geralmente em formatos simbólicos, ou mesmo como uma firme convicção, aquela certeza de que esse é o caminho.

Níveis de mediunidade

Há vários tipos de mediunidade, como também vários graus ou níveis, tanto em sua “intensidade”, quanto na abrangência do compromisso mediúnico.

Há médiuns, desde aqueles que possuem faculdades apenas latentes, até aqueles outros em que elas se apresentam com toda a sua potencialidade desde o início.

Os primeiros, regra geral, não têm maiores compromissos nessa área, enquanto uma mediunidade estuante certamente está informando que há tarefas de maior ou menor abrangência na pauta reencarnatória.

Há casos em que a tarefa é ampliada no decorrer dos anos, a depender do desempenho do médium, enquanto em outros ela não chega a ser cumprida em sua totalidade. E há também aqueles, infelizmente muitos, que a abandonam a meio do caminho, sem falar nos que nem chegam a iniciá-la.

Na incorporação

Há faculdades cujas manifestações estão mais próximas da intuição. Nelas o médium é envolvido pelas forças espirituais, que o colocam num estado alterado de consciência, em que ele sente a presença do comunicante e consegue transmitir seu pensamento ou transformar sua emoção (o momento que esse espírito está vivenciando) em palavras. Nesses casos, quem assiste pode achar que está havendo uma incorporação, mas não é bem isto que ocorre. Esse médium não sente no próprio corpo as sensações ou mesmo o comando do comunicante, apenas interpreta o que lhe vai no pensamento e/ou nas emoções, e fica fácil perceber como a manifestação é mais verbal do que emotiva e física. Isto, no entanto, não minimiza a importância do seu trabalho, desde que procure ser uma fonte de harmonia e amor direcionada ao manifestante. Isto, no caso de tratar-se de sofredor ou obsessor. No caso de ser um benfeitor, basta que permaneça em atitude fraterna, embora absolutamente passiva, não permitindo que seu pensamento interfira na comunicação.

Esse nível de mediunidade muitas vezes dá margem a que digam haver ali mais animismo que outra coisa. Por isso é importante não considerar alguém anímico, só pelo fato de suas comunicações não serem tão convincentes, em termos de manifestação, como de outros companheiros. O bom médium é principalmente aquele que se dedica à tarefa, é responsável e cuida de manter conduta adequada, vivenciando a humildade e a honestidade, buscando desenvolver seus potenciais de amor e emitir vibrações dessa natureza, principalmente durante os trabalhos.

No outro extremo, passando pelos mais variados níveis, teremos uma faculdade que permite ao espírito comandar o corpo do medianeiro, desde a sua fala até aos movimentos. Nesses casos o médium incorporado pode falar, andar, movimentar-se à vontade, executar atividades manuais como cirurgias etc. Na Umbanda, Quimbanda e assemelhados os espíritos também lhe dominam

totalmente o corpo, daí a chamarmos-no de “cavalo”. O mesmo acontece nos casos de possessão, nas obsessões graves.

Mas não se pense que o espírito simplesmente entra em alguém e faz o que quer. A atuação espiritual se faz através da mente e de outros canais como alguns centros nervosos (também conhecidos como chakras pela nomenclatura oriental, e que se localizam à altura dos plexos do corpo carnal), ou ainda mais profundamente, conforme o tipo de mediunidade e a forma da comunicação.

Pelo que pude observar, perceber, sentir e também apoiada no que informam autores respeitados, poderia dizer que:

a) todas as manifestações mediúnicas como as intelectuais, a psicofonia, a incorporação, a vidência, a audição, a psicografia etc. passam pela mente do médium:

b) nas comunicações puramente intelectuais estas passam da mente do espírito para a do medianeiro, sem lhe influenciar o corpo físico;

c) nas verbais, ou psicofonia, elas ocorrem com o domínio das cordas vocais, e a utilização mais preponderante do “centro laríngeo” (à altura da garganta), ou do plexo correspondente;

d) nas incorporações simples há alguma utilização também dos “centros cardíaco e solar” (cardíaco, à altura do coração e solar, alguns centímetros acima do umbigo), ou dos plexos correspondentes;

e) nas incorporações completas, além dos demais “centros”, ou plexos correspondentes, o “solar” seria o mais completamente utilizado pelo comunicante, que por esse meio consegue dominar ou movimentar o corpo físico do médium.

f) mesmo os de incorporação completa variam nos níveis de passividade, permitindo ao espírito maior ou menor condição de manifestação;

g) são raros os médiuns que ficam totalmente inconscientes durante a incorporação, ou melhor, podem estar conscientes durante as atividades mediúnicas, mas de nada se lembram posteriormente.

Podem também ocorrer alternâncias na inconsciência de alguns medianeiros, demonstrando como nesse território nada pode ser medido ou padronizado.

Desdobramento

Nas incorporações e algumas outras formas de atividade espiritual, e de acordo com o tipo e grau da mediunidade, acontece o desdobramento do médium, ou seja, ele se afasta do corpo físico, mas permanece em contato com o mesmo através de um cordão fluídico*, conhecido também como o “cordão prateado”, que liga o perispírito (corpo espiritual) ao corpo carnal. Nas incorporações de espíritos inferiores é importante que permaneça próximo e sempre atento aos acontecimentos para controlar,

até certo ponto, a manifestação, não permitindo ao comunicante atos indevidos ou o uso de palavras impróprias.

O desdobramento também acontece em trabalhos específicos, tais como, prestar assistência a algum necessitado encarnado, ir até algum lugar na Terra mesmo, ou em zona umbralina ou mesmo trevosa buscar algum espírito necessitado de socorro etc. Isto, é claro, sempre conduzido por espíritos responsáveis, e conhecedores do assunto.

Há uma infinidade de atividades desenvolvidas na dimensão espiritual por médiuns durante o sono do corpo físico.

Algumas vezes, e conforme as situações, enquanto se procede ao encerramento dos trabalhos, o médium desdobrado é levado a lugares de refazimento, geralmente redutos energéticos tais como a beira mar, o campo, e até mesmo instituições no mundo espiritual para receber recursos importantes para seu equilíbrio físico e psíquico. Creio até que a palavra final do Mentor, habitual em atividades mediúnicas, se deva também à necessidade de tempo para a realização desse trabalho de limpeza do campo magnético dos médiuns e sua reenergização, para que não sofram qualquer transtorno em seus organismos. É claro que isto também pode ser, e é feito, no próprio ambiente do Centro.

Sobre este e outros tipos de faculdades e fenômenos iremos falando ao longo desta narrativa.

* Esses termos, fluídico, magnético, energético etc. são utilizados na falta de outros mais exatos, mesmo porque, no terreno do conhecimento espiritual, estamos ainda engatinhando. Há muita divergência em torno do significado dessas palavras. Alguns desaprovam a designação “fluidos”, porque refere-se às substâncias líquidas ou gasosas. Mas lembramos que na codificação do Espiritismo, os espíritos falam no fluido universal, ou primitivo, ou elementar, que exerce o papel de intermediário entre o espírito e a matéria, sendo suscetível de inumeráveis combinações, tais como a eletricidade, o magnetismo etc. (O Livro dos Espíritos, questões 27 e 27-a).

SEGUNDA PARTE – pesquisas científicas

Eclosão da mediunidade

A mediunidade sempre esteve presente na Terra. Em todas épocas e nações houve grandes médiuns a receberem orientações dos Guias espirituais repassando-as ao povo. O Antigo Testamento está repleto deles, que eram chamados de profetas, e na Era Cristã destacaram-se,

principalmente, João com o Apocalipse e Nostradamus, que precisou disfarçar suas visões mediúnicas elaborando as centúrias para escapar à Santa Inquisição.

Mas foi a partir da metade do século XIX que começou a ocorrer aquela formidável eclosão de mediunidade sobre a Terra, suscitando fenômenos os mais impressionantes. Isto, visando sacudir a humanidade e levá-la a conscientizar-se das realidades espirituais, e essa eclosão mediúmica foi profetizada por Joel, no Antigo Testamento, quando disse: “nos últimos tempos derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão, vossos velhos terão sonhos e vossos jovens terão visões” (Joel 2:28).

Essa eclosão representou a abertura de um canal que trouxe um verdadeiro universo de informações fundamentais para o processo evolutivo de parcela da humanidade, que estaria apta a recebê-las.

Essa ocorrência também foi predita por Jesus quando disse:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre (João:14-15-16). Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos **ensinará todas as coisas** e vos **fará lembrar de tudo que vos tenho dito** (João:14-26).

Assim, desde meados do século XIX, a mediunidade tem estado presente no mundo cristão, de forma constante. Grandes médiuns têm despontado possibilitando estudos, análises e pesquisas por parte de cientistas, médicos, técnicos, estudiosos e investigadores, que chegavam a amarrar e até acorrentar os médiuns, deixando-os nus, para terem certeza de que não podia haver fraude nas manifestações. Enquanto isso, outros, principalmente parapsicólogos, se esforçavam em encontrar algo que pudesse desmentir os fenômenos, criando teorias **não fundamentadas em pesquisas ou experimentações.**

Para melhor aclarar o assunto, vamos extrair alguns trechos do livro de nossa autoria “O que Acontece Depois da Vida” sobre pesquisas relacionadas à mediunidade.

OBS. Caso alguém queira ter acesso às pesquisas apresentadas na íntegra, esse livro pode ser baixado pelo link: <https://progressoespiritual.com/programa>

As Correspondências Cruzadas

Ou “Cross-Correspondences” em inglês (segundo *Ernesto Bozzano***, o termo que melhor explicaria o fenômeno, seria Mensagens Complementares), é um dos

fenômenos que possibilitaram as mais plenas comprovações da existência e comunicabilidade dos espíritos.

Tratava-se de comunicações obtidas pela escrita automática por médiuns diferentes, geralmente distantes uns dos outros. Cada comunicação se apresentava cheia de lacunas, quase sempre ininteligíveis quando isoladamente apreciadas, mas, quando reunidas como as peças de um jogo de paciência, o quadro estava perfeito. Os médiuns não tinham qualquer comunicação entre si, muitos habitavam cidades diferentes e nem se conheciam. E, de um modo geral, as mensagens quase sempre foram entregues ao mesmo tempo.

Conforme *Sir Oliver Lodge****: “A finalidade desses esforços engenhosos e complicados, é evidentemente o de provar que esses fenômenos são obra de inteligências bem definidas, distintas da de qualquer um dos médiuns. A transmissão por fragmentos de uma mensagem ou de um trecho literário ininteligíveis para cada um dos escreventes, tomada isoladamente, exclui a possibilidade de uma comunicação telepática entre estes.”

As primeiras experiências tiveram início em Londres, na Inglaterra, no dia 17 de dezembro de 1906 e se estenderam até o dia 2 de junho de 1907.

Sete médiuns psicógrafos tomaram parte.

Nestas comunicações o mesmo Espírito se manifestava por dois ou três médiuns, fornecendo mensagens fragmentárias a cada um deles. Só quando foram reunidas as comunicações é que se verificou a interligação entre elas. Assim, dois médiuns recebiam duas diferentes mensagens, mas a conexão entre ambas surgia numa terceira mensagem, obtida por outro médium. As mensagens eram recebidas em Latim e vertidas para o inglês pelo Dr. A. W. Verral.

Vale ressaltar que, quando mais tarde as mensagens foram comparadas, apresentavam relação com três homens já falecidos, todos tinham sido fundadores em 1882, da Society for Psychical Research. Foram eles: Henry Sidgwick (1838-1900), Frederic Myers (1843-1901) e Edmund Gurney (1847-1887).

Acrescentando, diz Bozzano: “Complicam também a natureza das comunicações, tiradas da literatura antiga, pela sutileza das alusões e pelo embaralhamento. Só um longo estudo permite reconstituir esse jogo de paciência literário e perceber a intenção que presidiu à sua reunião.”

O material gerado nas correspondências cruzadas está reunido em 24 volumes, cada um deles com cerca de 500 páginas, perfazendo um total de 12 mil páginas. São provas coletadas por um extenso período (trinta anos, segundo o pesquisador Montague Keen). Existem apenas 13 cópias

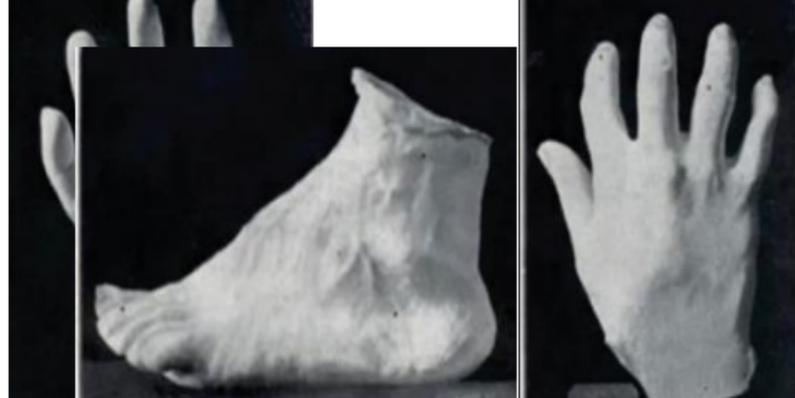
dessas correspondências em todo o mundo.

Efeitos físicos - materializações

“Os fenômenos de materialização constituem as mais altas e irrefragáveis demonstrações da imortalidade. Surgir um ser defunto diante dos espectadores com uma forma corpórea, conversar, caminhar, escrever e desaparecer, quer instantaneamente, quer gradativamente, sob as vistas dos observadores, é decerto o mais empolgante e o mais singular dos espetáculos.” (Ernesto Bozzano)

As materializações de espíritos permitem plenas comprovações da realidade espiritual, tais como as **luvas de parafina**, quando o espírito materializado mergulha a mão ou o pé numa vasilha com parafina fervente e a seguir em água fria, até se formar uma luva ou uma meia. Depois ele desmaterializa a mão, ou o pé, ficando a luva ou a meia com todos os detalhes, inclusive veias. Seria absolutamente impossível gerar tais coisas, sem as materializações.

Os materiais, como luvas e meias de parafina, obtidos pelo Dr. Gustave Geley, Professor da Faculdade de Medicina de Lyon estão conservados no Instituto Metapsíquico International em Paris.



Florence Cook

A Srta. Florence Cook, com 15 anos de idade quando foram iniciadas as pesquisas, foi a principal médium pesquisada pelo cientista inglês Sir William Crookes, cujo intento era desmascarar os fenômenos espirituais. Essa pesquisa foi narrada detalhadamente por Crookes no livro "Researches in the Phenomena of Spiritualism".

Foi a própria Florence quem o procurou a fim de solicitar-lhe que investigasse a sua mediunidade. Eis como ela narra o episódio:

"Fui à casa de Mr. Crookes sem dizer nada aos meus pais nem aos meus amigos. Ofereci-me como em sacrifício voluntário perante a sua incredulidade. Pouco antes se dera o desagradável incidente com Mr. Volckman.

Os que não conheciam o fenômeno dirigiam palavras cruéis contra mim. Mr. Crookes fizera um comentário que me atormentava e foi por isso que me decidi a ir procurá-lo. Ele me recebeu e eu lhe disse: - Já que acreditais que sou uma impostora, se quiserdes virei submeter-me a experiências em vossa própria casa.

Vossa esposa pode vestir-me como quiserdes e deixarei convosco

o que tiver trazido. Podereis vigiar-me como vos aprouver; submeter-me-ei às experiências que desejardes, de modo que vos contenteis em todos os sentidos.

Só imponho uma condição: se verificardes que sou agente de uma mistificação, denunciarei-me publicamente; mas se vos certificardes de que os fenômenos são reais e de que eu mais não sou que o instrumento de forças invisíveis, isso direis ao público de modo que todo o mundo tome conhecimento da verdade.”

William Crookes aceitou o repto e, após quase quatro anos de pesquisas, com Florence Cook e outros médiuns, para grande desagrado da maioria dos seus pares, proclamou a autenticidade de tais fatos, dizendo: “Não digo que isso seja possível; afirmo que isso é real”.

Sir William Crookes – alguns apontamentos

Um médium, circulando em minha sala de jantar, não podia, estando eu sentado em outra parte da sala, com várias pessoas que o observávamos atentamente, fazer tocar, por fraude, uma harmônica, que eu segurava em minha mão, com as teclas para baixo, ou fazer flutuar essa mesma harmônica aqui e ali na sala, enquanto ela tocava durante todo o tempo.

Não podia trazer consigo um aparelho para agitar as cortinas das janelas, ou elevar as venezianas até oito pés de altura; dar nó em um lenço e colocá-lo em um canto distante da sala; vibrar notas, à distância, em um piano; projetar uma porta-cartas através do aposento; levantar uma garrafa e um cálice acima da mesa; fazer mover um leque e abanar os assistentes, ou ainda pôr em movimento um pêndulo encerrado em uma vitrina, solidamente presa à parede.

(**OBS.** Os espíritos podem materializar apenas partes do corpo, membros, dedos etc., para suas manifestações)

Não foi sem motivos que o médico fisiologista francês Dr. Charles Richet, descobridor da soroterapia e da anafilaxia, Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina (1913), disse:

“As experiências de Crookes são de granito e nenhuma crítica prevalece contra elas. Aconselho a lerem com cuidado os relatos de Crookes e não de se convencer da realidade dos fatos, a menos que se resignem a tratar Crookes de imbecil, o que seria uma imbecilidade.”

Escrita direta ou Pneumatografia

É a escrita produzida diretamente pelos Espíritos. Difere da psicografia porque esta é a transmissão do pensamento do Espírito pela mão do médium.

Barão de Guldenstubbé

Foi um grande pesquisador da alma e que teve também as suas obras queimadas na Espanha pela Santa Inquisição no dia 9 de outubro de 1861 no conhecido AUTO-DE-FÉ EM BARCELONA. De origem sueca, pertencia a antiga família escandinava, de nomeada histórica, tendo dois dos seus antepassados do mesmo nome sido queimados vivos, em 1309, na companhia de Jacques de Molay, por ordem do Papa Clemente IV.

O Barão passava uma vida retirada. Sua memória é afetuosamente respeitada por sua conduta nobre, urbana e benévola e por seus numerosos atos de modesta caridade. Dedicou-se mais às experiências da escrita direta na França, onde obteve em 13 de agosto de 1856, o primeiro sucesso nessa modalidade de comunicação dos espíritos.

Durante treze anos de pesquisas, Guldenstubbé reuniu mais de duas mil provas de “escrita direta”. Colocavam uma folha de papel em branco dentro de um cofre, que fechavam. As testemunhas permaneciam na sala para não permitir fraudes e, ao abrirem o cofre, no papel havia escritos, desenhos, etc. Escreveu o livro intitulado "La Réalité des Spirites et de leurs Manifestations" (A Realidade dos Espíritos e de suas Manifestações) (1857). E também a obra Pensées d'outre-tombe (1858).

Logrando êxito, Guldenstubbé passou a obter seus escritos pneumatográficos a qualquer lugar e hora, a céu aberto, em cima de uma lápide, local que ele especialmente gostava. Entre os lugares onde os experimentos foram improvisados com sucesso estão o Louvre, o Museu de Versailhes, a Catedral de São Denis, Abadia de Westminster, o Museu Britânico, os Cemitérios de Montparnasse, Montmartre e Père-Lachaise, Bois de Bolonha e várias igrejas e ruínas antigas na França, Alemanha, Áustria e Inglaterra.

Guldenstubbé era rico, sua independência e a consideração que desfrutava no alto mundo afastam incontestavelmente qualquer suspeita de fraude voluntária, pois nenhum motivo interesseiro (mercantilista) poderia movê-lo. Poder-se-ia admitir a sua própria ilusão, mas a isso responde decisivamente um fato: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas que se cercaram de todas as precauções necessárias para evitar qualquer trapaça ou motivo de engano.

A lista de testemunhas, que assistiram os experimentos do Barão, inclui os nomes de H. Delamarre, editor de o Patrie; H. Choisselat, editor de o Univers; Sr. Dale Owen; M. Lacordaire, irmão do grande orador; N. de Bonochose, historiador; M. Kiorboe, um bem-conhecido pintor sueco; o Barão von Rosenberg, embaixador alemão na corte de Wurtemberg; Príncipe Leonilde Galitzin e dois outros representantes da nobreza de Moscou; e o rev. William Mountford, que contribuiu com seu testemunho

pessoal ao *The Spiritualist* de 21 de dezembro de 1877.

“Esses fenômenos – disse Guldenstubbé - estão agora firmados sobre a base sólida dos fatos, permitindo que de ora em diante consideremos a imortalidade da alma como um fato científico, e o Espiritismo como uma ponte lançada entre este mundo e o Invisível.”

Experimento de Scole

a) A mais recente grande pesquisa foi o Experimento de Scole, que teve lugar na Inglaterra. O grupo havia se formado no início de 1993 e operado de forma completamente independente do movimento espiritualista ou de qualquer outra organização. Eles eram não-religiosos e não-sectários. Seu trabalho foi destinado a ser universal e abraçar pessoas de todas as esferas da vida, independentemente das suas crenças.

Eles se reuniam em sessões experimentais duas vezes por semana para o desenvolvimento de fenômenos paranormais físicos tangíveis e objetivos no porão de uma casa no vilarejo de Scole, região de Norfolk – Inglaterra, que se transformara em uma sala de ciência experimental.

Os experimentos realizados foram muitas vezes acompanhados por equipes de membros da Society for Psychical Research (SPR) de Londres, e renderam um extenso relatório feito pelos cientistas que acompanharam tais experimentos, comprovando a veracidade dos mesmos. O relatório foi denominado de “O Relatório Scole”.

O Scole Experiment tornou-se amplamente considerado como a mais importante investigação científica de evidências de vida após a morte, tendo em vista que **cientistas altamente qualificados e objetivos, e toda uma gama de outras pessoas que participaram das sessões do Scole Group, com experimentos que duraram 5 anos, e 500 sessões, num total de 1000 horas, em vários locais e em diversos países, saíram convencidos de que invisíveis inteligências desencarnadas (espíritos) estavam fazendo contato direto com os presentes.**

A primeira edição do livro, publicado no Reino Unido em 1999, com o título: *The Scole Experiment: Scientific Evidence for Life After Death*, tinha gerado uma grande discussão na mídia nacional e local.

Numerosos programas de rádio e televisão publicaram a história. Os jornais nacionais dedicaram extensos centímetros de coluna. O Times colocou o The Scole Experiment na primeira página de sua revista de domingo e o Daily Mail publicou o livro em suas páginas centrais durante vários dias. Um feroz debate também se acendeu na internet.

Uma nova e esperada edição de 2006 incluiu uma atualização sobre o fascinante progresso dos

experimentos contínuos envolvendo os médiuns do Scole.

O Experimento da Scole "Evidência Científica para a Vida após a Morte", apresenta os 5 anos e 500 sessões de experimentos para o leitor em geral, e tão "importante para a ciência", em três livros: <https://www.thescolexperiment.com/>, e com imagens, descrições e análises, num documentário cinematográfico de 86 minutos no Youtube:

https://www.youtube.com/watch?v=6qSEi_sfaSU&t=2438s em inglês.

Transcomunicação Instrumental

Outra pesquisa que ainda se mantém ativa, apresentando resultados importantes é a TCI - Transcomunicação Instrumental.

Em 1959, na Suécia, Friedrich Jürgenson, gravando cantos de pássaros, espantou-se ao ouvir coisas estranhas em meio à gravação. Ouvindo com mais cuidado, notou que eram vozes de pessoas e podiam ser percebidas palavras em vários idiomas, o que descartaria a hipótese de interferência de alguma rádio. Aprofundando-se mais em novas tentativas de gravação, assombrou-se ao perceber que as vozes o chamavam pelo nome, apelidos, e podiam responder a perguntas feitas ali no local, o que também descartava a hipótese de captação de radioamador ou outro tipo de transmissão à distância e, indagando de quem eram aquelas vozes, a resposta não tardou: "Somos os mortos".

Jürgenson passou então a realizar as mais diversas experimentações e pesquisas até convencer-se de que eram mesmo espíritos que estavam se comunicando. Foi quando decidiu apresentar seus trabalhos a cientistas, técnicos em informática, parapsicólogos e jornalistas. Em 1964 publicou seu primeiro livro *Les voix de l'Univers*.

Esse foi apenas o primeiro passo nas pesquisas de TCI. Na Europa e nos Estados Unidos, cientistas, técnicos e estudiosos passaram a desenvolver pesquisas, construir aparelhos e utilizar técnicas que foram ampliando as possibilidades de comunicação, que hoje acontecem através de computadores, radio, fax, telefone, e até mesmo com som e imagem por aparelhos de tv.

TERCEIRA PARTE - Grandes médiuns

Chico Xavier

Francisco Cândido Xavier, ou simplesmente Chico Xavier (1910 - 2002 - Brasil), é considerado um dos maiores médiuns da história, tendo se dedicado principalmente à psicografia (quando o espírito comunicante, atuando sobre a mente do médium, leva sua mão a escrever).

Era de família muito pobre. Perdeu a mãe aos cinco anos de idade, e mal conseguiu completar quatro anos de estudos. Trabalhou a partir dos oito e seus empregos foram vendedor em armazém, tecelão e datilógrafo. Também doenças vieram precocemente fazer-lhe companhia. Primeiro os pulmões, depois os olhos e mais tarde a angina.

Chico sempre se sustentou com seu modesto salário, não onerando a quem quer que fosse. Jamais se locupletou como médium. Durante cerca de 65 anos psicografou mais de 450 livros, escritos em prosa e verso, crônicas, mensagens, romances, contos, reportagens, sobre ciência, filosofia, religião, etc., que já tiveram mais de 60 milhões de exemplares vendidos em português e com traduções em inglês, espanhol, japonês, esperanto, francês, alemão, italiano, russo, mandarim, romeno, sueco, finlandês, grego, húngaro, braile, etc., dos quais por lei lhe pertenciam os direitos autorais, mas **de todos se desfez** doando-os a federativas espíritas e a instituições assistenciais beneficentes.

Conforme Geraldo Lemos Neto, presidente da Fundação Cultural Chico Xavier, o livro *Nosso lar*, pelo espírito André Luiz é o best-seller, com mais de 3 milhões de unidades comercializadas só no Brasil, onde também virou filme, com lançamento em 2010, quando Chico completaria 100 anos.

Chico psicografava em idiomas que não conhecia, por vezes com as duas mãos ao mesmo tempo, e escritas de trás para frente, de forma que precisavam ser lidas diante de um espelho.

Psicografou também cerca de dez mil cartas "de mortos para suas famílias". As pessoas iam chegando às centenas ao Grupo Espírita da Prece e, enquanto junto ao auditório se realizavam reflexões sobre a vida, a importância do amor, do perdão, da humildade etc., Chico se concentrava e, de olhos fechados, o lápis ia correndo sobre as folhas de papel em alta velocidade. Na parte final da reunião, ele ia pegando as folhas psicografadas e, conforme ia lendo as mensagens, as pessoas às quais eram dirigidas, só pelo teor da carta já percebiam de quem se tratava e se aproximavam emocionadas, as mães em lágrimas de felicidade por terem reconhecido seus filhos, recebendo das mãos de Chico as cartas confortadoras. Muitas dessas cartas continham dados que só o espírito autor e o destinatário sabiam.

O pesquisador da Universidade Estadual de Londrina-PR, Prof. Dr. Carlos Augusto Perandréa, pós-graduado em criminologia, durante cerca de 14 anos estudou cientificamente 400 cartas psicografadas por Chico Xavier, utilizando a grafoscopia, a mesma técnica com que avaliava assinatura para bancos, polícias e o Poder Judiciário. Perandréa comparou a letra dos indivíduos antes da morte e depois nas cartas psicografadas,

concluindo que todas as psicografias possuíam autenticidade gráfica dos referidos mortos. Em 1991, publicou o resultado desse estudo no livro intitulado "A Psicografia à Luz da Grafoscopia".

Também a AME-SP-Associação Médico-Espírita de São Paulo, fez um estudo de 45 cartas psicografadas por Chico Xavier, o que gerou o livro "A Vida Triunfa", em 1990. A partir de dados colhidos por um questionário padrão feito aos destinatários das cartas, a AME-SP chegou a várias constatações, como, por exemplo: 100% das famílias declararam 100% de acerto nos dados informados nas cartas.

Apesar de ter estudado apenas até o 4º ano primário, Chico psicografou, junto com o médium Valdo Vieira, pelo espírito André Luiz, o livro "Evolução em dois Mundos", abordando questões científicas da evolução, partindo do átomo, passando pelos minerais, os seres microscópicos, os vegetais, os animais, até atingir as raças primitivas de humanos etc. Entrelaçada a essa evolução física, o autor detalha a evolução dos "princípios espirituais" partindo do instinto, alcançando a razão e a inteligência.

OBS. Enquanto Chico Xavier psicografava os capítulos ímpares desse livro, em **Pedro Leopoldo-MG-BR**, a mais de 600 quilômetros de distância, em **Uberaba-MG**, Waldo Vieira, psicografava os capítulos pares. Ao juntarem as psicografias dos dois médiuns não se observou qualquer diferença entre os estilos das mesmas e os conteúdos formavam um todo harmonioso.

Esse livro foi publicado em 1958, e no final do século essa obra já contava com mais de 60.000 volumes em circulação.

Para o entendimento desse livro, o Prof. José Marques Mesquita, com revisão técnica do Prof. Gerson Sestini, criaram um Elucidário a fim de que os leitores pudessem entendê-lo, porque, conforme disseram, "haverá dificuldades quase intransponíveis para plena inteligência do texto, se não houver um amparo constante de bons dicionários ou, então, de especialistas nas mais diversas Ciências".

Disse o Autor espiritual, André Luiz, que o livro "Evolução em dois Mundos" era uma **apostila** de um **curso a que ele assistira no Mundo Espiritual**.

Alguns grupos formados por biólogos, médicos, zoólogos, botânicos, geólogos etc. dedicaram-se a estudar esse livro, sem terem encontrado nele erros ou contradições com referência aos conhecimentos de suas áreas.

Ao longo de sua vida, Chico Xavier recebeu o título de cidadão honorário de mais de cem cidades brasileiras, inclusive as principais; foi considerado como o maior "líder espiritual" do Brasil; em 1981 e 1982, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz, tendo havido uma mobilização de cerca de dois milhões de pessoas

que deram suas assinaturas no Brasil e em organizações de 29 países pedindo o Nobel da Paz para ele; em 1999 o Governo do Estado de Minas Gerais instituiu a *Comenda da Paz Chico Xavier*, e em 2012 foi eleito "O Maior Brasileiro de Todos os Tempos" num concurso realizado pela Rede nacional de TV SBT, cujo objetivo foi "eleger aquele que fez mais pela nação, que se destacou pelo seu legado à sociedade", tendo recebido 71,4% dos votos, vencendo Santos

Dumont e Princesa Isabel. Mas ele jamais se envaideceu, afirmando sempre que não passava de um carteiro a trazer as mensagens dos espíritos.

Por dados estatísticos fornecidos por órgãos da Imprensa Nacional, em seu velório que se iniciou no domingo, 30 de junho, até terça-feira, 2 de julho de 2002, em certos momentos, a fila chegou à extensão de 4 km. E diante do esquife, a média era de 40 pessoas, a cada minuto. Era comovente a serenidade e o silêncio do povo, apesar de ter que esperar horas e horas seguidas na fila, sob o forte sol uberabense, para a despedida aos despojos físicos do médium. Foi sepultado com honras militares debaixo de uma chuva de pétalas de rosas.

As palavras de Jesus "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei", representaram para Chico Xavier a correta filosofia de vida, e aconselhava com sua voz cada vez mais desafinada e fraca, em razão da idade avançada: "Amar sem esperar ser amado e sem aguardar recompensa alguma. Amar sempre."

Foi cognominado: "Um homem chamado amor".

Algumas de suas frases:

"Fico triste quando alguém me ofende, mas, com certeza, eu ficaria mais triste se fosse eu o ofensor... Magoar alguém é terrível!"

"Deus nos concede, a cada dia, uma página de vida nova no livro do tempo. Aquilo que colocarmos nela, corre por nossa conta."

"Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim".

Divaldo Franco

Divaldo Pereira Franco: professor, médium, escritor, orador, e filantropo brasileiro. É considerado um dos maiores divulgadores da doutrina espírita na atualidade.

Desde 1947 vem proferindo conferências no Brasil e no Exterior, onde já esteve em mais de sessenta países dos cinco continentes, realizando mais de 12.000 palestras.

Até o início da pandemia da Covid-19 era emocionante vê-lo, aos 90 anos de idade, a realizar ciclos de palestras nos mais diversos países, em viagens cansativas, sem espaços para um repouso adequado e sofrendo fortes dores, devido a problemas na coluna.

No dia 7 de setembro de 1947, juntamente com seu amigo Nilson de

Souza Pereira fundou o Centro Espírita Caminho da Redenção e no dia 15 de agosto de 1952 dá início à magnífica Obra social da Mansão do Caminho.

A Mansão do Caminho acolhe crianças sob o regime de Lares Substitutos e Divaldo é o pai que eles não tinham. Em 20 Casas Lares, já educou mais de 600 “filhos”, hoje emancipados, a maioria com família constituída. Na década de 60, iniciou a construção de escolas, oficinas profissionalizantes e atendimento médico.

Hoje, essa instituição é um admirável complexo educacional com 83.000 m² e 50 edificações que atende a milhares de crianças e jovens de famílias de baixa renda, num dos bairros periféricos mais carentes de Salvador. O complexo atende a diversas atividades socioeducacionais como: enxovais, Pré-Natal, Creche, escolas de ensino básico de 1º e 2º graus, Informática, Cerâmica, Panificação, Bordado, Reciclagem de Papel, Centro Médico, Laboratório de Análises Clínicas, Atendimento Fraternal, Caravana Auta de Souza, Casa da Cordialidade e Bibliotecas.

Divaldo já psicografou mais de 250 obras e os livros vendidos já alcançaram mais de dez milhões de exemplares, dos quais 104 títulos já foram traduzidos para 17 idiomas.

A renda proveniente da venda dessas obras, bem como os direitos autorais foram doados, em Cartório, à Mansão do Caminho e outras entidades filantrópicas.

Zé Arigó

Nascido em Congonhas, estado de Minas Gerais-Brasil, José Pedro de Freitas (1921-1971) se tornou Zé Arigó (significa matuto, caipira) no coração do povo e, principalmente, na esperança de milhões de pessoas em busca de cura, que o procuraram durante os 20 anos de mediunidade, sempre voltada a atender doentes, sem jamais cobrar um centavo sequer.

Zé Arigó possuía formação católica tradicional, mas apesar da desaprovação da Igreja e das autoridades civis, fundou uma clínica em Congonhas, onde chegava a tratar, gratuitamente, até duzentas pessoas por dia, oriundas da região, dos diversos Estados do país, da América do Sul, da Europa e dos Estados Unidos. Incorporado com o espírito Dr. Adolf Fritz, ou melhor, o Espírito Dr. Fritz incorporado nele, utilizando-se de facas e canivetes extraia em rápidos procedimentos, quistos e tumores. As incisões eram pequenas, se comparadas aos procedimentos cirúrgicos praticados à época, muitas vezes menores que o material por elas extraído. Por vezes, durante a intervenção, Dr. Fritz ditava uma receita, datilografada por um dos assistentes, para ser entregue ao paciente.

Em 1963, Dr. Andrija Puharich, médico e pesquisador que prestava serviços ao Governo Americano, e

Henri Belk, fundador de uma fundação para pesquisa de fenômenos paranormais, deslocaram-se até Congonhas, acompanhados por dois intérpretes da Universidade do Rio de Janeiro e por Jorge Rizzini, conhecido pesquisador espírita brasileiro, para iniciar uma pesquisa com Zé Arigó.

Jorge Rizzini se ofereceu para filmar qualquer coisa que os americanos julgassem ser uma prova conclusiva. Como, porém, encontrar algo de imediatamente verossímil, que convencesse mesmo os espectadores mais céticos?

Dr. Puharich era portador de um tumor, sem caráter maligno, um lipoma, há mais de sete anos, dentro do cotovelo esquerdo, que, apesar de indolor, incomodava um tanto. Uma cirurgia normal levaria cerca de 20 minutos para removê-lo. Depois de angustiada indecisão, Dr. Puharich resolveu pedir a Arigó para extirpar o lipoma. Foram feitos todos os preparativos para a filmagem do evento.

Quando Puharich chegou à clínica, na manhã seguinte, Arigó, ou melhor, Dr. Fritz virou-se para os pacientes que já enchiam a sala e perguntou, com seu forte sotaque alemão:

– Alguém aí tem um bom canivete brasileiro para usar neste americano?

Embora horrorizado, Puharich não podia mais recuar. De todos os lados apareceram canivetes. Dr. Fritz escolheu um e voltou-se para o paciente:

– Arregace a manga, doutor.

Nervosamente, o americano verificou a colocação da câmera. Rizzini posicionou-se para a filmagem.

– Olhe para lá! – recomendou Dr. Fritz.

Alguns segundos depois, Puharich sentiu na palma da mão algo macio, juntamente com o canivete. Era o lipoma. Olhou para seu braço e notou a parte onde ficava o tumor totalmente desinchada. Havia apenas uma pequena incisão, de menos de cinco centímetros de comprimento e uma pequena quantidade de sangue. O americano experimentou apenas uma vaga sensação e declarou mais tarde:

– Nada senti. Não podia acreditar no que aconteceu e, entretanto, acontecera, pois quanto a isso, não pode haver mais dúvida.

A cirurgia não foi seguida de qualquer infecção e o ferimento cicatrizou completamente. O filme de Rizzini ficou muito nítido e mostrou que a operação durara apenas cinco segundos. Os americanos não tiveram mais dúvidas e ficaram totalmente convencidos da veracidade dos fenômenos.



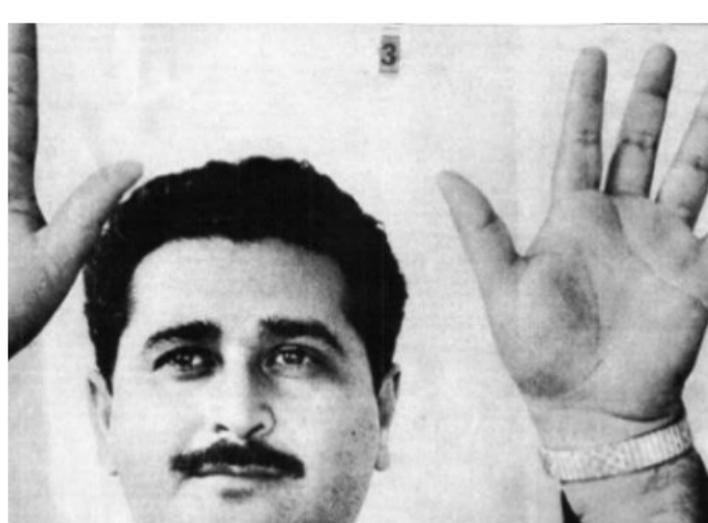
Dr. Andrija Puharich, segundos depois de ter sido operado pelo Espírito Dr. Fritz, por intermédio do médium José Arigó. A seu lado o pesquisador William Belk, presidente da Belk Foundation.

As pesquisas iniciadas por Puharich e seu colega Belk foram continuadas por outros médicos de sua equipe durante os cinco anos posteriores. Muitos nomes conhecidos internacionalmente passaram dias em Congonhas, portando sofisticada aparelhagem, com a finalidade única de estudar os trabalhos de Zé Arigó/Dr. Fritz.

Em 1968, mais dois médicos americanos chegaram a Congonhas para complementar as pesquisas. Os doutores Laurence John e P. Aile Breveter, da William Belk Psychic Foudation, declararam que mais de 95% dos diagnósticos do Dr. Fritz eram corretos, e que seus exames e as operações realizadas com facas e canivetes, sem qualquer assepsia e sem anestesia, só eram possíveis devido à sua sensibilidade, somente explicável através da parapsicologia.

Realmente, o fenômeno Zé Arigó foi um dos casos de mediunidade mais extraordinários em todo o mundo, e até sua morte, em 11 de janeiro de 1971, vítima de acidente automobilístico na BR-040, ele foi citado e comentado em todas as revistas internacionais de grande projeção.

Seus biógrafos registram que Arigó, já havia atendido mais de quatro milhões de doentes, quando teve um sonho com um crucifixo negro, convencendo-se de sua morte próxima. No dia em que faleceu, como de hábito, compareceu à sua clínica, mas avisou os pacientes que o aguardavam que necessitava ir a uma localidade próxima para buscar um carro usado, que acabara de adquirir. Segundo o boletim de ocorrência policial, *“Na rodovia BR-040, às 12:23h de 11 de Janeiro de 1971, José Pedro de Freitas (Zé Arigó), vítima de mal súbito*, perdeu a direção do Chevrolet Opala que dirigia, ingressando na contramão onde colidiu com um veículo do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), vindo a falecer vítima de traumatismo cerebral.”*



**Vítima de mal súbito* - Foi explicado pelo próprio Dr. Fritz, posteriormente, que Zé Arigó havia concluído sua missão com louvor e, chegado o momento de seu retorno ao mundo espiritual, em razão de seus merecimentos foi retirado do corpo físico, antes do acidente, para não ter de passar por esse trauma. Daí a causa do *mal súbito*.

Médiuns investigativos

Há também médiuns investigativos, como a americana Noreen Reiner.

“Não me conte nada sobre o caso.” Foi assim que ela recebeu o investigador Joe Uribe em sua casa, na Flórida, em 1993. O caso em questão era o assassinato do auditor fiscal Walter Sullivan, 4 anos antes. Noreen pegou o cinto e o relógio que a vítima usava quando morreu e fechou os olhos. De repente, começou a convulsionar, em uma espécie de transe, e falou:

“Estão batendo em mim, estou muito machucado, acho que atiraram na minha nuca.” Quando voltou a si, ela sabia descrever com detalhes o rosto do assassino, o de sua mulher, o local da morte e o esconderijo da arma do crime. “Nunca acreditei nesse tipo de coisa”, diz o investigador Joe Uribe. “Mas resolvi ir atrás. E descobri que ela tinha acertado até o último detalhe, inclusive a cor da casa do assassino.” O culpado, Eugene Moore, confessou o crime e só não acabou atrás das grades porque foi morto enquanto tentava fugir da polícia.

O Profeta adormecido

Edgar Cayce (1877 / 1945) foi um paranormal norte-americano que canalizava respostas para questões que tratavam sobre espiritualidade, imortalidade, reencarnação, saúde, entre outras.

É considerado um dos maiores clarividentes da História. Era chamado pela mídia norte-americana como "O Profeta Adormecido", porque predizia eventos futuros e prescrevia medicamentos com os olhos fechados, relaxado sobre um divã e ao lado de uma taquígrafa que realizava as anotações.

Entre algumas predições que se realizaram, estão a do início e do fim dos conflitos da I e II Guerras Mundiais, o surgimento do Nazismo, os conflitos raciais dos EUA desde o início dos anos 20, as datas dos falecimentos de dois dos Presidentes dos EUA à época, a extinção da Liga das Nações (organização que antecedeu a ONU em princípios e objetivos), a Grande Depressão Econômica (1929-1934) dos EUA, o fim do comunismo na Rússia e o surgimento da China como grande potência.

Não vamos citar outros grandes médiuns para não ficar por demais cansativo, mas há também:

Médiuns – **Artistas**, desenvolvendo:

Pintura mediúnica, que é feita em telas, na porcelana etc.;

Esculturas em barro e outros materiais;

Canalização de músicas, como as mais de 150 belas melodias canalizadas por Francisco Nunes e gravadas em 9 CDs (Série Harmonias).

Etc.

Sobre o maior desenvolvimento do Espiritismo no Brasil, pessoas desinformadas dizem que ele começou porque o Brasil era um país subdesenvolvido e o Espiritismo uma doutrina de misticismo etc., mas esse é um grande equívoco.

Vejamos o resultado do último Censo realizado pelo IBGE-Inst. Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010, sobre as religiões seguidas pelos brasileiros, que indicam importante diferença dos espíritas para os demais grupos religiosos.

Segundo a pesquisa, “Os adeptos do espiritismo possuem as maiores proporções de pessoas com nível superior completo (31,5%) e taxa de alfabetização (98,6%), além das menores percentagens de indivíduos sem instrução (1,8%) e com ensino fundamental incompleto (15,0%)”.

QUARTA PARTE - A mediunidade em minha vida

Na infância

A mediunidade esteve presente em minha vida desde criança, apesar de desconhecer sua existência naquela época.

Minha infância foi toda pontilhada de experiências mediúnicas que meus pais entendiam ser manifestação de anjos e mesmo de Jesus. Meu pai foi Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, desde que saiu da faculdade de Teologia de Helsinki – Finlândia, ainda jovem, e toda a sua vida foi sempre dedicada à religião com extrema sinceridade e uma fé profunda, compartilhada por minha mãe. Também ela sempre participou das atividades da Igreja, ora como tradutora, quando o país era visitado por oradores estrangeiros, ora traduzindo livros de sua religião, de outros idiomas para o finlandês etc.

Minha família foi para o Brasil quando eu tinha apenas seis meses de idade e fomos residir em Penedo, uma colônia finlandesa perto de Rezende, Estado do Rio, onde moramos durante cinco anos.

Meu pai foi para o Brasil na condição de missionário, mas ao chegar, ingenuamente e acreditando na honestidade alheia, acabou perdendo todo o dinheiro que levava para iniciar a vida, deixando minha família na pior das situações: sem dinheiro, sem casa e sem falar português. Fomos então morar

numa casinha com teto de sapé (palha) e o chão de terra batida.

Ainda me lembro vagamente desse lugar tão bizarro, já que, nas paredes da sala, feitas de bambu entrançado e preenchido com barro, havia em toda a sua extensão prateleiras com livros, pois meus pais não tiveram coragem de desfazer-se da totalidade da biblioteca que possuíam. Tudo era muito limpo, embora extremamente pobre.

Meu pai, que nunca executara qualquer trabalho manual em virtude de suas atividades como Pastor, passara a fazer serviços de jardinagem, entrega de pão nas casas etc., enquanto minha mãe, que jamais se envolvera com trabalhos domésticos, devido às suas intensas atividades intelectuais e também como fundadora que foi de várias clínicas de hidroterapia, na Finlândia, agora lavava roupa para fora, pela necessidade de ajudar a prover o sustento da família. Lembro-me bem que, apesar de todas as dificuldades, estavam sempre alegres e confiantes, sem guardar qualquer mágoa dos que lhes fizeram tanto mal.

Meus pais contavam, na inocência de sua sinceridade, fatos que lhes pareciam absolutamente naturais, exaltando a providência divina pelas mãos de Jesus ou dos anjos.

Um desses fatos deu-se em Penedo, num dia em que a família, composta pelo casal e cinco filhos, nada tinha para comer. Reuniram-se no quarto e, todos ajoelhados, pediam ajuda a Jesus. Nisso ouviu-se alguém bater à porta. Minha mãe levantou-se e foi atender. Ninguém. Saiu para fora e rodeou a casa, mas nada. Seria impossível alguém ter-se escondido porque à frente do pequeno imóvel ficava o rio Paraíba, e tanto pelos lados quanto atrás o campo estendia-se à distância, sem locais onde alguém pudesse ocultar-se.

Minha mãe voltou para casa e ao entrar encontrou em cima da mesa da sala um grande embrulho cheio de pão.

Para eles, nada a estranhar. Fora Jesus quem os viera socorrer naquela aflição. Só lhes cabia agradecer, em lágrimas, a dádiva divina.

De outra feita, dessa lembro-me bem, residíamos em Água Branca, no Estado do Rio de Janeiro. Meu pai era guarda-florestal e nossa casa ficava bem no alto da serra, a quase mil metros de altitude. Pelo lado do mar não havia como descer ou subir pois o paredão era quase a pique. Era um lugar magnífico e à noite dava para ver as luzes da cidade de Bananal, lá embaixo.

Certo dia em que meu pai havia ido à cidade, fomos surpreendidos por um incêndio que subia pelo outro lado da serra. Corremos todos para tentar limpar um espaço entre as chamas que subiam rapidamente e a nossa casa. O mato rasteiro, muito seco, estava difícil de arrancar e por mais que fizéssemos parecia-nos

impossível conseguir evitar uma tragédia.

Minha mãe orientou-nos a orarmos, pedindo ajuda a Jesus, enquanto trabalhávamos. Assim fizemos e logo surgiram dois homens, não se sabe de onde, e puseram-se a nos ajudar. Com esse reforço foi possível, mesmo a muito custo, controlar o incêndio, de forma a que não atingisse nossa casa. Quando finalmente pudemos respirar tranquilos, mamãe aproximou-se dos homens, para agradecer a preciosa ajuda e perguntou de onde eram. Um deles respondeu, naquela linguagem do interior: “Somo lá de riba”. Estranhando a resposta, já que mais ninguém residia naquela serra, minha mãe voltou-se para nós que, apesar de crianças, também tínhamos ficado surpreendidos com aquela resposta. Certamente estavam brincando conosco. Ao voltarmos a olhar para eles, não mais estavam ali.

Fatos assim, tão inusitados, eram bastante comuns em nossa vida. Se fossem apenas duas ou três ocorrências poderíamos acreditar em alguma explicação mais natural. Mas como foram inúmeras, certamente ao menos algumas delas foram realmente mediúnicas.

Questionamentos

Quando criança, como tinha de ler a Bíblia todas as manhãs e todas as noites, começava em Gênese, terminando no Apocalipse, para recomeçar em Gênese e, nessas leituras, principalmente do Antigo Testamento, ficava perplexa ante a incoerência, os absurdos e contradições que ia encontrando aqui e ali. Por exemplo:

Diz a Gênese que o primeiro ato de Deus foi a criação da luz, chamando-a dia e às trevas, noite. No segundo e terceiro dias criou o firmamento, a terra, os mares, a relva, as árvores... Só no quarto dia é que fez o sol, a lua e as estrelas. Não podia entender como criara Ele os dias e as noites antes do sol, da lua e das estrelas...

Em Deut. 18:13, Jeovah diz ao povo: “Perfeito serás como o Senhor teu Deus”. No entanto, ao longo de todo o antigo Testamento, ia encontrando as mais vis injustas e cruéis ações, ordenadas por Jeovah, tais como, as narrativas sobre a conquista dos territórios e cidades da “Canaã” prometida, em que o exército israelense recebia ordens para matar tudo que tivesse fôlego: velhos, mulheres, crianças e até os animais. Em algumas passagens só era autorizado a deixar com vida as virgens para servirem de diversão aos soldados.

No Pentateuco há dezenas de passagens em que Deus se arrependia de seus atos, como se o Supremo Senhor da vida e do universo não soubesse o que fazer.

Também observava que as leis de Moisés, apresentadas como proveniente de Deus, continham os mais terríveis absurdos, com pena de morte para inúmeros “crimes”,

quando um dos dez mandamentos proíbe matar. Por exemplo:

“O incircunciso que não for circuncidado, será eliminado”. (Gen. 17:14).

“O que amaldiçoar pai ou mãe, será morto”. (Êxodo 21:17).

“Pena de morte para quem trabalhar, ou fizer alguma coisa no sábado”. (Êxodo 31:15).

“Aquele que comer sangue, também será morto” (Levit. 7:27).

“Quem se chegar a uma mulher no período (leia-se, durante a menstruação), ambos serão mortos” (Levit. 20:18).

“Um filho desobediente deve ser apedrejado até que morra”. (Deut. 21:18 e 21).

“Mulher casada não achada virgem, deve ser apedrejada até morrer”. (Deut. 22:21).

“Quem se chegar a mulher casada, ambos morrerão”. (Deut. 22:22).

Igualmente, perguntava a mim mesma sobre o porquê de tantas diferenças entre as pessoas, não só em termos de sofrimentos e oportunidades, mas também de temperamento, natureza, grau de inteligência etc.

Outra questão que me afligia era a da morte. Não me conformava com a ideia de que um ser humano com tudo o que significa, suas experiências, aprendizados, sentimentos etc. simplesmente se acabasse, se desintegrasse, desaparecendo para sempre.

Muitas outras perguntas também me afligiam, mas esses questionamentos não conseguiam arranhar a fé que eu tinha em Deus, sua justiça, sabedoria e amor, porque tinha a íntima convicção de que havia verdades que um dia conheceria e que iriam conciliar a fé com a razão, com o bom senso.

Quando contava dez ou onze anos, meu irmão, Aaro, que estudava em S. Paulo, foi nos visitar no Paraná, onde residíamos então. Falei-lhe sobre aqueles questionamentos que me estavam angustiando, ao que me respondeu: “Maninha, eu estou estudando o Espiritismo. Ele diz que vivemos muitas existências e que somos hoje o resultado do que fizemos nas vidas passadas”.

Meu Deus!!! Ali estava a resposta, a explicação lógica, límpida e cristalina para tantas contradições, geradoras de tamanhos conflitos. Aceitei imediatamente a ideia da reencarnação como verdade e decidi que, ao ficar adulta, iria estudar o restante dessa doutrina para ver se em seus detalhes também encontraria esses mesmos critérios de justiça, amor e sabedoria do Criador na programação e organização da vida. Se assim fosse, seria espírita.

Sessão de materializações.

Alguns anos mais tarde, em S. Paulo, meu irmão levou-me a assistir a uma sessão de materializações luminosas.

Havia um pequeno auditório com um palco ao fundo, sem portas ou qualquer outra saída. Nesse palco haviam colocado uma grande gaiola de ferro, que podia ser examinada por qualquer um dos presentes, assim como tudo o mais no ambiente.

No auditório, talvez umas 50 ou 60 pessoas.

O médium chegou e foi colocado dentro da jaula, sentado na cadeira e com os pulsos algemados aos braços dela. A jaula foi trancada e a chave entregue aleatoriamente a uma pessoa no meio do auditório.

Passaram um cordão pelas casas dos botões dos paletós dos que se sentavam na primeira fila, prendendo as pontas nas paredes da direita e esquerda do auditório.

Algum tempo depois de apagadas as luzes alguém começou a falar, movimentando-se pelo palco, dizendo que tivéssemos um pouco mais de paciência que logo iríamos ver espíritos materializados. A voz era um pouco estranha, meio eletrônica, e a fala parecia a de um velho brincalhão.

Logo começamos a ouvir sons estranhos e vimos uma radiola, daquelas manuais, levantar-se de sobre um móvel e sair volitando rapidamente pela sala, ao mesmo tempo em que se ouvia o som da manivela sendo girada, e o disco punha-a a tocar. Na verdade, não víamos a radiola mas umas cruces nela pintadas com tinta fosforescente e podíamos acompanhá-la através da música e das cruces luminosas.

A radiola movimentava-se com incrível velocidade, parava repentinamente e seguia em outra direção, ziguezagueando sem parar. Voava em linha reta, fazia curvas, subia, descia, passava rente às nossas cabeças e mesmo assim, em movimento, os espíritos trocavam o disco, sem qualquer empecilho. Seria absolutamente impossível a alguém encarnado realizar tal façanha.

De repente, o “velho” começou a sapatear, movendo-se de um lado para outro em meio ao auditório, ao mesmo tempo em que falava, rindo de vez em quando. Nessas andanças ele estava num ponto e quase instantaneamente surgia em outro, no outro lado do salão.

Pouco depois foram aparecendo, um a um, vários espíritos materializados, portando luminosidade estranha. Lembro-me bem de uma mulher coberta com um véu branco, mas que permitia ver-lhe o rosto, de feições afiladas, assim como as mãos, colocadas sobre o peito. Delas brotava de instante a instante uma estranha luz que lhe clareava o rosto e a frente do corpo. Ela veio caminhando pelo palco e passou para o auditório, onde movimentou-se por bastante tempo, dando oportunidade a que todos a vissem de perto e detalhadamente.

Se eu pudesse hoje presenciar de novo tão formidáveis fenômenos, certamente não conseguiria conter a emoção, mas naquela época, não sei

por que, tudo aquilo me parecia perfeitamente natural.

Um fato mediúnico.

Quando contava 14 anos, desejosa de continuar meus estudos, fui residir em S. Paulo, com minha irmã Rute.

Algum tempo mais tarde ingressei, como interna, no curso de enfermagem na Maternidade S. Paulo.

O edifício novo em que funcionava aquele nosocômio, havia sido inaugurado há pouco e o alojamento das funcionárias internas só estava parcialmente pronto. Por isso, fiquei morando provisoriamente, com uma colega, no subsolo do prédio velho, cujos andares superiores já estavam em início de demolição.

Meu horário era no expediente da tarde, terminando às 22;30 horas, e geralmente ia dormir perto da meia-noite, sempre com o rádio ligado, já que havia uns programas de música mexicana e tangos durante a madrugada. Era gostoso acordar e ouvi-los.

Certa noite estava sozinha, pois minha colega de quarto havia sido operada. Pode parecer impossível, mas não sentia medo. Aliás, nunca sentira medo até aquele momento, a não ser de perder o emprego, passar necessidade e coisas semelhantes.

Como de hábito, deitei-me pouco antes da meia-noite, apaguei a luz e fiquei ali ouvindo rádio, aguardando a chegada do sono.

De repente observei que havia uma pequena luz no teto, meio ovalada, de aproximadamente três centímetros de comprimento. Fiquei olhando para ela tentando descobrir sua procedência. Desliguei o rádio, para ver se não provinha dele, mas a luzinha continuava ali. Levantei-me e peguei a vassoura, colocando-a sobre a mesma, mas ela mudou para outro lugar. Procurei interceptá-la com a vassoura, mas nada. Ela parecia surgir de si mesma.

Acendi a luz e não a vi. Decidida a não me ocupar mais com uma “luzinha boba”, apaguei a luz e me deitei novamente. Já estava começando a deslizar para os territórios do sono, quando senti duas mãos geladas, ossudas, horripilantes, agarrando-me pelas costas à altura da cintura. Ao mesmo tempo uma tenebrosa sensação de terror, verdadeiro pânico, tomou conta de mim, de uma forma como jamais poderia supor. Pulei da cama com os cabelos eriçados e permaneci alguns instantes encostada na parede, olhos esbugalhados, tomada de horror. Observei que a luz do quarto estava acesa, o que mais ainda me apavorou. Quem a teria acendido?

Corri ao guarda-roupa, apanhei um casaco, vesti-o sobre o pijama e sai correndo para fora do prédio. Na rua, tudo me pareceu mais seguro e o ar da madrugada asserenou-me um pouco. Decidi passar o resto da noite no hospital. A funcionária da portaria, preocupada, quis saber o que estava acontecendo. Procurando

demonstrar tranquilidade, disse que estava sem sono e que iria até a copa, preparar um chá. É claro que ela não “engoliu” aquela explicação, porque duas horas mais tarde chegou dona Virgínia, a administradora, querendo saber o que acontecera. Disse-lhe a mesma coisa, mas, desconfiada, levou-me até meu quarto, para tirar quaisquer dúvidas. Eu era uma adolescente e estava sob sua responsabilidade.

Quando lá chegamos, quase não conseguimos abrir a porta, em razão do desmoronamento de parte de uma parede.

Meu espanto foi indizível. O que significava aquilo? Que coisa misteriosa, invisível, teria me afastado dali? Quem me quisera salvar de um grande susto, embora me tivesse dado outro muito pior?

Em minha mente e emoções a ideia do que me parecia inexplicável tomou tintas tão fortes e assustadoras que não tive coragem de contar o fato nem mesmo à minha irmã, a não ser anos mais tarde, depois que aquelas impressões perderam intensidade.

Sonhos e premonições

Uma explicação sobre sonhos

Muitos dos sonhos refletem nossas vivências na dimensão espiritual. Quando adormecemos saímos do corpo carnal, embora permaneçamos ligados a ele por filamentos fluídicos, conhecidos como o cordão prateado.

Há vários tipos de sonhos.

Há aqueles em que ficamos flutuando sobre o corpo físico, envolvidos pela onda de pensamentos da nossa mente ou mergulhados em imagens do subconsciente ou mesmo do inconsciente, revendo acontecimentos recentes e até mesmo cenas de vidas passadas. Essas imagens geram sonhos que, geralmente, nos parecem sem sentido.

Há os sonhos produzidos pelas nossas andanças na dimensão espiritual, onde exercemos atividades reais, encontrando-nos com parentes, amigos, instrutores e também com inimigos desta e de outras existências. Esses seres com os quais nos encontramos são geralmente espíritos, mas podem ser também pessoas aqui do mundo físico que, como nós mesmos, estão em momentos de desprendimento pelo sono.

Nessas “caminhadas fora do corpo” nossa ligação com a matéria não nos permite muita lucidez. Por isso, muito do que vemos e vivenciamos, nossa mente, em conexão com o cérebro carnal, interpreta de forma distorcida, permanecendo apenas vagas impressões e/ou emoções, mas há também pessoas que se lembram com maior nitidez do que sonharam.

E há ainda os sonhos produzidos pelos espíritos, bons ou maus, que nos querem dar avisos, orientações ou então desejam nos perturbar.

De outras vezes, nos lembramos nitidamente de um sonho ao acordarmos e ele permanece vivo em nossa memória. Isto pode significar que se trata de um sonho premonitório, ou então um aviso ou orientação que um benfeitor espiritual nos quer passar.

Os sonhos premonitórios ou proféticos se apresentam em formas simbólicas, geralmente com “tintas fortes”, e dificilmente podem ser interpretadas com antecipação.

Acidente em Botucatu

Quando trabalhava na Vasp, como comissária, outros fatos paranormais voltaram a ocorrer.

Certo dia, no aeroporto de Congonhas, ao me aproximar do avião destinado para o voo que faria, tive uma sensação estranha. Na verdade, naquele momento eu soube, não sei como, que sofreríamos um acidente na primeira escala, que seria Botucatu, interior de S. Paulo.

Entrei na aeronave, um DC-3, e perguntei ao mecânico se estava tudo em ordem, se ele havia checado os freios etc. Meio espantado com o inusitado das perguntas, informou que aquele aparelho acabara de sair de uma revisão e estava em excelentes condições.

Para justificar-me disse-lhe que nós iríamos sofrer um acidente naquele voo. O homem riu-se e foi embora.

Quando o comandante embarcou, preocupada, avisei-o de que sofreríamos um acidente, provavelmente na primeira escala.

Na verdade, eu não achava que aquilo fosse intuição. Era mais que isso. Eu simplesmente sabia.

Após a decolagem fui pedir ao radiotelegrafista o boletim meteorológico de Botucatu. Lá, o tempo estava bom, apenas com vento de través.

Antes do pouso tomei as providencias próprias para uma emergência. O avião estava lotado e havia dois bebês a bordo. Disse aos passageiros para dobrarem-se sobre as próprias pernas na hora do pouso, passando os braços por baixo das mesmas. Acomodei os bebês da melhor forma possível e fechei com cadeado a gaveta com as garrafas de refrigerante, no fundo do avião.

Para tranquilizar os passageiros disse-lhes que não se preocupassem porque era meu costume agir assim.

O comandante pousou com velocidade maior que o normal por causa do vento de través e ao frear o avião, o freio da roda esquerda não funcionou. Tentou uma arremetida, mas logo viu que não daria, mesmo porque, na cabeceira da pista, à frente, havia uma mata de eucaliptos. Fez então um “cavalo de pau”, freando a roda direita e acelerando o motor esquerdo, para que o aparelho girasse em torno de si mesmo, até parar. Só que, nesse movimento

quebrou-se um dos trens de pouso e ele saiu da pista, adentrando por um campo com plantações, fazendo um grande sulco até parar com a parte dianteira enterrada no chão, até às asas.

Foi tudo muito rápido, mas naqueles segundos vi o extintor de incêndio passar voando rente às poltronas e pensei em como seria se não tivesse fechado com cadeado a gaveta dos refrigerantes, sem falar nas demais providências que tomara.

Depois que o avião parou consegui abrir a porta e passar para a asa, ajudando os passageiros a saírem. Felizmente, não havia feridos graves, apenas contusões e escoriações, mas a aeronave ficou irrecuperável.

Uma recusa salvadora.

No dia 30 de dezembro de 1958 estava em casa, de reserva, quando me telefonaram dizendo que a caminhonete já passaria para me pegar. Eu iria fazer um voo da ponte aérea Rio/S. Paulo.

Já no aeroporto, no Departamento de Operações, quando me informaram o prefixo do avião que fora escalado, algo estranho aconteceu comigo. Sem o mínimo motivo, sem que quisesse e sem qualquer controle de minha parte, com absoluta firmeza e num tom que não admitia réplica, disse: “Eu não vou fazer esse voo. Em nenhuma hipótese. A Companhia pode me suspender e até mesmo me demitir, mas esse eu não faço. Podem me mandar fazer o pior de todos os voos, que eu vou, mas não esse”.

Eu estava mais surpreendida que o próprio operador, porque jamais me recusara a cumprir alguma determinação da empresa, atendendo sempre a qualquer chamado extra com prazer, pois gostava de voar. Uma recusa daquelas seria considerada falta gravíssima, e eu tinha muito medo de perder o emprego. Quis voltar atrás, mas não consegui. Era como se um outro eu me dominasse.

O operador insistiu, alertando-me para as sanções disciplinares que poderia sofrer, mas diante da minha firme recusa, acabou procurando outra solução. A comissária que vinha do pernoite em Porto Alegre faria o voo e eu faria o de Brasília. Seu nome era Ida, era uma jovem sueca e estava na Vasp há poucos meses. Procurou-me, pedindo que eu voltasse atrás e fizesse a ponte aérea, deixando-lhe o de Brasília, já que esse voo pernoitaria em S. Paulo e ela havia feito projetos para aquela noite.

Respondi-lhe, sempre sob aquele estranho controle, que não poderia atendê-la. “Aquele” voo eu não faria... Em nenhuma hipótese.

Horas mais tarde, quando estávamos almoçando em Belo Horizonte um comandante da Cruzeiro do Sul veio dizer-nos ter ouvido no rádio que havia caído um dos nossos aviões.

Imediatamente, e sem pensar, eu disse qual era o voo do avião

acidentado, o prefixo do mesmo, acrescentando que ele caíra no mar.

Todos olharam para mim, espantados, sem entenderem o que estava acontecendo. O pior é que eu entendia ainda menos que eles.

Logo após a decolagem de Belo Horizonte, recebemos pelo rádio a notícia completa. Era de fato o voo que me recusara a fazer. O avião caíra no mar, na decolagem do aeroporto Santos Dumont, no Rio, e todos os tripulantes haviam morrido. Só se salvaram alguns passageiros.

O choque foi muito grande e só consegui superar o sentimento de culpa com relação à colega que fora no meu lugar, pela convicção de que todas as coisas acontecem da forma como está programado “lá em cima”. Essa convicção me permitiu continuar voando, sem me desequilibrar psíquica ou emocionalmente.

Houve até uma investigação feita pela Polícia Federal, suspeitando sabotagem, por causa da minha atitude insólita. Achavam que eu sabia de alguma coisa.

Acidente na decolagem

De outra feita, sonhei que um avião (da Vasp) decolava pela pista 34 e, assim que tirou as rodas do chão vi que havia fogo nos motores. Ele subiu mais um pouco, tentando fazer o retorno, mas caiu, seguido de grande explosão. Eu sabia que havia 32/2 passageiros a bordo, ou seja, 32 adultos e duas crianças. Esse modelo de avião, um Scândia, comportava apenas 32 passageiros, portanto, estava lotado.

Contei o sonho a uma colega e ela me aconselhou a contá-lo à Diretoria da empresa. Mas como? É claro que não me dariam crédito e isto poderia provocar complicações, porque os tripulantes daqueles voos nos dias seguintes, poderiam estar preocupados com a possível previsão e isso não seria bom.

Alguns dias depois desse sonho aconteceu o acidente, na mesma pista, no mesmo formato e o mesmo número de passageiros.

Outro acidente aéreo

Eu tinha me casado há uns meses e saído da Vasp, quando tive um sonho: estava no aeroporto conversando com o Comandante Pinto, que era instrutor, e ele ia fazer um voo de checagem da tripulação. Nesses voos de cheque, depois da decolagem cobriam-se os para-brisas do avião, para fazer voo cego, ou seja, só pelos instrumentos. No sonho ele se despedia e seguia para o avião que logo decolava. Eu ficava acompanhando com os olhos e o avião ia subindo, subindo, até que era só um ponto. Então estremecia, como um pássaro que leva um tiro, e começava a cair, e tal como um pássaro, iam caindo vultos como se fossem as penas da ave...

Acordei preocupada, porque percebi que era o tipo de sonho premonitório, mas como já eram seis da manhã, levantei-me e fui cuidar

dos afazeres, e como era dia de fazer faxina no apartamento fiquei tão ocupada, que não ouvi rádio nem vi jornais na TV.

No dia seguinte fui ao centro da cidade, acho que foi para pagar o aluguel, e quando desci do ônibus, embaixo do famoso Viaduto do Chá, parei para ver os jornais que colocavam no muro e, todos falavam do acidente aéreo ocorrido na véspera, às 9 da manhã, ou seja, três horas depois que tive o sonho. Tudo tinha acontecido igualzinho ao sonho. Comandante Pinto fazia voo de cheque e depois da decolagem, quando a avião já havia ganho boa altura, veio um taxi aéreo por baixo, bateu nele e o partiu ao meio. Todos que tinham visto o acidente disseram que as pessoas iam caindo de dentro do avião, exatamente como eu vi no sonho.

Eu fiquei tão transtornada com tudo aquilo que voltei para casa, sem pagar o aluguel, e só consegui falar sobre isso depois de uns três meses.

A catástrofe em Fukushima

No final da década de 2010, certa noite sonhei que estava à janela de um edifício muito alto, junto com alguém que não via, mas cuja presença sentia. Pela direita vinha um avião muito grande voando baixo e caía bem em frente ao edifício, explodindo. A seguir outro avião vinha pela esquerda e caía no mesmo lugar, produzindo grande explosão.

Acordei, vendo ainda aquela cena dantesca e sabendo que era um sonho premonitório.

Passou algum tempo e, como nada acontecesse, acabei esquecendo o sonho. Mas, uma noite acordei de madrugada lembrando do sonho com muita intensidade. Abri os olhos, sentei-me na beira da cama e diante de mim via em números luminosos 333. Levantei-me, acendi a luz e observei que eram 3 horas e 33 minutos, que eu via no visor do aparelho de vídeo no outro lado do quarto.

3 vezes o número 3... O que significaria? Não dava para saber.

Pouco tempo depois, ocorreu em Fukushima-Japão (2011) aquele terrível evento, numa sequência de 3 etapas: 1 - o terremoto; 2 - o tsunami; 3 - a invasão da água na usina nuclear com todas aquelas consequências que conhecemos.

Só então foi possível entender o significado daquele sonho premonitório.

Um sonho para gerar confiança

Muitas vezes os benfeitores espirituais se utilizam dos sonhos como veículo para orientarem, consolarem e até darem algum “puxão de orelha” em seus pupilos, quando entendem necessário.

Quando ainda residia em Salvador e ficou decidida nossa mudança para Fortaleza comecei a me preocupar em como seria minha vida numa cidade estranha, longe das antigas amizades; como seria o movimento

espírita, se iria encontrar um centro em que pudesse confiar... enfim, havia algo parecido com pressentimentos ameaçadores no ar.

Pedia muito a Deus para nos proteger e assistir e, nesse estado de espírito, certa noite tive um sonho extraordinário, nítido, completo, colorido, que deixou fortes marcas em meu psiquismo.

Eu me via só, numa região deserta, muito árida, perto de uma pequena casa. Um terrível furacão se aproximava rapidamente. O vento forte, como um tornado, ia sugando tudo do chão, desde poeira até pedras de grande tamanho, que depois caíam com estrondo.

Olhei em volta procurando um lugar melhor para me abrigar, mas além da casa, muito frágil, só havia uma árvore junto a ela. Corri para dentro e fui olhar pela janela do outro lado a ver se encontrava algo mais seguro, mas observei que havia um grupo de umas dez ou doze pessoas tentando abrigar-se, encostadas à parede da casa. Abri a porta e chamei-as para dentro. Eram homens, mulheres e crianças, todos muito assustados. Fiquei mais aflita ainda, porque entendia ser impossível aquela tempestade não arrastar tão frágil abrigo. Pensei se não seria melhor irmos para fora e nos segurarmos uns nos outros em torno da árvore? Talvez esta não fosse arrancada pela força do vento.

Tentei dizer isto àquelas pessoas, mas o barulho era tão forte que não me escutavam.

A casa já estremecia, sacudida pelas mãos do vento, em seus primeiros embates. Lembrei-me da oração como último recurso e gritei, pedindo também por gestos, para me acompanharem na prece. Fechei os olhos e com todo o meu ser inteiramente voltado para Deus, orei:

“Pai nosso que estás no Céu, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu...”

Eu ia dizendo aquelas palavras sentindo-as em toda a sua profundidade. Ao chegar nessa parte, “seja feita a tua vontade”, disse-a com tamanho sentimento de confiança, de entrega às mãos de Deus que percebi nada ter a temer, porque tudo que nos pudesse ocorrer de pior representava a vontade de Deus e esta, era sempre justa, sábia e amorosa. O restante da oração fiz com a alma leve e tranquila. Fosse o que fosse que viesse a nos acontecer, estaria sempre tudo certo e não haveria lugar para temores.

Estava tão concentrada na prece que nada mais existia além desse encontro com Deus.

Terminada a oração, abri os olhos e percebi o silêncio. Aquele rumor ensurdecedor da tempestade havia passado. Olhei para as pessoas que ali estavam e surpreendi-me com suas expressões de espanto.

Cheguei junto à janela e olhei para fora. A casa, como se fosse um grande helicóptero, voava a uns 20

metros do solo, afastando-se para longe do furacão. A paisagem desértica passando rapidamente, deixava entrever o solo com muito pedregulho e algumas plantas raquíticas aqui e ali. Já estava acordada e ainda continuava vendo aquela paisagem de tons bege, amarelo e avermelhado passando sempre, enchendo meu coração de confiança nos poderes mais altos que sabem nos proteger e guiar.

Entendi que iria enfrentar “tempestades” de grande porte nos anos futuros, mas estava tranquila, porque sabia que fazendo a minha parte e entregando tudo o mais às mãos de Deus, acabaria saindo de quaisquer vendavais que me sobrevissem.

A lembrança desse sonho sempre esteve vívida em minha memória, dando novas forças, renovando-me a esperança e a confiança nos momentos mais difíceis ou tempestuosos, que não foram poucos. Ele representou uma promessa do mundo maior, de que nunca ficaria abandonada e mesmo que tudo me parecesse perdido, não deveria perder a fé, porque no momento oportuno a ajuda chegaria.

Ah, não fossem essas “mãozinhas” dadas pelo “pessoal lá de cima” não sei o que teria sido de nós, porque as lutas realmente foram insanas, as dificuldades “quase” insuperáveis, mas a lembrança daquele sonho trazia sempre novas energias e confiança no futuro.

Esse é mais um motivo para bendizer a mediunidade, sempre ela, a abençoada ponte de luz entre o Céu e a Terra.

Sonho de alerta

Outro tipo de sonho é o de alerta, como um que ocorreu muitos anos mais tarde, numa época, em que eu havia ficado sozinha com cinco filhos para criar. A mais velha com quinze anos e o caçula com um. Sem emprego e sem uma profissão adequada (minha profissão, quando solteira, tinha sido a de comissária), consegui abrir uma microempresa que dava para manter a família, embora com muita dificuldade. Não possuía qualquer experiência com relação à administração e confiava os pagamentos de impostos e obrigações sociais ao contador.

Certa noite tive um sonho assustador, desses que chegam envolvidos em medo e pavor. Eu me via sentada à mesa de um restaurante, que sabia ser do ex-INPS, atual INSS. À minha frente havia um prato feito, que eu me preparava para comer. Nisso, um garçom olhou-me com raiva, como quem diz: você não tem o direito de fazer essa refeição. Em seguida veio em minha direção, arrebatou o prato e foi embora. Levantei-me para ir atrás, protestar, mas um enxame de insetos caiu sobre mim, deixando-me apavorada. Quando consegui livrar-me deles, observei que estava vestida com uma capa preta, do pescoço até o chão. Abri a capa e vi, horrorizada, que sobre meu tórax havia vários bichos

dos mais asquerosos ou temíveis: aranhas, escorpiões e outros semelhantes.

Gritei, apavorada, pedindo às pessoas que havia em torno para me ajudarem. Acordei nessa angústia e, como já tinha longa experiência com sonhos, sabia que esse era de aviso. Busquei na memória alguma ligação que poderia ter com aquela instituição. Conferi detalhadamente minhas atividades e lembrei que havia o pagamento do carnê do INPS, que o contador vinha fazendo todo mês. Levantei-me e fui procurar na documentação arquivada e descobri que o cidadão não havia pago qualquer daquelas mensalidades. No dia imediato fui cobrar dele, que, muito envergonhado, contou alguma história triste, mas acabou colocando tudo em dia. Esse foi um sonho de alerta.

Observe-se que todo aquele simbolismo, aquele horror do sonho, foi muito superior ao fato a que ele se referia. Os sonhos premonitórios são, geralmente, bastante exagerados e é bem provável que isto também ocorra com as profecias.

Antes da minha mãe partir

Aproximadamente um ano e meio antes de minha mãe “retornar ao mundo espiritual”, vi num sonho meu pai em pé sobre um trilho de trem, de costas para mim e olhando a estrada de ferro a sua frente, que subia uma colina e desaparecia do outro lado. Ele segurava um cartaz com a palavra KUOLEMA, escrita com letras pretas. Já acordada ainda continuei a ver o cartaz, e custei a me lembrar que essa palavra significa “morte” em finlandês. Entendi logo que mamãe não ficaria mais muito tempo entre nós.

Morar na Finlândia?

Quando me perguntavam se eu não tinha vontade de morar na Finlândia (minha terra natal e com dois filhos e suas famílias residindo aqui), eu dizia: “Nunca!!! Detesto frio”. Mas...

Na vida sempre tem um “mas”... e lá pelo mês de julho, 2017, tive um sonho, desses sonhos claros, nítidos, que quando a gente acorda, SABE que foi premonitório, de aviso ou de orientação.

No sonho eu caminhava por um longo corredor, junto com minha filha Irene que levava nas mãos um maço de documentos. Chegamos ao final do corredor onde havia um birô com um funcionário e atrás dele um hall com uma porta lateral aberta pela qual dava para ouvir que havia pessoas felizes conversando alegremente... Irene entregava os documentos para o homem, que eram a permissão para eu passar para o outro lado e, nisso acordei, entendendo que o sonho era um aviso.

Primeiro, pensei que significava minha “viagem” para o outro lado da Vida, mas um dia acordei pela manhã, **sabendo** que era uma

“ordem” para eu vir morar na Finlândia.

Quando vi a Irene logo pela manhã, perguntei: Vamos embora para a Finlândia?

Ela responde: Tá de brincadeira, né mãe?

Foi difícil convencê-la de que eu estava mesmo decidida a vir para cá.

Como aqui logo viria o inverno, resolvi vir só no ano seguinte, na primavera, mas a Irene decidiu passar um mês com sua filha em Vitória-ES e depois mais uns dias no Rio, e pensei: “ora, para eu ficar sozinha em Fortaleza todo esse tempo, ainda mais com a cidade cada dia mais perigosa, seria melhor enfrentar o inverno da Finlândia, e resolvi viajar em setembro. A Irene viajaria quando voltasse das viagens dela.

Só dois meses para organizar tudo, foi aquela correria. Sempre com a Irene me ajudando, tivemos de ir a Brasília conseguir meu passaporte na Embaixada da Finlândia. Depois, a casa para ser alugada, e mais documentos e procurações etc., etc. Oh coisinha complicada! E ainda, vender tudo que desse para ser vendido e doar o restante, menos as coisas que cabiam em 2 malas. Imagine uma vida inteira em duas malas. Meus livros, os Cds e DVDs que gravara...

Viajei sozinha, uma viagem terrivelmente cansativa, sem saber o que tinha vindo fazer aqui, mas se me haviam mandado vir, algum motivo havia.

Aos poucos fui descobrindo o quanto é difícil o Espiritismo ser aceito aqui na Europa, já que é confundido com Espiritualismo, onde vigem práticas como cartomancia, leitura de mão, consultas pagas com médiuns etc. Também aqui valorizam muito a Ciência.

Temos aqui alguns espíritas valorosos que já traduziram mais de 20 livros espíritas para finlandês, que são vendidos em algumas livrarias e pelo site; eles mantêm uma Associação que realiza inúmeros eventos, inclusive trazendo palestrantes, como Divaldo e outros, mas tudo com muita dificuldade.

Quando menos esperava, comecei a escrever um livro apresentando muitas pesquisas científicas sobre reencarnação, causa e efeito, mundo espiritual, mediunidade etc., com o título “O que acontece depois da Vida”. Esse livro foi traduzido para finlandês e publicado pela referida Associação. Muitos leitores gostaram, por causa do viés científico, e ele acabou ficando em 2º lugar entre os melhores de 2020, por uma Revista espiritualista.

Isso é uma gota de água num balde de necessidades, mas de gota em gota...

QUINTA PARTE -

Mergulhando no Invisível

A predição.

No aeroporto de Congonhas o Sargento Ary, além do trabalho na torre de controle, dava um expediente no Departamento de Operações da Vasp. Era um homem sério, embora afável, e muito respeitado por todos.

Sargento Ary tinha o dom de “ler mão”. Ele só o fazia raramente e a pessoas amigas. Seus acertos eram impressionantes. Em várias ocasiões havia previsto a morte de tripulantes em acidente aéreo, sem jamais ter errado nessas previsões.

Certa vez pedi-lhe para ler minha mão. Ele afirmou que me casaria no decorrer daquele ano, apesar de o casamento não fazer parte das minhas cogitações naquele momento, e isto realmente aconteceu. Disse também que aos 31 anos iria me ocorrer algo muito importante, com reflexos para toda a minha vida. Perguntei-lhe se era bom ou ruim, ao que respondeu, dizendo: “Isto vai depender da escolha que você fizer”.

De fato, foi com essa idade que tive meu primeiro encontro com o Espiritismo, a oportunidade de conhecê-lo, estudá-lo, saber que era médium e aceitar a minha tarefa, diga-se passagem, com imensa alegria. Até então, só tivera contato com alguns fenômenos mediúnicos e meu conhecimento doutrinário limitava-se às ideias da reencarnação e da lei de causa e efeito.

Graças a Deus posso dizer que tomei o rumo certo.

Algum tempo antes desse meu “encontro com o Espiritismo”, residindo em Curitiba, já casada e com quatro filhos, certa vez um coronel aposentado, nosso vizinho, que só havíamos visto uma ou duas vezes, chamou meu marido e lhe disse que eu era médium e que se não cuidasse de procurar um Centro e desenvolver a mediunidade para fazer a caridade, nós sofreríamos inúmeros problemas.

Foi o que aconteceu. Mudamos para Salvador e de repente nossa vida começou a virar pelo avesso. As coisas chegaram a tal ponto que acabamos tendo que vender enciclopédias para podermos sustentar a família. Numa noite de sábado, visitando uma possível cliente, sem mais nem menos ela foi nos dizendo que era médium e como tal me aconselhava a desenvolver a mediunidade, porque as dificuldades que estávamos enfrentando deviam-se a esse fato.

Claro que ela nada sabia sobre nós.

Pela primeira vez meu marido ouviu alguém dissertar longamente sobre Espiritismo, sem rir e sem fazer pouco caso, como era seu hábito. Para minha surpresa ele confessou que sempre fora o empecilho entre mim e o Espiritismo e que a partir daquela data não mais faria qualquer objeção caso eu quisesse seguir esse caminho.

No dia seguinte, logo cedo, fui comprar livros espíritas. Queria

saber se essa Doutrina se casava com minhas ideias. Desde criança vivera cheia de conflitos por causa das contradições que encontrava nos textos da Bíblia, e diante das afirmativas de meu pai, feitas com absoluta segurança, sobre os mais diversos conceitos da religião Adventista.

Entendia que para se acreditar em algo seria preciso ter alguma prova da sua veracidade, ou que esse algo pudesse ser explicado de forma racional, absolutamente satisfatória.

O primeiro livro que abri foi O que é o Espiritismo, de Allan Kardec. Esse livro é todo composto por perguntas feitas sob o ponto de vista de um sacerdote, um filósofo e um cientista e respondidas sob enfoque espírita. Li a primeira pergunta e fechei o livro dizendo a mim mesma: se a vida e os seus mecanismos são como eu acho que deveriam ser, a resposta é...

Reabri e li. A resposta era a que eu imaginara, e o mesmo aconteceu com as demais questões. Era como se já as conhecesse, e elas estavam plenamente de acordo com a razão e com o meu senso de verdade, multiplicando-se em detalhes que me deixavam maravilhada. Como era possível encontrar num livrinho tão despretensioso um conjunto de explicações que respondiam de forma tão plena, tão perfeita e lógica a um imenso leque de indagações?

Em seguida passei a devorar O Livro dos Espíritos e os outros da codificação com imensa alegria e a frequentar o Instituto Espírita da Bahia. Sr. Aurelino, seu Presidente, era um excelente expositor e falava com tal beleza sobre essa Doutrina, que mais fundo ainda me tocava a emoção. Foi um período em que vivi grandes alegrias, na descoberta mais plena dos mecanismos da vida, que refletem a sabedoria, a justiça, o amor e a perfeição do Criador.

A morte... por quê?

Quando criança tinha uma grande preocupação com a morte. Perguntava, desarvorada, a mim mesma: será possível que a morte acaba tudo? De que vale viver, sofrer, aprender, vivenciar experiências, sentir emoções, ter sentimentos, amizades, desenvolver atitudes nobres, honestas, fraternas, para tudo acabar de repente? Para tudo isto deixar de existir?

Esses pensamentos me deixavam deprimida, derrotada. Eu me sentia como uma inválida sendo empurrada para o nada, para o eterno não existir.

Imagine então minha alegria... e mais que alegria, era o retorno à vida, à esperança, ao amar, crescer, progredir, vir a ser... Era meu glorioso noivado com a eternidade, o bem-estar futuro, entrevisto através das frestas dos mecanismos cósmicos que me eram apresentados em tantos detalhes.

Seria possível não me apaixonar?

Já havia ingressado com toda a alma no estudo da doutrina espírita, quando, ao ler uma colocação sobre a desencarnação, em que o autor

dizia que fulano havia retornado ao mundo espiritual, tive um formidável choque. Naquele instante consegui enterrar definitivamente a morte, com todo o cortejo de horrores que acompanha essa ideia. Era uma virada completa na maneira de perceber a questão, e até mesmo o termo desencarnação, apesar de ser mais ameno, mas trazendo ainda aquelas auras de horror, também mudava sua feição. As pessoas simplesmente retornavam ao mundo espiritual, sua verdadeira pátria. Isto mudava tudo. Era como se pétalas de luz me tocassem com informações diferentes, solucionando de forma definitiva e profunda todos aqueles conflitos.

Vivências mediúnicas

Passei também a participar de uma sessão mediúnica, dirigida pelo Sr. Cordeiro. Ficava sentada fora da mesa e chorava durante as manifestações dos espíritos sofredores e obsessores, movida por profunda emoção. Era um choro silencioso, com as lágrimas descendo aos borbotões, sem que conseguisse controlar. O mesmo acontecia também quando da aproximação de algum espírito de elevada condição. Era impossível conter as lágrimas.

Certa noite, por ser feriado e haverem faltado muitos médiuns, Sr. Cordeiro chamou-me para sentar à mesa. Assim que diminuiu as luzes, iniciando a segunda parte dos trabalhos senti algo me apertando suavemente o peito. Percebi logo que era o primórdio de um futuro contato mediúnico. Era a confirmação da minha mediunidade.

Nessa noite voltei para casa saltitando de alegria e a primeira coisa que fiz foi agradecer fervorosa e solenemente a Deus pela graça que estava recebendo de Suas mãos, sentindo-me ao mesmo tempo plenamente consciente da grave responsabilidade que estava assumindo. Toquei na carteira de cigarros sobre minha mesinha de cabeceira e disse: vocês vão ficar aí, só me tentando, pois estou deixando de fumar.

Sr. Cordeiro, como se adivinhasse, passou a me chamar para a mesa nas reuniões seguintes. Aqueles contatos mediúnicos ficavam mais firmes, mais seguros a cada sessão e eu começava a sentir a presença de espíritos sofredores, com bastante intensidade. Era possível identificar-lhes a aflição, as dores que sentiam, suas emoções e sentimentos. Mas a primeira incorporação foi de um espírito obsessor, que me tinha terrível ódio. Ele dizia-se minha vítima de alguma vida passada em que morrera tuberculoso por minha culpa.

É claro que eu estava perplexa. Nunca me passara pela cabeça que pudesse ter um obsessor. Desde pequena sempre tivera a impressão de que ficaria tuberculosa um dia, mas nunca poderia supor que isto se devesse à presença de um perseguidor espiritual.

Aquele irmão voltou durante algumas das sessões seguintes, recebendo carinhosa ajuda da parte do doutrinador, que lhe falava sobre a importância do perdão, como instrumento de libertação etc.

Por minha vez, conversava mentalmente com ele, pedindo-lhe com toda a humildade que me perdoasse e que procurasse refazer sua vida e ser feliz. Finalmente ele decidiu-se a ir embora e abandonar a perseguição. A partir de então passei a receber espíritos sofredores em todas as reuniões. Sentia a presença de um benfeitor espiritual durante todo o desenrolar dos trabalhos, menos, é claro, durante as incorporações, quando minhas percepções estavam circunscritas ao manifestante. Percebia também a presença de outros espíritos, trabalhadores da Casa, como por exemplo, uma entidade feminina que falava muito mal o português, com forte sotaque inglês. Não conseguia entender o que fazia naquela reunião um espírito estrangeiro, na condição de trabalhador da Casa.

Certa vez “recebi” um espírito chinês, recém desencarnado, e ele falava em seu idioma em grande estado de aflição. Pude observar, no entanto, que a sua fala através de mim, transformava-se numa mistura de vocábulos que certamente não refletiam sua língua natal. Mas aproximou-se de nós outro espírito, um seu compatriota, que passou a conversar com ele no plano espiritual, junto ao meu ouvido, ou ao “nosso ouvido”, em seu próprio idioma. Eu ouvia de um lado o doutrinador falando, e do outro, aquele benfeitor espiritual. Mas ocorria um fenômeno interessante. Tanto eu quanto o sofredor que estava incorporando nada entendíamos do que dizia o doutrinador, apenas o que dizia o chinês que, aos poucos, conseguiu acalmá-lo e levá-lo consigo.

A psicografia

Nos primeiros meses de trabalho mediúnico, comecei a fazer exercícios de psicografia em casa. Já havia lido bastante sobre o assunto e algo me dizia que poderia fazê-los sem maiores problemas. Escolhi um dia da semana e sempre no mesmo horário, recolhia-me ao quarto, fazia leitura do Evangelho, uma prece pedindo a presença de benfeitores espirituais e ficava quieta diante do papel e caneta, com o pensamento parado, em branco, procurando não o deixar fluir.

Começava sentindo uma sensação estranha, pesada, no braço direito, como se os nervos e músculos estivessem retesados e em seguida, impulsos para mover a mão. Apanhava então a caneta e deixava-a correr sobre o papel. De início, saía algo parecido com o traçado de um eletroencefalograma, feito em grande velocidade e muita tensão no braço desde o ombro, tanta que chegava a doer. A mão apertava a caneta com tanta força que ficava com medo de quebrá-la e, de repente, aquilo parava e a caneta tombava sobre a mesa.

Aos poucos entendi que minha faculdade psicográfica seria semimecânica. Quando me concentrava, ao mesmo tempo em que havia o impulso da mão, as palavras me caíam na mente e eu as escrevia dentro daquele impulso. Se pretendesse modificá-las, sentia uma espécie de choque e tudo parava. Mas se escrevesse o pensamento que me vinha, dentro daquele impulso ou canalização, tudo corria bem.

Assim, pouco a pouco, ia conseguindo psicografar textos e mais textos, mas para minha decepção, nada que fugisse ao trivial. Bem no meu íntimo esperava receber comunicações de elevado teor, ou então de espíritos cuja identificação pudesse ser comprovada. Apesar disso continuei com os exercícios por algum tempo, mesmo porque, era uma oportunidade de sentir a presença de amigos espirituais e praticar a mediunidade.

É bem verdade que em algumas ocasiões essa psicografia aconteceu de forma tão intensa, tão forte, que não me deixou dúvidas e em outras pude efetivamente comprovar sua procedência espiritual e seu acerto.

Creio que a maioria dos medianeiros suspira por faculdades como a vidência, a psicografia mecânica, a capacidade de materializar espíritos ou aptidão para incorporá-los em atividades como as de cura etc. Eu também suspirei por elas durante os primeiros tempos, mas logo acabei me convencendo de que jamais passaria de um mero médium de desobsessão.

Entendi, também, graças a Deus, que muito mais importante que as faculdades em si, é a forma como as utilizamos. É fundamental aceitá-las com alegria e humildade. Uma mediunidade comum, cujo portador é sincero e honesto, equilibrado, responsável e dedicado, esforçando-se para cumprir da melhor forma possível a sua tarefa, tem muito mais valor para os espíritos responsáveis pelo trabalho, do que faculdades extraordinárias, cujo portador não as valoriza, ou não tem disciplina nem humildade, podendo mais facilmente cair nas teias de obsessores sagazes que sabem aproveitar todas as brechas para introduzir a sua influência nefasta.

A mediunidade, para ser uma fonte de bênçãos, deve ser utilizada para servir, não para afagar nosso ego. Enquanto ficamos suspirando por faculdades incomuns estamos perdendo tempo precioso e com ele, oportunidades de serviço.

Incorporação na dimensão espiritual

Certa madrugada, já perto do amanhecer, encontrava-me em desdobramento consciente* numa residência desconhecida. Era como se fosse a sequência de um sonho, só que eu sabia que estava na dimensão espiritual. Era meu primeiro ano de atividade mediúnica, residindo ainda em Salvador. Havia ali um espírito feminino, com expressão cruel e maneiras vulgares, mas sob as quais

era possível perceber que fora uma pessoa com certa classe. Não sei como, sabia que seu nome era Maria. Perguntou-me com grosseria o que queria ali. Disse-lhe que viera a pedido de sua mãe ver a possibilidade de ela desistir da perseguição que movia a certa pessoa.

Maria olhou-me com ódio e respondeu dizendo que nada tinha a ver com a mãe, que era dona do próprio nariz e faria o que quisesse.

Eu senti a aproximação de uma entidade que me envolveu nos primeiros passos de uma incorporação, da mesma forma como acontecia nas sessões. Achei aquilo muito estranho porque, afinal, eu estava no mundo espiritual e por isso deveria ver o espírito que se aproximara. Só mais tarde soube, através das leituras, que o próprio universo espiritual se multiplica em “N” faixas vibratórias diferentes, sendo que as inferiores não detectam as superiores, e que também ali ocorre o fenômeno mediúnico.

Mesmo não entendendo bem o que acontecia entreguei-me àquela estranha manifestação, confiante no meu guia espiritual cuja presença percebia junto a mim. A entidade incorporada era a mãe de Maria que começou a conversar com ela em italiano. Ora, eu não sei falar italiano, mas naquele momento estava de fato falando esse idioma.

A filha, muito espantada, não sabia o que significava aquilo. Era realmente sua mãe que estava ali, mas em outro corpo, no caso, o meu.

A senhora incorporada me parecia um espírito bastante evoluído por sua maneira de falar e principalmente pela sua vibração. Ela explicou a Maria que precisara usar dos recursos da mediunidade por causa da grande diferença vibratória entre ambas. Foi uma longa conversa, ao final da qual a filha, embora de má vontade, prometeu abandonar a tal perseguição. A mãe afastou-se agradecendo-me, sensibilizada, a colaboração, e saiu para a rua.

Estava num lugar conhecido, pois passara por ali várias vezes, mas as casas me pareciam diferentes. O sol nascia soberano por trás dos morros da capital baiana e sua claridade me tocava a alma com novas e mais belas colorações, vibrantes de alegria. Naquele encantamento, produzido certamente por alguma presença espiritual de elevada condição, talvez a mãe de Maria, fui despertando no corpo carnal, agradecendo a Deus pela mediunidade que me permitia viver experiências tão excelsas quanto a daquela madrugada.

Sentir a presença de um espírito evoluído é uma experiência inesquecível. É algo que toca as profundezas da alma com sublimes vibrações, renovando a esperança, dinamizando as energias profundas e deixando um rastro de alegria, harmonia e paz, fixando decisões de crescer mais e mais, em busca de luz.

* Esse assunto, desdobramento consciente, é muito bem explicado

no livro INICIAÇÃO - viagem astral, do espírito Lancellin, psicografado pelo médium João Nunes Maia.

Indução

Muitas vezes, quando da incorporação de algum perseguidor ferrenho, os benfeitores trazem alguém que lhe tenha sido muito caro, como por exemplo, sua mãe, desde que esteja em condições evolutivas favoráveis. Uma presença materna tem muita força de convencimento por causa da emoção que gera na alma do obsessor, porque emoções sublimadas, como são as geradas pelo amor puro, tem o poder de desintegrar elementos energéticos negativos aderidos e mesmo cristalizados em torno da sua personalidade.

Mas é preciso ter cuidado para não generalizar. Alguns doutrinadores* têm o hábito de dizer sistematicamente ao perseguidor para observar e ver quem está ali, a seu lado, ou então vão logo dizendo que se trata de sua mãe, ou de alguma pessoa muito querida.

Outro recurso bastante usado é o de levar o obsessor a lembrar-se de atos ou acontecimentos ocorridos em reencarnações mais distantes, em que ele próprio tenha motivado os fatos que acabaram culminando em outros, geradores dos sofrimentos, que lhe acenderam o ódio que nutre. É uma forma dele perceber que não é apenas vítima, mas já foi algoz. Isto ajuda muito em sua mudança de postura.

O médium e o doutrinador devem estudar muito, ler muito, para poderem entender melhor o que se passa e agir com conhecimento de causa.

Também é fundamental que pratiquem a serenidade, a paciência, o equilíbrio, a fim de nunca se afoitarem.

**Doutrinador* – É a pessoa que dá assistência ao espírito incorporado - quando se trata de um “sofredor” ou “obsessor” - conversando com ele, esclarecendo-o com muito amor sobre o que for necessário, sempre no intuito de ajudá-lo, aliviá-lo de seus sofrimentos ou induzi-lo ao perdão, à mudança de rumos etc. Há sempre a presença do mentor espiritual conduzindo essas atividades tão benfeitoras.

Médiuns afoitos

Num dos grupos de que participei, já em Fortaleza, havia uma excelente médium que acabou completamente desiludida com a própria mediunidade, afastando-se da tarefa e, certamente, pondo a perder uma oportunidade de resgate e crescimento.

Ela era vidente, audiente e de incorporação. Tinha grande sensibilidade mediúnica, mas era muito afoita. Assim que percebia algo ia logo dizendo, sem maiores observações ou cuidados. Com isso, algum espírito menos responsável passou a assessorá-la, informando a

eventuais consulentes sobre suas vidas passadas e também sobre assuntos do cotidiano. E ela se empolgava muito quando podia conferir o acerto das informações e permanecia muito ligada a essas questões. Essas informações e orientações aconteciam fora do ambiente do Centro, cuja direção não aceitaria esse tipo de atividades.

Essa médium encontrava-se no auge do empolgação quando, certamente por orientação de algum espírito brincalhão, disse a uma amiga que ela estava grávida. Essa amiga vivia frustrada porque não conseguia engravidar. Foi aquela alegria e a “vidente” muito felicitada por causa da sua “poderosa mediunidade”. Mas os dias passaram e a gravidez não se confirmou. A dirigente dos trabalhos procurou conversar com ela sobre a responsabilidade ligada à mediunidade, mas ela encontrou logo uma saída, dizendo que a amiga realmente poderia ter estado grávida e perdido o feto.

Pouco tempo depois houve outro fato que demonstrou, sem margem a dúvidas, que uma informação passada através das suas faculdades era inverídica. Com isso, entrou em depressão, profundamente desiludida, e acabou afastando-se até mesmo do Espiritismo, ao qual acusava das suas frustrações. Vários companheiros tentaram convidá-la a novas reflexões mais equilibradas sobre as questões mediúnicas, mas em vão. Ela dizia-se enganada pelos espíritos, que, em seu entender, deveriam tê-la avisado de que estava sendo assessorada por um mistificador.

Ocorre que essa tarefa, a de vigiar-se, é da responsabilidade do próprio médium. Já disse o grande Mestre: “Orai e vigiai”, e “Aprendeí de mim que sou manso e humilde de coração”.

Animismo e mistificação

Existem médiuns que habitualmente recebem pela incorporação, ou detectam pela vidência ou audição, espíritos de pessoas famosas, recém-desencarnadas, ou daquelas de que a imprensa trata com mais intensidade. Outros “recebem” entidades das mais conhecidas e amadas nos meios espíritas, e assim por diante.

Até que ponto pode-se ter certeza de que tais ocorrências são anímicas, ou mesmo, mistificações?

Há muitos tipos de animismo, desde aqueles em que a comunicação parte da mente do próprio médium; em que repete clichês existentes em seu inconsciente; em que revive situações de suas vidas passadas, até aqueles em que insere o próprio pensamento ou personalidade na comunicação de espíritos.

Pode-se mesmo dizer que em toda comunicação mediúnica há maior ou menor grau de animismo. O espírito, para comunicar-se, utiliza-se da mente do medianeiro, com todos os seus componentes psíquicos, seus potenciais, seus conhecimentos. Isto

porque ele não é um mero aparelho, como erroneamente muitos o denominam.

Inúmeros companheiros criticam acerbamente alguns trabalhos ou grupos, cujos médiuns seriam anímicos, obsidiados ou mistificadores, porque as suas incorporações repetem sempre os mesmos estilos. Num dos que frequentei havia uma médium que ao incorporar algum sofredor, invariavelmente começava assim: “Ai, meu Deus, onde é que eu estou?...” E seguia lamentando suas dores e aflições, apresentando sempre situações mais ou menos semelhantes. Outra médium quando recebia um obsessor, este chegava valente, agressivo, cheio de ódio e revolta ou então zombeteiro, quando não, fazendo-se de bêbado e pedindo mais bebida, mas com alguns minutos de doutrinação ia logo dizendo: “Eu já entendi tudo, graças a Deus. Que Deus ilumine vocês cada vez mais e mais, para que possam continuar neste trabalho de luz... etc.”

Analisando estes dois casos podemos ver no primeiro a emoção do espírito atuando sobre o animismo da médium, ou ainda, a manifestação de seu próprio inconsciente, usando clichês sempre repetidos, talvez trazendo à tona algum ponto traumático de sua vida atual ou passada.

Podia também tratar-se de um espírito mistificador fazendo-se passar por quem não era. Dificilmente se trataria de mistificação da própria médium, criatura humilde, que nada indicava poder assim agir. Creio que todos do grupo pensavam dessa forma, porque nunca lhe foi demonstrada qualquer crítica ou rejeição. Certamente todos também vibrávamos com muito amor direcionado a ela durante as suas comunicações, porque sabíamos que essa boa vibração não se perderia. Seria sempre bem aproveitada de uma ou de outra maneira.

Já o outro caso sinaliza mais para a presença de um mistificador do que para animismo.

É até possível que algum espírito obsessor se decida a mudar de vida apenas com uma curta doutrinação de alguns minutos, porque a vibração que lhe é dirigida na elevada frequência do amor, pode realmente levá-lo a perceber melhor sua situação e decidir-se a mudar de rumo.

Mas a repetição contínua de resultados semelhantes indica claramente que ali está um zombeteiro fazendo-se passar pelo que não é. Mesmo porque, quando um obsessor empedernido na prática do mal resolve mudar de vida, não começa logo por um discurso parecido com o de espíritos mais evoluídos. Ele pode até emocionar-se, e muito, pela ajuda que ali recebeu, pelo novo caminho de esperança que se abriu diante dele e até mesmo pelo alívio do perdão que concedeu a seu inimigo. Pode mostrar-se grato, mas reconhecendo

sempre sua condição de inferioridade espiritual com relação aos demais. Muitas vezes esses espíritos prometem voltar para de alguma forma ajudarem seus benfeitores, pela gratidão que sentem, mas jamais iriam proceder como alguém com prerrogativas para invocar bênçãos.

Em qualquer caso é importante observar que cada grupo tem um direcionamento próprio e não é bom um membro da equipe ficar analisando isto ou aquilo, com espírito de crítica. Isto só faz cair sua frequência vibratória, desarmonizando-o, e o transformando num instrumento inútil para o trabalho, quando não, em presença francamente negativa. Em vez de criticar deve fazer a sua parte, dar o melhor de si em qualquer situação, tanto em pôr-se à disposição, desenvolvendo vibrações de amor, quanto em boa vontade, tolerância e compreensão.

Há, no entanto, casos limite em que é melhor abandonar o grupo e procurar outro com o qual se esteja mais harmonizado, para não representar ali um polo de vibrações negativas em razão do que percebe, e também para não sofrer qualquer efeito danoso pela má direção dos trabalhos, quando for esse o caso.

Igualmente, é muito importante estar sempre atento para a possibilidade de estar sofrendo assédio de obsessores, que gostam de levar discórdia para os corações dos médiuns e por esse caminho para os grupos que frequentam. Observar também se em seu espírito de crítica, talvez num hábito de buscar razões para censuras, não estará vendo o que não existe, ou aumentando aquilo que há. Lembrar que a compreensão e a tolerância são virtudes imprescindíveis em qualquer atividade espírita, principalmente nas mediúnicas, procurando ter sempre em mente aquelas palavras de Jesus: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus”.

Um caso sugestivo de animismo ou mistificação ocorreu numa cidade do interior do Ceará, há vários anos. Um companheiro da Mocidade Espírita que trabalhava no Banco do Brasil foi transferido para aquela cidade. Em lá chegando foi procurar o único Centro que havia, onde foi convidado a participar da sessão mediúnica, que era aberta ao público.

De volta a Fortaleza, onde vinha passar os fins de semana, contou-nos de seu desgosto ao verificar que naquela instituição manifestavam-se os espíritos, André Luiz, Emmanuel, Bezerra de Menezes e Allan Kardec. Falou sobre a simplicidade dos anfitriões, dirigentes e donos do Centro, e da afabilidade com que o receberam, lamentando sua ignorância, que possibilitava tamanhas absurdidades anímicas. Não lhe parecia tratar-se de mistificação.

Na semana seguinte, as mesmas queixas. O companheiro queria fazer algo, esclarecer os dirigentes da Casa, acabar com aquelas distorções mediúnicas, mas percebera que, apesar de tudo, ali se fazia muita caridade espiritual. Havia grandes falhas, mas parece que os mentores daquela instituição conseguiam supri-las, ao menos em grande parte.

Passados dois meses veio nos dizer, muito satisfeito, que conseguira “matar” Kardec, Emmanuel e André Luiz. Contou que ao retornar àquela cidade dissera ao casal dirigente da Casa, que corria nos meios espíritas a notícia de que Emmanuel e Kardec estavam preparando-se para nova encarnação e por isso não iriam mais manifestar-se nos Centros. Na semana seguinte lá chegou com outra novidade: André Luiz também deixaria de apresentar-se na Terra porque iria realizar estudos em outras faixas vibratórias mais elevadas.

É claro que aquelas “entidades” não mais se manifestaram naquela instituição. Só restara Bezerra de Menezes, de cuja presença ele não tivera coragem de privar aquela gente ingênua.

Não julgar...

Episódios como esse nos mostram que nem sempre a “nossa verdade” e as “nossas razões” são as mais indicadas para determinados momentos ou situações. Quando se lida com seres humanos, sejam encarnados ou desencarnados, está-se lidando com psiquismos complexos, resultado de milênios de lutas e experiências as mais diversas, marcados por traumas seculares, carregando complexos os mais variados e nos mais diferentes estágios da evolução. Por isso não se pode generalizar, muito menos julgar.

O médium espírita, mais que ninguém, precisa ter como prioridade aprender a ser uma presença sempre benéfica, onde estiver. É fundamental cultivar a serenidade e o discernimento, jamais achando que é o dono da verdade.

Quando começamos a pensar que sabemos tudo, na verdade, pouquíssimo estamos sabendo. E quando nos falta um conhecimento mais pleno que nos dê plena segurança no agir, podemos suprir essa falta com outros valores, principalmente com o amor. Mas este, para ser útil de verdade não dispensa o bom-senso, a serenidade e o equilíbrio. Colocando estes ingredientes, junto com nossa boa vontade, à disposição dos mentores, eles saberão contornar as dificuldades e as nossas falhas involuntárias, aproveitando todas as possibilidades para o bem que se propõem a fazer.

Como exemplo dessa atuação espiritual, durante os 18 anos em que atuei como médium de desobsessão, pude observar em inúmeras ocasiões como o doutrinador, sempre que não conseguia perceber o problema do espírito incorporado ou agir de

forma adequada ao caso, era substituído por algum benfeitor do mundo invisível. Nesses momentos, eu e o ser que incorporava ouvíamos, mas não entendíamos o que o doutrinador falava. Era como se o fizesse em idioma estranho. Mas entendíamos com perfeição o que dizia seu substituto espiritual. Muitas vezes o companheiro terreno dava por encerrada a doutrinação, mas esta ainda continuava na outra dimensão, pelo tempo que fosse necessário.

Existem doutrinadores cuja intuição mais desenvolvida lhes permite perceber o que está acontecendo e o que lhes é “soprado” pelos espíritos responsáveis. Mas há outros que trabalham principalmente na base da boa vontade, o que também é um pré-requisito importante nesse tipo de atividade. Em qualquer caso, porém, é fundamental, tanto para os médiuns quanto para os doutrinadores, o estudo, a análise e a meditação em torno dos fatos mediúnicos, assim como também a humildade necessária para ouvir sugestões e críticas sem se melindrar, mas sempre aproveitando a “deixa” para fazer uma autoanálise profunda e sincera.

Convém considerar também que, em alguns casos, a despeito do que foi dito, o espírito manifestante necessita ser doutrinado por alguém em corpo físico, já que, em razão de seu atraso ou estado aflitivo, ele não tem condição de sintonia com um protetor espiritual. Além disso, quando o transe é completo em termos de incorporação, suas percepções podem limitar-se a ouvir o que está sendo dito em palavras por uma pessoa em corpo físico.

Há casos de espíritos sofredores em situação tão crítica, que necessitam sentir-se num corpo de “carne e osso “ (o do médium), e assim, sentindo suas energias, conseguem começar a se reorganizar.

Na Umbanda

Fazia uns dois anos que eu era espírita. Tinha uma amiga cujo irmão, seu Antônio, havia atuado como médium de Umbanda no Rio de Janeiro, durante muitos anos. Era uma figura incrível. Seus seis irmãos e irmãs tinham formação universitária, mas ele era semianalfabeto. Cabo da Polícia Militar, prestava serviço como Delegado numa cidadezinha do interior cearense.

Sempre que vinha a Fortaleza, costumava nos visitar e passávamos longas horas batendo papo. Ele contava suas façanhas de um jeito muito engraçado e, apesar de uma terrível vaidade e de grande revolta por ser pobre, era uma criatura honesta, cuja amizade prezávamos.

Certo dia telefonou-me um cidadão, conhecido radialista, por indicação de um amigo comum, pedindo para conversar comigo. Disse que a esposa estava com algum

problema espiritual e achava que eu poderia ajudar. Objetei, dizendo que seria melhor levá-la a um centro espírita, mesmo porque eu não teria recursos para auxiliá-la. Era médium, mas isto não significava que pudesse aventurar-me a qualquer ajuda nesse sentido. À sua insistência acedi em receber o casal logo mais à noite para conversarmos sobre a melhor maneira de encaminhar o problema, já que ele, por ser pessoa conhecida, “não queria expor-se”, procurando um Centro. A maioria das pessoas que se consideram importantes, entende que o fato de serem vistas num centro espírita irá desmerecê-las.

Naquela tarde, por “coincidência”, apareceu-me seu Antônio que acabou ficando para o jantar. Nada lhe falei sobre o assunto, mas quando o casal chegou, parecia que ele já sabia de tudo, porque assumiu a direção de um trabalho que absolutamente não estava nas minhas cogitações, pedindo-me que ministrasse um passe na senhora, antes mesmo de dizerem a que vinham.

Atendi e logo que me concentrei comecei a perceber uma espécie de ninho de cor escura, cheio de aranhas, cobras, escorpiões e assemelhados a se moverem ameaçadoramente. Com o passar dos anos fui entendendo que essa espécie de visão que se repetia vez por outra quando dava passe ou concentrava o pensamento em alguém, significava que aquela pessoa estava sob efeito de trabalhos de terreiro.

A cena mudou de repente e passei a ver a senhora à minha frente com o cabelo todo grisalho e caindo, caindo, até que ficava completamente calva.

Terminado o passe não consegui me conter e disse o que vira. É claro que o médium nunca deve ir dizendo o que vê, mas o impulso foi muito forte e quando dei por mim, já tinha dito.

Os dois me olharam espantados e a senhora, que possuía uma bela cabeleira negra, levantou o cabelo e pude ver a raiz toda grisalha. Ela não tinha mais de trinta anos, não se justificando o fato. Informou que seu cabelo começara a cair, cada vez mais e mais, e ficara grisalho em poucos dias. Disse que já não sabia mais o que fazer, pois nenhum remédio dava resultado.

Seu Antônio pediu-me que sentasse e me concentrasse. Afirmou que nada deveria temer já que havia espíritos Guias ali presentes e cabianos ajudar aquela senhora.

Obedeci e logo incorporei um espírito desses que recebem incumbências para fazer malefícios. Ele estava muito irado pelo fato de termos descoberto suas artimanhas, mas seu Antônio conduziu a doutrinação com tal maestria que acabou conseguindo dele a promessa de desmanchar o mal que estava fazendo àquela mulher, por encomenda de outra que lhe tinha ódio. A encomenda, conforme explicou, era para fazê-la envelhecer

rapidamente, perder todo o cabelo, emagrecer e ficar feia.

A senhora começou a chorar, dizendo que era exatamente o que lhe vinha acontecendo.

Hoje entendo que é perigoso mexer com esse tipo de coisas sem um preparo adequado e sem o acompanhamento de pessoas e de espíritos conhecedores dessas manhas e preparados para vencê-las.

Há da parte de muitos médiuns grande curiosidade com relação à Umbanda. Alguns, em seus passos iniciais, ficam cheios de dúvidas sobre qual caminho seguir, no cultivo de sua mediunidade. Por isso, acho importante falar um pouco sobre o assunto, embora, por vezes, seja tabu nos meios espíritas. Tenho visto muito dirigente dizer a alguém que procura um Centro afirmando estar sendo alvo de “trabalhos de terreiro”, que isso não existe, é só imaginação.

O espírito Manuel P. de Miranda, através da psicografia de Divaldo Franco, no livro *Obsessão e Loucura*, narra suas experiências quando acompanhava o Espírito Dr. Bezerra de Menezes no atendimento a um jovem em avançado grau de obsessão, tratamento esse que lhe foi ministrado num terreiro de Umbanda. É uma leitura bem interessante e esclarecedora.

Pode-se dizer que a Umbanda abriga concepções heterogêneas de crenças, folclores, superstições, ritos e costumes religiosos de diversas raças e povos. Admite a Reencarnação e a lei de Causa e Efeito e utiliza-se da mediunidade para atender a problemas de ordem material, espirituais e sentimentais, desmanchar “trabalhos de magia” etc., acolhendo em seu seio espíritos que, de outra forma, talvez fossem presa fácil aos Senhores das Trevas em suas maléficas atividades e intenções. Nos meios umbandistas só se deveria fazer o bem, mas neles militam muitos que tanto fazem o bem quanto o mal e os médiuns geralmente podem cobrar por seus “trabalhos”.

Já na Quimbanda atuam espíritos trevosos que se comprazem em fazer o mal, desde que sejam pagos para isso. Esses pagamentos são feitos com vários tipos de oferendas das quais eles extraem algum tipo de nutrição que lhes mantém a vitalidade etc.

O Espiritismo é, sem dúvida, o melhor dos caminhos para os portadores de mediunidade, principalmente por causa das posturas éticas que adota e dos conhecimentos que oferece.

Nessa mesma época meu marido interessou-se repentinamente pela Umbanda e começou a frequentar um “terreiro”. Muito entusiasmado, tanto fez que conseguiu levar-me até lá, mesmo a contragosto. Na

verdade, eu sentia que precisava ir, como se algo me conduzisse, suave mas firmemente. Achei tudo horrível. Aqueles homens e mulheres vestidos a caráter, movimentando-se em ritmo de dança estranha, os tambores “puxando” os “pontos cantados”; aqui e acolá espíritos incorporados atendendo consulentes... Comparei tudo aquilo a algum estranho carnaval, que me era desagradável, ferindo meus brios kardecistas.

Mas o chefe da Casa, um senhor miudinho e muito gentil, recebeu-nos com extrema afabilidade e enquanto meu marido ia consultar-se com alguma entidade, fiquei ali a conversar com ele, que foi dissertando sobre alguns aspectos dos mecanismos que regem a comunicação entre nós o mundo invisível.

Explicou que há no espaço grandes legiões de espíritos de primária evolução, nem bons nem maus, e que a Umbanda os abriga em seus arraiais, dando-lhes trabalho e ensinando-lhes disciplina, além de alguns valores na prática do bem, que lentamente vão assimilando. O mal, afirmou, decorre de muitos encarnados, médiuns e dirigentes, que fazem o que lhes for solicitado, desde que sejam pagos, assumindo com isso graves responsabilidades diante das leis de Deus.

Comecei, a partir daí, a mudar um pouco meus conceitos com relação a alguns enfoques. Meditava em que tudo, procedendo de Deus em sua essência, esteja no grau em que estiver, precisa merecer nosso respeito. Pude também entender melhor as palavras de Jesus: “Não julgueis a fim de não serdes julgados”. Esses novos conceitos caíam como golpes de marreta sobre alguns arcabouços de orgulho que abrigava, abrindo certos espaços de paz e entendimento em meu interior.

Mas isto não significava que nutrisse qualquer desejo de aproximar-me mais da Umbanda, no intuito de conhecê-la melhor... Era o que pensava.

Com o passar dos dias, entretanto, comecei a sentir por ela uma espécie de atração, para mim, injustificada.

Alguns meses mais tarde meu marido foi embora. Por essa época um Juiz, meu conhecido, convidou-me a visitar sua mãe, que fazia um trabalho de Umbanda em casa. Por ser mãe de quem era, pensei que certamente seria uma pessoa séria.

Fui até lá, na intenção de sondar o ambiente. A senhora, dona Etelvina, apelidada dona Teté, recebeu-me afavelmente. Aparentava uns 65 anos. O rosto aureolado por cabelos brancos, brilhantes, denotava uma alma forte, valorosa, irradiando honestidade. Gostei logo dela e me senti em casa, passando a lhe frequentar os “trabalhos”.

Dona Teté era uma pessoa extraordinária. Sua vida era inteiramente dedicada à Umbanda e ela cuidava do pequeno “congá”, com impressionante dedicação. Era orgulhosa e às vezes muito egoísta,

mas todos a amavam e admiravam pela sua honestidade e pela forma com que impunha respeito e obediência às normas da Casa, não admitindo práticas como uso de bebidas alcoólicas, charutos ou tambores durante as sessões. Quanto a se fazer o mal, nem pensar. Ali, realmente, só se praticava o bem. Também não se faziam aquelas obrigações ou rituais, habituais nesses meios.

A primeira lição que ali aprendi foi sobre a diferença entre as práticas mediúnicas nos meios espíritas e na Umbanda. Nos trabalhos espíritas, logo que me concentrava passava a perceber a presença do guia espiritual, num envolvimento de grande bem-estar; ouvia na acústica mental suas palavras amigas ou de incentivo e, chegado o momento, começava a sentir as vibrações do espírito sofredor ou obsessivo que iria incorporar, e elas iam ficando mais fortes e cada vez mais presentes, até me envolverem por completo.

Ali, porém, era bem diferente. Percebia a proximidade amiga de um Preto Velho, mas as suas tentativas de incorporação se faziam sentir principalmente através do plexo solar (região popularmente conhecida como boca do estômago) e não, pelas vias da mente e da emoção, como acontecia com maior intensidade nos trabalhos espíritas. Sentia como se essa região se contraísse, manipulada por forças estranhas, só que essas forças não chegavam a romper completamente os bloqueios e alcançar seus objetivos. Mas, conseguiam fazer-me dobrar o corpo na postura de um Preto Velho. Não era um comando mental nem emocional, era puramente físico e eu me admirava muito pelo fato de conseguir permanecer por longo tempo naquela posição tão cruel para a coluna vertebral, sem sentir qualquer incomodo no momento, ou mesmo mais tarde.

A entidade espiritual responsável pelas atividades da Casa costumava vir, vez por outra, dar explicações e responder perguntas e assim, aos poucos, fui entendendo os porquês das muitas diferenças entre as práticas espíritas e as umbandistas, principalmente no que diz respeito à mediunidade.

Eu estava necessitando conhecer outros enfoques e redefinir certas posturas; conviver com seres que até então classificara como inferiores e perceber suas grandezas. Precisava sentir minha pequenez em meio àquela gente e quebrar algumas estruturas criadas pela vaidade que sempre é mentirosa. Essa permanência na Umbanda, sinto-o, foi muito importante para mim. Não que tivesse conseguido desenraizar completamente invirtudes tais como o orgulho, a vaidade e a prepotência, mas ao menos consegui enxergar-me melhor, o que tem me dado melhores condições para lutar contra elas.

Grande parte dos “terreiros” e dos médiuns de Umbanda, além de cobrarem pelas suas atividades, não se pejam de promover malefícios

contra seus desafetos, ou mesmo por encomenda, já que a mediunidade é vista por eles como meio para auferir benefícios e somar lucros. Na Tenda que frequentei, era diferente. Havia estudo do Evangelho Segundo o Espiritismo e as sempre renovadas prédicas de Dona Teté, quanto à necessidade da caridade, do perdão e da honestidade. Lá, nada se cobrava e os médiuns eram proibidos até mesmo de receber presentes dos assistidos, e os trabalhos sempre visavam o bem.

Nessa passagem pela Umbanda o chefe espiritual da Casa sempre deixou claro que a minha tarefa não era ali. Realmente, da mesma forma como senti que deveria procurá-la, também percebi, certo dia, que estava na hora de abandoná-la, passando a dedicar-me exclusivamente aos estudos e atividades espíritas.

Direção inadequada

Certa feita, a convite de um amigo fui visitar um centro muito simpático, que ficava no meio de uma favela. Era um grupo de pessoas de boa vontade, muito dedicadas, que davam àquela gente assistência material e também espiritual, na medida do possível.

O amigo, que era o Presidente da instituição, convidou-me a participar do trabalho mediúnico, dirigido por uma senhora de poucas luzes, que fazia grande confusão entre espíritos como Santo Agostinho, Erasto, S. Luiz e outros da Codificação, com os trabalhadores espirituais da Casa. Mas era uma pessoa de boa vontade, embora mandona, deixando transparecer boa dose de prepotência.

Naquela época eu achava que só a boa vontade era suficiente para dar segurança ao medianeiro e aceitei o convite.

Havia vários médiuns de incorporação, cujas comunicações me pareceram bastante seguras. Já na parte final dos trabalhos percebi a aproximação de um espírito em terrível estado de sofrimento. Era um suicida. Sua simples presença dava uma vontade quase irresistível de sair correndo. Era uma vibração angustiante, cheia de hipnotizante horror.

Mas quietei-me ao perceber a presença da entidade que sempre me assistia nos trabalhos mediúnicos e pedi a Deus tranquilidade e amor suficientes para suportar aquela presença e poder ajudar.

Foi uma incorporação sofrida e uma doutrinação difícil. A doutrinadora não percebia o que se passava com aquele espírito que não conseguia falar por causa de estragos feitos nas cordas vocais pelo ato suicida. Ela insistia em que ele falasse, repetindo: “Fale, meu irmão!... A médium tem que ajudar... a médium é desenvolvida e sabe que tem que ajudar”.

A essa altura, sob aquela ordem tentei ajudar, procurando dizer o que se passava na mente e na

sensibilidade daquele espírito, mas a voz não saía.

O benfeitor espiritual passou então a conversar amorosamente com o irmão sofredor, falando-lhe da misericórdia divina, para a qual ele deveria apelar e convidando-o à oração. Ao mesmo tempo outro ministrava-lhe um passe, retirando de seu corpo espiritual parte da pesada carga energética, ou fluídica, que trazia.

Procurei dominar os gemidos que ele emitia e ficar o mais quieta possível para que a doutrinadora pensasse que o espírito já tinha ido embora. Só assim ela não perturbaria o trabalho dos benfeitores. Foi o que aconteceu. Aos poucos o irmãozinho foi se acalmando, aliviando-se bastante de seus terríveis padecimentos, até que pôde ser levado pelos trabalhadores da casa.

Como geralmente acontecia depois de uma incorporação difícil ou muito “pesada”, fui levada, em desdobramento, a um lugar muito agradável onde começaram a fazer uma espécie de limpeza e energização em meu corpo espiritual.

Eu me sentia péssima, principalmente por causa da desarmonia gerada com a insistência da doutrinadora em fazer o espírito falar. Aquilo havia “mexido” comigo, ou talvez tenha sido o desequilíbrio vibratório que se formara no ambiente. Estava acostumada a trabalhar numa equipe bem harmonizada, onde todos vibravam em uníssono, onde não se sentia desconfianças da parte dos companheiros. Assim, era possível entregar-se inteiramente, com toda confiança, às mãos dos responsáveis pelo trabalho, encarnados e desencarnados. Mas ali, com a falta de preparo e mesmo de sensibilidade da doutrinadora e com as vibrações antagônicas dos companheiros de mesa, a coisa se complicara bastante.

Mal começava a sentir algum alívio percebi, mesmo distante, que a doutrinadora estava encerrando a reunião. Quando me desdobrava, para uma incorporação ou não, sentia-me muito vulnerável, fragilizada, e minha sensibilidade ficava “à flor da pele”.

Percebi que retornávamos rapidamente, mas eu não conseguia voltar ao corpo, por mais que tentasse. Seria preciso algum tempo para que os benfeitores pudessem fazer o seu trabalho, proporcionando condições seguras para meu reingresso.

De repente, um pensamento assustou-me: e se eles não perceberem minha situação e forem embora, deixando-me trancada dentro do Centro?

Observei que todos se levantavam e preparavam-se para sair. Eu estava apavorada e também por isso minhas tentativas de voltar ao corpo não davam qualquer resultado.

Felizmente alguém percebeu e chamou a atenção da doutrinadora. Esta, bastante mal-humorada, passou a me recriminar, dizendo que eu precisava ter mais disciplina e não

permitir incorporação fora de hora. Ela achava que eu estava incorporada.

Engoli humildemente qualquer ideia de revolta pela falta de fraternidade e mesmo de tato da parte daquela senhora. Tentei me acalmar, procurando entender-lhe as razões, mesmo porque a orientação espiritual é pela disciplina nos horários de início e encerramento das sessões.

Ela segurou minha cabeça entre as mãos, falando energicamente com o suposto espírito, ordenando que fosse embora e aguardasse a reunião seguinte, quando poderia ser atendido. Como se não bastasse deu-me meia dúzia de tapas na testa, que repercutiram dentro da minha cabeça como violentas explosões a se refletirem em todo o organismo.

Foi assim, com toda essa brutalidade que retornei ao corpo.

Meu Deus!!! Que sensação terrível! Eu não conseguia respirar e sentia como se todas as minhas células estivessem dispersas, flutuando no espaço. Um imenso desespero apossou-se de mim, ao perceber que não estava sendo capaz de juntá-las. Sentia uma terrível angústia e acreditei que estava desencarnando.

Foi aí que um companheiro pediu licença e veio me dar um passe.

Aos poucos fui conseguindo me recompor e finalmente, respirar, aspirando o ar quase com desespero. O companheiro do passe reclamou a falta de caridade para comigo e a doutrinadora objetou dizendo que a disciplina estava acima de tudo. Não podia permitir atraso de nenhum minuto no encerramento da reunião.

Com dificuldade cheguei até o carro e permaneci ali longos minutos orando e fazendo exercícios respiratórios e de relaxamento até me sentir em condições de dirigir, de volta para casa.

O melindre

Ao entrar na sua Casa Espírita, faça-o com a alma desarmada, serena. Elimine qualquer sentimento ou pensamento de crítica, azedume ou amargura. Se houver questionamentos a fazer, deixe-os para outro momento. No trabalho mediúnico é importante estar de boa fé e sentir afeto e respeito pelos companheiros.

O psiquismo do médium, regra geral, é mais sensível que das outras pessoas. Isto, porque ele vive numa zona fronteira entre a dimensão material e a espiritual e esse contato com o outro lado, em maior ou menor proporção, interfere ou interage com os seus referenciais de pessoa encarnada. É alguém que vive e se move no mundo material e ao mesmo tempo sofre a influência do espiritual. Igualmente, a própria mediunidade lhe confere maior sensibilidade. Talvez por isso seja mais suscetível aos melindres, que são extremamente prejudiciais. Portanto, é indispensável para o seu

próprio equilíbrio que desenvolva humildade e paciência, pois certamente encontrará em seu caminho a prepotência, o despeito, a má fé, a má vontade, a calúnia e outras tantas... e não é justo perder sua oportunidade de reajuste e evolução só para “responder à altura”, ou para preservar sua imagem perante os companheiros, porque a imagem que deve preservar acima de tudo é a de si mesmo diante da sua consciência.

Também há de precisar de muito autocontrole e serenidade, além da humildade, quando vir sua mediunidade questionada; quando perceber dúvidas sobre a sua sanidade mental; quando observar que está sendo visto como obsidiado, ou quando lhe chamarem a atenção para erros ou falhas eventuais.

A vaidade e o melindre são seus piores inimigos nesses momentos. É muito difícil alguém ver a sua atuação questionada ou criticada por outrem e não se sentir revoltado, humilhado ou frustrado.

Nessas circunstâncias também é natural que comece a duvidar da própria mediunidade e essa desconfiança poderá crescer, ganhando visos de realidade a seus olhos e logo estará tão cheio de dúvidas, que obstruirá inconscientemente seus canais mediúnicos, podendo pôr a perder uma tarefa promissora.

Em qualquer situação, portanto, o médium **não deve se exaltar, não se ofender, nunca se melindrar, mesmo que esteja convencido de que as críticas que porventura lhe façam nada têm de verdadeiras.**

Quantas vezes estamos certíssimos de algo que nos toca de perto e só mais tarde percebemos nosso erro. Os outros estão bem mais qualificados para nos observarem. Por isso é fundamental que o médium jamais se melindre com quaisquer observações, questionamentos, acusações ou críticas. Em vez disso, que procure analisar, observar e questionar a si mesmo; conversar com algum companheiro que poderá ajudá-lo a encontrar a sua verdade. Importante também é buscar orientação espiritual. Para isso é necessário limpar o coração de quaisquer mágoas ou ressentimentos, relaxar, elevar o espírito para Deus e pedir, com toda humildade e sinceridade, a ajuda de que está necessitando.

Se a resposta do Alto, assim como seu coração, lhe disserem que está certo, então siga firme e tranquilo, sem se importar com os espinhos que lhe atirem, mas sempre vigilante para não cair em erro. E se observar erros em si mesmo ou em sua atuação mediúnica, procurar corrigir-se, ou buscar auxílio, se for esse o caso, mesmo porque alguns processos obsessivos são muito sutis, necessitando de ajuda externa para sua solução. Não é vergonhoso um médium procurar ajuda junto a outros companheiros, quando entender necessário. Isto denota maior maturidade de sua parte.

Já o melindre, quando lhe damos acolhida, transforma-se num dos maiores obstáculos em nosso caminho. É incontável o número de medianeiros, com excelentes faculdades, comprometidos com tarefas de maior ou menor relevância, que se afastaram por se melindrarem, pondo a perder grandiosas oportunidades de resgate e crescimento.

Vemos então como a humildade é fundamental para o equilíbrio do medianeiro e seu bom desempenho no intercâmbio com o mundo espiritual. Mas isto não significa que deva anular a própria personalidade e deixar-se “humildemente” levar pelos que o querem conduzir. Como canal da outra dimensão para esta, precisa ter maturidade para ver, observar, analisar e agir de acordo com critérios corretos. Mas para isso, repito, é preciso conhecer a mediunidade e estudá-la, assim como também a tudo que com ela se relaciona, e esse tudo envolve a doutrina espírita em sua totalidade. Por isso ler Kardec e obras como as de André Luiz e outros é fundamental.

Muitos têm preguiça de ler, não gostam, ou não conseguem aprofundar-se em estudos mais avançados. Para esses, ou mesmo para os que estão dando os primeiros passos, há literatura mais leve pela qual se pode obter conhecimentos generalizados, embora menos profundos sobre o assunto.

Outro perigo, e dos maiores, está nos elogios que o médium porventura venha a receber em função das suas faculdades ou qualidades. Certamente, são bem mais perigosos que as críticas, por incentivarem e nutrirem a vaidade, podendo colocar seu portador nos primeiros passos para uma obsessão.

Nesse capítulo das vaidades acontece, geralmente, o seguinte: quando pedimos a alguém para não nos elogiar, dizendo que não há fundamento para isso, esse alguém, regra geral, fica ainda mais encantado, afirmando que essa nossa atitude demonstra a grande humildade que já conseguimos desenvolver etc., e a chuva encomiástica continua indefinidamente. Nesses casos, uma saída razoável é a de não responder ao elogio e mudar imediatamente de assunto. Além disso, não guardá-lo no coração, como bagagem meritória que nos foi oferecida. Esse é um lastro enganoso que se avoluma depressa e pode nos fazer cair desastrosamente.

As pessoas estão acostumadas a elogiar, porque instintivamente esperam também receber louvores. Por isso, dificilmente são verdadeiros e quando o são, estão carregados de exageros. Portanto, ouvi-los, aceitá-los como realidade, além de tolice é perigoso.

Concentração

Uma palavra muito pronunciada nos trabalhos mediúnicos por este Brasil a fora é concentração. Os

dirigentes e doutrinadores a solicitam amiúde, sempre que sentem necessidade, mas nem sempre é explicado aos participantes das sessões o seu significado exato.

Certo senhor que fundou um centro espírita com a finalidade de curar-se de câncer, mas sem maiores conhecimentos sobre o assunto, quando da manifestação de algum espírito perturbador, ordenava: “Concentração minha gente!... Olha a concentração!...”. Isto era dito em tom imperioso e os participantes ficavam sem saber exatamente o que deveriam fazer. Muitos, certamente, ficavam tão preocupados em se concentrar que acabavam fazendo o oposto.

Concentrar-se, significa segurar a mente em algo, não deixar o pensamento fugir.

No trabalho mediúnico ela pede também outros componentes, tais como: relaxar, desenvolver a harmonia interna, um estado de espírito sereno, jubiloso e, principalmente, amoroso, que eleva a frequência vibratória. Não é preciso fazer qualquer esforço mental, ao contrário, deixar a mente livre, leve, parada, no “branco”, sem pensar, sem refletir, só buscando sentir harmonia, alegria e a presença divina.

Para isso, importa voltar o espírito para Deus, desenvolvendo sentimentos de religiosidade e dinamizando o amor. Quando falo em religiosidade, não me refiro a religião, mas àquele sentimento de veneração e amor que temos pelas coisas superiores, pelo Criador.

Quando você fica num estado absolutamente relaxado e para de pensar, está se colocando numa posição receptiva, de abertura para o mundo espiritual.

Quando eu participava dos trabalhos da Casa do Caminho, em Fortaleza, durante a leitura do Evangelho, gostava de ficar imaginando que Jesus estava ali, entre nós. Procurava sentir sua presença elevada e amiga, mas sem tentar visualizar lhe a figura, a imagem. Ao iniciar o trabalho mediúnico, fechava os olhos e me imaginava num campo florido, flutuando tranquilamente em meio às flores, ligando todo o meu ser consciente àquele ambiente, apenas sentindo-o, impregnando-me com sua amenidade e tranquila alegria. Não deixava o pensamento se desenvolver, ou seja, não pensava, apenas sentia.

Logo começava a perceber a presença do espírito que me assistia, a sua aura me envolvendo, pacificando-me inteiramente, e assim permanecia, envolta nessa ambiência sublimada, até o momento em que iria incorporar, quando, então, começava a sentir como que rompendo aquela aura de luz, vibrações escuras, pesadas, desequilibradas. Isso começava de forma tênue e ia ficando cada vez mais forte, até sentir o espírito sofredor ou obsessor se aproximando para a incorporação.

Espíritos do bem, do mal e de média evolução

Os espíritos representam a população invisível do planeta. Eles habitam desde zonas abaixo da crosta da Terra, até as diversas dimensões espirituais, ou seja, desde as Regiões Trevosas até as Faixas mais Elevadas.

O Apóstolo Paulo disse, em 2 Coríntios 12.2: “Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até o terceiro céu, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe?”

A literatura judaica refere-se frequentemente aos sete céus, e, ao que se conhece hoje pelas vias da mediunidade, esses céus seriam as Faixas, ou Dimensões Espirituais, que circundam nosso planeta. Sabe-se, por exemplo, que a colônia espiritual "Nosso Lar", tão bem apresentada no livro de mesmo nome, psicografado por Chico Xavier, fica no Umbral Superior.

A população dos que ombreiam conosco, aqui na crosta da Terra, compõe-se de espíritos, desde os sofreadores, os de média evolução - nem bons nem totalmente maus, mas muitos dos quais gostam de se imiscuir nos assuntos das pessoas na matéria - até aqueles que se dedicam a obsidiar seus desafetos, ou ainda, aos que atuam sob as ordens de chefetes e de chefões das Trevas, na prática do mal.

OBS. Esses últimos se distribuem desde aqueles que atuam na Quimbanda, até os de ações mais abrangentes, tais como: os que buscam a ridicularização da figura de Jesus, a deturpação da essência do cristianismo infiltrando práticas meramente interesseiras nas religiões, evitando que seus seguidores procurem tornar-se pessoas melhores, além dos que atuam nas mais diversas áreas da governança e dos interesses da humanidade, no intuito de dominar a Terra. Como se vê, estão em toda parte.

Os espíritos obsessores que, muitas vezes, são nossos inimigos de vidas passadas a nos perseguirem para vingar-se de algo que tenhamos lhes feito de ruim, assim como também aqueles que gostam de se imiscuir nos nossos assuntos são criaturas que podem nos causar muito mal.

Por ex., quando se inicia uma discussão entre duas ou mais pessoas, eles são atraídos pelas vibrações que começam a ser geradas, e então passam a incentivar os contendores, insuflando-lhes o amor-próprio, a raiva e o ódio que, muitas vezes, termina de forma muito ruim.

QUE FAZER então, em casos assim, que são muito comuns?

1 – Evitar discussões, procurando dialogar com serenidade.

2 – Respirar fundo e procurar relaxar.

3 – Elevar o pensamento ao Alto, em busca de Luz e de ajuda.

4 – Desenvolver um sentimento de amor, irradiando-o para o entorno até alcançar possíveis espíritos

negativos, envolvendo-os nesse amor. Essa é a melhor maneira de neutralizá-los, assim como a todo e qualquer aproximação de espíritos malfazejos.

Sobre essas faixas ou dimensões espirituais que circundam a Terra, o leitor encontra farto material no livro de Mário Frigéri, “As sete esferas da Terra”, um estudo minucioso no qual o autor fala sobre a constituição do Planeta em que vivemos e como a vida se estende além das fronteiras físicas.

Conforme Frigéri, essas faixas ou dimensões seriam, desde a de mais baixa evolução até a mais elevada: **Abismo, Trevas, Crosta terrestre, Umbral**, que seria a quarta esfera, que envolve a Crosta terrestre, vindo a seguir, a de **Arte, Cultura e Ciência, Amor fraterno universal**, e a sétima, **Diretrizes do planeta**.

OBS. Da quinta faixa para cima poderíamos classificar como sendo cada qual mais esplendorosa e feliz, além de nossa capacidade de entendimento.

Em outras partes do país

Crianças médiuns

Por este Brasil afora é possível encontrar os mais diversos tipos de sessões mediúnicas. Conheci vários durante uma longa viagem de trabalho, na qual percorri inúmeros Estados, aproveitando sempre qualquer oportunidade para visitar alguma instituição espírita.

Lembro-me de um Centro em Belo Horizonte, no qual havia uma longa fila de médiuns, todos sentados e de mãos dadas. Os que seriam assistidos vinham um por um colocar as mãos nos ombros do primeiro da fila. Em seguida o espírito que estava perturbando aquela pessoa incorporava-se num dos médiuns e ali era doutrinado. Em muitos casos vários obsessores se manifestavam.

Havia entre os médiuns um menino de 11 anos cujas incorporações me pareceram absolutamente autênticas. O dirigente informou-nos que aquele garoto tinha sofrido muito desde pequeno por causa de uma mediunidade totalmente afluída e por isso fora encaminhado para o trabalho de intercâmbio. Disse ainda que alguns dos médiuns da Casa haviam iniciado suas atividades com idade ainda menor, mas que isto só se justificava em casos extremos, quando as faculdades desenvolvidas e não devidamente utilizadas e orientadas, poderiam causar prejuízos maiores.

Condicionada às ideias vigentes nos meios espíritas, julgava lamentável a atitude daquele dirigente. Isto, até ir a Belém conhecer a Doce Casa Espírita do Nazareno Tourinho*. Ali, tive oportunidade de assistir a um trabalho de desobsessão e a outro de

curas, com a participação, inclusive, de um garoto de 12 anos. Pareceu-me um pré-adolescente tranquilo, com aquele ar alegre de quem está de bem com a vida, apesar do respeito e do senso de responsabilidade que demonstrava para com as coisas espirituais. Havia também outros adolescentes no “trabalho mediúnico” e todos me parecerem muito felizes e equilibrados, perfeitamente adaptados àquelas atividades de intercâmbio com o invisível, como se isto lhes fosse a coisa mais natural do mundo.

Perguntei ao Nazareno por que permitia ali tais procedimentos, considerados incorretos, nos meios espíritas.

Contou-me, então, alguns casos de crianças que ali chegaram após anos e mais anos de sofrimentos seus e de seus familiares, por causa de uma mediunidade afluída, e que encontraram em seu exercício o remédio que a medicina não pudera oferecer. Sugeriu-me reler um trecho de O Livro dos Médiuns, no capítulo XVIII, item 221, alíneas 7 e 8, quando, em seguimento a um alerta sobre a inconveniência de se desenvolver a mediunidade em crianças, encontramos o seguinte:

“Mas há crianças que são médiuns naturais, seja de efeitos físicos, de escrita ou de visões. Haveria nesses casos o mesmo inconveniente?”

“Não. Quando a faculdade se manifesta espontânea numa criança, é que pertence à sua própria natureza e que a sua constituição é adequada. Não se dá o mesmo quando a mediunidade é provocada e excitada. Observe-se que a criança que tem visões geralmente pouco se impressiona com isso. As visões lhe parecem muito naturais, de maneira que ela lhes dá pouca atenção e quase sempre as esquece. Mais tarde a lembrança lhe volta à memória e é facilmente explicada, se ela conhecer o Espiritismo.

“Qual a idade em que se pode, sem inconveniente, praticar a mediunidade?”

“Não há limite preciso na idade. Depende inteiramente do desenvolvimento físico e mais particularmente do desenvolvimento psíquico. Há crianças de doze anos que seriam menos impressionadas que algumas pessoas já formadas”. (...)

De fato, esse pequeno detalhe faz a diferença.

Confesso que me senti surpreendida com a maneira como são conduzidos os trabalhos de desobsessão naquela Casa. Mas conforme estes iam se desenrolando, em meus raciocínios também ia encontrando cada vez menos inconvenientes naquele sistema, e cada vez mais certos.

Na desobsessão habitual, nos meios espíritas, só uma entidade se comunica de cada vez, reduzindo drasticamente o número de atendimentos. Ali, no entanto, trabalhavam simultaneamente uns 15 médiuns, atendidos por um exército de doutrinadores e de ajudantes, que

cuidavam carinhosamente da sua segurança e bem-estar, quando se incorporavam. Vez por outra algum deles, lançado ao chão por um espírito mais agressivo, era sempre amparado pelos auxiliares que lhe colocavam um travesseiro sob a cabeça para não se machucar, e ficavam segurando-o, quando o comunicante se apresentava mais violento. Logo chegava um doutrinador para realizar seu trabalho, ali mesmo, no chão, se fosse o caso.

As atividades nessa Casa espírita não se desenrolavam em torno de uma mesa, mas em várias salas, cujo mobiliário consta de bancos acolchoados, que se transformam em macas, quando necessário. E é nesses bancos encostados à parede que se incorpora a maioria dos médiuns.

Soube que esse trabalho vinha sendo realizado há mais de cinco anos. Observando-o, pescando uma informação aqui, outra ali, conversando com uns e outros dos trabalhadores e dos assistidos, fui sentindo cada vez mais respeito por aquele modelo. Não foi possível verificar quantos espíritos foram atendidos naquela noite, mas foram muitos. Certamente esse método é bem mais produtivo.

Também o passe ali é ministrado durante todo o dia, totalizando entre seis e sete mil ao mês. A Casa abre às sete da manhã e as equipes de passistas são mudadas a cada três horas. Os atendidos são pessoas de todos os níveis desde moradores de rua até empresários, profissionais liberais e funcionários públicos, já que a instituição, localizada no centro da cidade, situa-se próxima às sedes do Governo Estadual, da Prefeitura e do Judiciário.

Na quinta-feira foi a sessão de curas, também impressionante pela maneira como acontece. No salão onde fica o público há palestras durante todo o desenrolar das atividades. Em salas contíguas ficam os bancos acolchoados, mas sem encosto, onde se deitam os pacientes que são atendidos. Após a abertura dos trabalhos e conforme os médiuns vão incorporando, dirigem-se aos pacientes iniciando as atividades de cura.

Não há uma seleção prévia ou aquele denominado “atendimento fraterno”. Ninguém consulta ninguém. Os enfermos formam uma fila e são chamados na proporção em que vão saindo os que já foram atendidos.

Também ninguém lhes pergunta sobre os resultados do tratamento, mas a grande afluência de pessoas a esse trabalho indica que são positivos.

Cada médium, ali, tem sua maneira peculiar de trabalhar, usando muito os dedos, movimentando-os suavemente sobre alguns pontos da cabeça e/ou do corpo do paciente, às vezes tocando-o, de outras não. Outros, vez por outra se dirigem a uma mesinha para apanhar algum material, por exemplo, um pedaço de algodão molhado, creio que com água, e

depois o colocam na cabeça ou em alguma parte do corpo do enfermo.

Não há absolutamente uniformidade nesses trabalhos, cada qual age à sua maneira.

Mas o que mais impressiona é o tranquilo ritmo das atividades, em silêncio. Os médiuns não falam, nada perguntam, não dizem o que o paciente tem, não passam receitas, apenas tratam deles, e pelo que pude saber, é muito elevado o índice de curas. Naquela noite foram atendidas mais de 170 pessoas.

Comecei então a ruminar algumas ideias, lembrando o grande número de companheiros que se sentem atraídos a participar de trabalhos mediúnicos, mas não tem chance por não serem médiuns ostensivos. Alguns se conformam em atuar como meros “doadores de energia”. Tenho ouvido infinitas queixas de trabalhadores de instituições espíritas que nunca puderam ver como acontece uma atividade de intercâmbio com o mundo espiritual. Ora, parece-me correto que um espírita militante deva ter a possibilidade de assistir ou participar de trabalhos dessa natureza.

Num modelo como esse da Casa Espírita do Nazareno, todos que desejam encontram espaço nos trabalhos mediúnicos, seja como médiuns, doutrinadores ou auxiliares, e todos ficam felizes.

Tudo naquele Centro é surpreendente, fugindo em vários pontos das linhas que vem sendo traçadas pelo movimento espírita, ao longo dos anos. É o caso de se começar a repensar algumas dessas linhas, porque muitas delas não estão respaldadas na codificação do Espiritismo. Os médiuns, ali, têm plena liberdade de manifestação e não são chamados à atenção em virtude de quaisquer comportamentos estranhos durante as incorporações. Observei que há uma espécie de disciplina ética da parte de cada um, como se soubessem com exatidão como vivenciar suas faculdades, com respeito pela Casa, pelos assistidos e por si mesmos.

*Minha Doce Casa Espírita é o título do livro do respeitado escritor espírita, dramaturgo, membro da Academia Paraense de Letras, Nazareno Tourinho, no qual fala com detalhes sobre todas essas atividades, com aquela maestria de um gênio no uso da palavra, não só daquela eloquente ou irônica, mas sempre bem construída e convincente, como também daquela outra que flui pela misteriosa vertente da sensibilidade oculta em uma brava alma de lutador. Esse livro é um dos que li com imenso prazer e foi por causa dele que me dispus a ir a Belém, conhecer aquela Casa, assim como também, pessoalmente, seu autor.

Depois da sessão

Na viagem a que me referi anteriormente, em Goiânia, num Centro de periferia, assistimos a uma

bela palestra e em seguida fomos conversar com o dirigente, um cidadão muito simpático. Ele nos convidou para a segunda parte dos trabalhos, que deveria começar dentro de meia hora. Curiosos, eu e meu companheiro de viagem que era simpatizante do Espiritismo, ficamos para essa segunda parte, que acontecia em outro aposento nos fundos do centro. Só que era, nada mais, nada menos, que um tremendo trabalho de quimbanda. Ao descobrirmos o equívoco quisemos ir embora, mas isto não era permitido antes do término da sessão e optamos por não insistir, temerosos de alguma reação raivosa da parte daqueles espíritos tenebrosos. Felizmente as atividades, pelo menos naquela noite, não se destinavam a fazer mal a alguém, mas a curar determinada pessoa que se encontrava muito enferma, por causa de trabalhos de magia negra de que era vítima.

Não vou detalhar aquela tenebrosidade para não criar imagens negativas, embora, para sorte nossa, não fizeram qualquer sacrifício de animal, trabalhando apenas com fumo, cachaça e velas das mais variadas cores, com preponderância para as vermelhas e pretas. Mas só aquelas presenças ali, as coisas que diziam... dava para arrepiar qualquer um. Além disso, o ambiente era sufocante pelo cheiro das velas, defumadores e da cachaça que era bebida pelas entidades diretamente dos gargalos das garrafas. Finalmente, quando nos vimos na rua respirando o ar puro da noite, nos parecia que tudo aquilo fora apenas um sonho mau, um pesadelo.

Incorporação sob pressão

Em outro trabalho mediúnico interessante a que assisti nessa viagem, não me lembro qual a cidade, o dirigente doutrinava procurando falar em rima, como se fosse um repentista. Até aí, nada de mais, mas a maneira como conduzia os trabalhos era terrível. Ele comandava tudo:

“Agora é fulano quem vai incorporar. Pode se aproximar de fulano, irmãozinho. Vamos fulano, receba esse espírito que está aí a seu lado”.

Esse é apenas o teor do que ele dizia, porque isso era dito formando rimas, embora meio quebradas.

E aí de fulano, se não incorporasse!

No início da reunião, ao ver que haviam faltado alguns médiuns ele me pedira para sentar-me à mesa. Não tive como negar e ali estava, esperando a minha vez com bastante apreensão. Não sentia qualquer presença espiritual e, ao ouvir seu comando para que a irmã visitante incorporasse (essa irmã era eu), juro que tive vontade de fazer de conta que estava recebendo um espírito. Mas isto foi só um rápido lampejo e, ali fiquei, sofrendo aquelas ordens implacáveis, apesar de serem proferidas numa forma tão prosaica. Aquilo estraçalhava qualquer vaidade

latente ou mesmo a própria dignidade, ao ser vista e tida pelos companheiros como uma médium “fajuta”. Até me parecia ouvir esse termo tão chulo, circulando nos pensamentos dos presentes. Mas, graças a Deus consegui manter-me firme na opção pela verdade.

O doutrinador parecia um showman, comandando o espetáculo. Suas maneiras eram teatrais e via-se que ele agia sentindo-se a estrela da ocasião. Parecia mesmo muito instigado com o fato de ter ali, comigo, a oportunidade de exhibir-se. Aguentei, no entanto, firme, as suas ordens para incorporar, até que, cansado, determinou que o médium seguinte “receberia” aquele inexistente espírito. Claro que ele o “recebeu”.

Esse episódio me fez ver de perto como é que se fabricam médiuns anímicos e mistificadores.

Imagine um médium concentrado, com todos os seus potenciais mediúnicos ativados, o que significa estar em estado de alta sensibilidade, sentindo essa pressão na forma de ordens para incorporar um espírito. Realmente é preciso ter muita firmeza e mesmo serenidade para não mistificar ou mergulhar no animismo, deixando seu próprio inconsciente manifestar-se, na ausência de um espírito comunicante. Para um mero visitante, como foi o meu caso, até que seria mais fácil, mas para um trabalhador da Casa, quase impossível.

Acredito mesmo que naquele trabalho os benfeitores providenciavam as incorporações de acordo com as determinações do dirigente para minimizar o problema, mas, mesmo assim, é preciso ver que o médium nem sempre tem afinidade energética ou fluídica com todo espírito, além de nem sempre estar em condições favoráveis para o intercâmbio.

Outras experiências

O coral

Certa vez, assim que me concentrei para o habitual exercício de psicografia que fazia em casa, comecei a ouvir uma música, cantada por um coral. Era algo grandioso, magnífico, como se milhares de pessoas o formassem, absolutamente afinado, e executado de forma magistral.

O mais estranho, porém, é que era cantada em francês.

Eu entendia desse idioma apenas o que aprendera no colégio, ou seja, quase nada, descontando o que já havia esquecido. Por isso, só consegui entender as últimas palavras do estribilho que, traduzidas, significavam “radiosa manhã”.

Mas não a escutava através dos ouvidos. Ela estava em todo o espaço e brotava dentro da minha cabeça, repercutindo em todo o meu organismo em estranhas vibrações.

Era uma bela composição, grandiosa, eloquente, que tinha o dom de transportar a dimensões desconhecidas, como se seres da mais alta evolução, cantando-a, estivessem louvando a grandeza do Criador.

Quando chegavam ao final da música, começavam-na outra vez, como se quisessem fazer-me decorá-la. Isto durou em torno de meia hora, ao fim da qual eu tinha a melodia totalmente memorizada.

No dia seguinte, na confecção, enquanto cortava tecido para dar serviço às costureiras, ou seja, num trabalho em que não precisava usar o raciocínio, aquela música voltou-me fortemente à memória e, junto com ela, esboços das palavras que a compunham, mas em português.

Custou muito até conseguir “pegar” toda a letra, aliás, não o consegui direito, mas mesmo esse esboço ficou muito bonito, num tema que gira em torno da seguinte frase: “quando a noite fica mais escura vem radiosa manhã.”

O coral da União Espírita Cearense, dirigido por um maestro profissional, começou a ensaiá-la, mas não era a mesma coisa. Não era sequer a sombra do que ouvira. Infelizmente aquele grupo acabou se extinguindo antes mesmo de terminar os ensaios.

Regressão a vidas passadas

Em 1972 ou 73 eu participava de uma reunião de desenvolvimento de vidência, audição e desdobramento, dirigida por dona Helena, uma senhora cega, de grande valor. Essa sessão era feita pela manhã. Não sei por que, acho a parte da manhã mais produtiva para alguns trabalhos psíquicos, intelectuais e anímicos.

Pois bem, numa dessas reuniões, de forma inesperada, comecei a sentir que voltava no tempo. Rapidamente chegava à infância e à fase fetal. Nessa fase, até mesmo meu corpo tomava a posição do feto, sem que eu pudesse interferir nem entender o porquê do fenômeno.

Fui me sentindo cada vez menor até chegar ao tamanho de um ponto. Eu era, naquele momento, apenas um ponto, nada mais.

Repentinamente, explodi. É isso mesmo. Senti como se explodisse, espalhando-me no espaço e instantes depois me reagrupava, vendo-me em pleno deserto. Em torno, a planície se estendia até o horizonte. Eu era homem e estava a cavalo junto a um pelotão de soldados.

No chão, um homem estrebuchava. Um dos soldados perguntou-me se queria que acabassem de matá-lo, ao que respondi: “Não é preciso. O sol e os abutres farão o resto”.

Minha voz tinha sonoridade grave, e vibrava denotando profundo orgulho.

Eu era alto e forte, com aproximadamente 50 anos e me vestia como um oficial romano.

Virei a montaria e sai a passo, acompanhado dos soldados que iam a pé.

Essa imagem foi-se desvanecendo e passei a me ver em outro momento, em outra encarnação.

Dessa vez era mulher e estava presa numa horrível masmorra, junto com minha mãe e irmã. As paredes estavam cobertas de limo e pelo chão, cheio de lama podre, andavam baratas e outros bichos piores.

Um pelotão de soldados aproximava-se, acompanhando o carcereiro, cujas chaves tilintavam ao compasso da marcha. Os passos cadenciados dos soldados e o tilintar das chaves formavam uma ressonância assustadora.

A porta foi aberta e nós três, arrastadas para fora. Vestiram-nos com túnicas brancas, longas, e nos levaram em procissão atrás de religiosos que portavam tochas acesas nas mãos. Eles tinham as cabeças cobertas com os capuzes dos hábitos e cantavam algum cântico religioso. Seguimos assim até uma praça apinhada de gente que gritava, enfurecida.

No centro da praça havia três postes com lenha colocada em suas bases. Nós fomos amarradas nesses postes e vi quando soltavam os cabelos, já grisalhos, de minha mãe, tão longos que lhe chegavam até a altura das coxas.

Durante todo o tempo os religiosos entoavam cânticos fúnebres.

Eram momentos de extremo horror. A primeira fogueira acesa foi a da minha mãe. Parecia que eles queriam extrair do momento todas as possibilidades para nos torturar, fazendo-nos assistir àquele dantesco espetáculo.

Nos extremos do horror vi as chamas subirem, primeiro tímidas, depois mais e mais agressivas, chegando aos pés de minha mãe, incendiando-lhe a túnica, subindo, crescendo em angustiosa lentidão até alcançarem seus cabelos soltos, queimando-os rapidamente.

Aquelas cenas terríveis foram logo substituídas por outras, como numa fusão.

Desta vez eu via um lago.

Era noite e alguns barcos se moviam em várias direções, levados por homens portando tochas acesas, como se procurassem algo.

Essa cena foi rápida e logo me vi numa saleta de mansão senhoril. No salão ao lado, meu marido estava sendo velado por grande número de pessoas. Ele havia morrido afogado no lago e eu sabia que fora assassinado pelo meu amante. Só não sabia até que ponto eu tivera participação nesse crime.

Vi o assassino chegando num cavalo todo ajaezado e desmontando de um salto, com ares de conquistador. Entrou na saleta em que me encontrava, sorriu-me, um sorriso cúmplice, e em seguida fez-se sério, com ar de grande sofrimento, a fim de passar ao salão.

Nessa regressão eu realmente revivia aqueles momentos, mas o meu consciente, como se fosse uma outra parte de mim, apreciava tudo com o senso crítico que possuo nesta encarnação, podendo, no entanto, apenas registrar as ocorrências sem conseguir movimentar o raciocínio.

Posso dizer, no entanto, que mesmo assim, jamais senti tanta vergonha, e o pior, é que a ela juntava-se o sentimento de culpa.

Rapidamente passei para outro momento reencarnatório. Via-me, ainda adolescente, junto a outras meninas da mesma idade, numa cerimônia da igreja católica, na qual recebíamos algum tipo de iniciação para a vida religiosa. Esse momento fundiu-se logo com outro, daquela mesma existência, em que desencarnava, muito idosa, sozinha em minha cela de freira.

Da série que estava revendo, finalmente chegava a uma encarnação que fora proveitosa.

Aquele foi um momento realmente sublime. Ia me apagando no mundo físico assim como se extingue a chama de uma vela quando esta se acaba. Ao mesmo tempo ia surgindo no mundo espiritual, que me parecia no mesmo local. A estreita cela era agora um grande salão cheio de gente. Havia arranjos de flores por toda parte e uma música suave, belíssima, flutuava pelo ambiente, procedente de regiões desconhecidas. Eu olhava para as pessoas e aos poucos ia reconhecendo nelas criaturas caríssimas ao meu coração. Eram afetos desses que o tempo não destrói, e todos vinham me abraçar, felizes, cumprimentando-me pela vitória daquela existência. Foi um momento de soberanas emoções, tão maravilhosas que até hoje, ao lembrá-las, não consigo conter as lágrimas.

Passei mais uma vez a outro momento reencarnatório. Via-me pequena, com cinco anos de idade. Estava no chão, morta, à beira de um lago. Vestia um vestidinho branco e calçava meias brancas e sapatos pretos, fechados com um botão lateral. Sabia que tinha morrido afogada.

Com relação a esta cena, creio que ocorreu em minha última encarnação, pois desse afogamento guardo nítida lembrança até hoje. Estava brincando na água com outras crianças. No chão uma bacia com pratos, xícaras e talheres. Lembro-me bem de uma concha com o cabo torto, assim como o cabo de um cachimbo. Minha mãe lavava esses utensílios na beira d'água. De repente me vi sufocando e na lembrança seguinte estava deitada no fundo, observando os raios do sol reverberando através das águas.

Quando já adulta, perguntei certa vez a minha mãe se ela lembrava daquele episódio em que eu quase morrera afogada no rio Paraíba. Dizia isto porque residíamos à beira desse rio quando era criança e na minha mente aquele fato ocorrera ali.

Minha mãe afirmou que jamais isto acontecera. Insisti, narrando-lhe todos os detalhes. Ela riu e disse que eu deveria cuidar melhor do juízo porque teria sido absolutamente impossível tal acontecimento, mesmo porque a barranca do Paraíba era a pique, o rio muito caudaloso e ninguém se arriscaria a tal façanha.

Com aquela revelação comecei a observar outros detalhes: as águas do rio Paraíba eram turvas e não límpidas como as da minha lembrança; como poderia ter ficado tranquilamente deitada embaixo d'água observando o ambiente?

Nessa época já era espírita e entendi que se tratava de alguma lembrança reencarnatória. Observei também que o pavor que tenho até hoje de sentir meu rosto na água, deve-se àquele trauma. Só de pensar em mergulhar me dava e ainda me dá pânico, uma terrível sensação de que vou morrer afogada.

Em seguida, fui retornando daquela regressão de memória lentamente, com dificuldade, por causa das grandes emoções que revivera. Ao lembrar-me da cena do velório, senti-me tão envergonhada que não tinha coragem de olhar para os presentes. Mas, aos poucos fui me conscientizando de que tudo isto faz parte da evolução e pude agradecer a Deus, com toda a alma, pelas oportunidades, sempre renovadas, que nos dá para resgatarmos culpas e crescermos mais um pouco. Agradei também toda a ajuda recebida dos espíritos amigos, consciente de que, não fosse ela, certamente ainda me encontraria numa condição de atraso espiritual igual àquela em que me vi à época do império romano.

Observei também como a sabedoria e a justiça estão sempre presentes nos mecanismos que nos conduzem. Numa encarnação matei, e devo ter matado muitas pessoas. Em outra, sofria morte cruel. Numa vida fui cúmplice no assassinato do marido por afogamento. Numa outra morria afogada, embora sem muitos sofrimentos, porque já havia resgatado inúmeros débitos na existência anterior, inteiramente devotada ao bem, a Deus. Soube, em outro momento, que naquela encarnação como freira, viajara por muitos países, principalmente por regiões de grande penúria como as que existem na África, sempre levando a mensagem da Boa Nova.

Benefícios da mediunidade ao seu portador

Alma-amiga

Nos meados de 1971 meu marido veio para Fortaleza, assumir um emprego e eu fiquei em Salvador com os 4 filhos, aguardando o final do ano letivo. Aquela foi uma fase maravilhosa. Eu havia encontrado o Espiritismo e todo o meu ser era um cântico de louvor e gratidão a Deus. Andava pelas ruas sentindo vontade de abraçar as pessoas, rir para os

pássaros e conversar com as flores e com as pedras do calçamento.

Por esse tempo, arrastava o casamento com imensa dificuldade. Temperamentos absolutamente diferentes, gostos opostos, ideais conflitantes iam acumulando mágoas e mais mágoas em meus sentimentos e por mais que quisesse, não conseguia me liberar, mesmo porque eram sempre e sempre renovadas. Mas a separação não me passava pela cabeça, pois naquela época isto era muito mais complicado que hoje. Não havia divórcio e a mulher desquitada era malvista na sociedade. Não que me preocupasse com a sociedade, mas entendia que se estava presa a esse compromisso, certamente deveria levá-lo até onde pudesse. Além disso, sozinha, não teria condições de manter a família. Quanto a defender meu espaço como ser humano com direito, pelo menos à liberdade de pensamento, nem sonhar. Isto acarretaria inútil desarmonia doméstica, com prejuízo à formação psicológica dos filhos a quem amava acima de tudo, e tudo faria para preservá-los de quaisquer conflitos. Entendia que eles necessitavam de paz no ambiente doméstico.

No final de novembro, momentaneamente liberta de uma presença machucante, percebi que estava procurando alguém. Alguém que me amava sem restrições e a quem correspondia na mesma forma. Era um sentimento diferente, que não se nutre da beleza física, nem se acaba com a feiura, quando esta chega nos passos do tempo; que não sente ciúmes, não é possessivo, mas doador. Que nada cobra, mas procura sempre o bem do outro.

Ao andar pela rua, surpreendia-me a olhar nos olhos dos transeuntes, procurando essa pessoa. Sentia que iria reconhecê-la pelo olhar.

Isto assustou-me, deveras. E se realmente essa pessoa existisse e eu a encontrasse? Que mudanças isto iria gerar em minha vida, em meu psiquismo? Sentia-me como uma folhinha seca levada pelos vendavais da vida e dos sentimentos, mas de repente entendi que esse “alguém” não estava reencarnado. Isto tranquilizou-me, enchendo-me o coração de felicidade, porque poderia vivenciar essa realidade sem traumas.

Naquela semana, no habitual exercício de psicografia, assim que percebi a presença espiritual perguntei se tudo aquilo que vinha sentindo era verdadeiro ou apenas imaginação. A resposta veio imediata, dizendo que era verdade, e que a pessoa a quem me referia estava presente, mas não iria se manifestar.

No mês seguinte mudei-me para Fortaleza e aqui passei a frequentar a Casa do Caminho nas quartas-feiras, nos trabalhos de desobsessão, e nas sextas, um trabalho mediúnico que se realizava na residência de uma senhora da sociedade local. Dentre os frequentadores havia um que era professor da universidade, homem

de grande cultura e extraordinária mediunidade. Ele via e ouvia espíritos com incrível facilidade e ficava completamente inconsciente durante as incorporações, ou melhor, de nada se lembrava ao voltar a si. Espíritos que se manifestavam por seu intermédio conseguiam dar a mais completa identificação de si mesmos: nome, endereço e até mesmo número de identidade e CPF, informações essas que foram confirmadas em várias ocasiões.

Foi através desse médium, a que chamarei apenas Professor, que recebi a mais bela de todas as comunicações. Bela para mim, é claro.

Fazia pouco tempo que frequentava aquela reunião. Nunca havia conversado com ele, nem dito qualquer coisa sobre minha vida pessoal a qualquer dos membros do grupo.

Eu passara uma semana horrível. O marido, não sei por que, talvez enciumado ou levado por obsessores queria que eu abandonasse o trabalho mediúnico das sextas-feiras, numa insistência intolerante, angustiante, insuportável, que prefiro não detalhar.

Apenas digo que aquela foi uma semana de muito sofrimento moral e emocional, que não comentei com absolutamente ninguém.

Na sexta-feira fui à reunião completamente arrasada. Amava com toda a alma aqueles encontros com o invisível, encontros esses em que, muitas vezes os espíritos vinham conversar familiarmente conosco incentivando, orientando e até mesmo dando um ou outro “puxão de orelha” quando necessário. Pensar que talvez fosse preciso abandoná-la dava-me uma angústia quase insuportável. Aquela sessão representava os momentos felizes que me achava no direito de desfrutar.

Ao chegar ali tratei de não dar a menor demonstração do que se passava comigo. Sempre tive esse cuidado. Quando criança nunca chorei ao apanhar. Terminada a surra, disfarçava e ia me esconder bem longe. Aí chorava todas as lágrimas e depois lavava o rosto com água fria até estar certa de não apresentar mais qualquer sinal de pranto.

A reunião já ia começar e depois de cumprimentar os presentes fui logo sentar-me à mesa.

Aquela foi a mais memorável das sessões, para mim. Foi uma reunião completamente diferente. Não houve manifestações de sofrimentos. Várias entidades conhecidas apresentaram-se, falando sobre o amor. Uma falou do amor divino, outra do fraterno, outra do amor entre casais. Depois veio um espírito através do Professor que estava sentado à minha frente, e começou dizendo assim:

“Alegro-me, Saara, o teres compreendido tantas coisas que eu disse. Até me espanta o teres podido saber tanto, tão depressa e perceberes o que eu oriento, sem que

me aposse de ti, sem que domine os teus sentidos.”

Meu coração deu alguns saltos e segurei a respiração para não perder uma só palavra. Até então não havia recebido qualquer comunicação assim, tão pessoal, através de outros médiuns. Observei que um companheiro estava gravando a mensagem. E a entidade continuou:

“Estou contigo até mesmo nos intermezzos de tua aflição, e já sentiste que, no desespero com que partes da tua sala, eu já estou na porta do teu quarto, e se te afastas do teu quarto num desespero contido, sou eu quem te aconselha a esquecer o desespero, e tu percebes.”

Meu Deus, como tudo aquilo era verdadeiro! Quando o ambiente ficava por demais angustiante na sala, assim que podia, ia abrigar-me no quarto e quando lá chegava sentia um grande alívio, uma paz profunda, uma esperança nascente e sempre renovada de um futuro menos aflitivo. O mesmo ocorria quando fugia do quarto e ia sentar-me no quintal da casa. Ficava olhando o céu azul ou estrelado e pouco a pouco uma paz profunda, com vibrações de felicidade descia sobre mim. Era como se ingressasse num outro mundo, com outros paradigmas, outros conceitos, em que uma atmosfera de beleza soberana permeasse tudo, desde os ambientes, os sentimentos, até aos mecanismos que regem a vida.

E a entidade continuava dizendo:

“Quem te chama para o Alto, sou eu. Quem te quer, também sou eu. Nós nos queremos, aliás, já que nos somamos por uma afinidade tão grande. Só que eu vivi mais que tu, mas tenho também as tuas raízes. Nós nos perdemos em caminhos tão longos... Havíamos de nos encontrar, um na ajuda do outro. Eu te ajudo agora, amanhã tu me ajudarás”.

Cada palavra caía em minha alma com a suavidade da luz e a poderosa força da convicção, porque tudo se encaixava. Desde que me lembrava como espírita, sempre sentira algo me chamando para o Alto, como se vibrações sublimes fossem rompendo as barreiras de sombra em torno da minha personalidade, buscando sintonia com minha religiosidade, muitas vezes sufocada pelas condições meramente materiais.

Perguntei-lhe o nome.

“De que valeria um nome, Saara? Não é a mim que chamas quando temes o que violenta a tua delicadeza?... Não é a mim que chamas quando temes o ruído, a algazarra e a atenção dos vizinhos?”

Como aquelas palavras eram verdadeiras! Estava pasma. E a entidade continuou, tocando num ponto importante:

“No teu calendário tu vivias o final do ano de 1971. Aí eu cheguei. Mas me percebeste com maior precisão, alguns dias após.”

Nessa noite, ao chegar em casa, fui logo procurar a pasta onde guardava os exercícios de psicografia e lá estava aquela em que perguntara se

era verdadeira aquela aproximação espiritual que vinha sentindo nos últimos dias, e cuja resposta fora positiva. A data era do final de novembro de 1971, exatamente como dissera aquele espírito.

Por que digo alma-amiga? É porque é um sentimento que extrapola o mero desejo carnal. É algo onde não há lugar para ciúmes, algo infinito, onde não há medo de desagradar e perder, por isso a sinceridade é total, absoluta, como aquela que temos com nós mesmos. É uma relação tranquila, sem cobranças e sem questionamentos; que dá pleno sentido à vida, razões para o existir, e a convicção de que não se está só... nunca se estará só.

Meu coração cantava de alegria e um novo e poderoso entendimento tomava conta do meu ser. Tinha agora novas razões para existir, lutar, sofrer e vencer. Vencer a mim mesma acima de tudo, porque percebia que há ainda muito chão evolutivo nos distanciando um do outro.

No dia seguinte me levantei muito cedo e fui andar pelo jardim. Precisava dividir minha felicidade nem que fosse com as flores. Havia plantado algumas roseiras que estavam particularmente carregadas naquela manhã. Observei uma cor-de-rosa. Era grande e bela. Estava completamente aberta e o sol brilhava em suas pétalas fazendo magníficos efeitos de luz e cor. Segurei-a pelo caule delicadamente, aproximando-a para aspirar-lhe o perfume. Nisso, o talo quebrou-se sozinho e me vi com a rosa na mão.

Um galho de roseira é muito difícil de quebrar. É preciso dobrá-lo, torcê-lo inúmeras vezes, até conseguir desprendê-lo. Mas ali estava eu, completamente aturdida, segurando entre os dedos o pequeno galho com a mais bela das rosas. Senti, com incrível intensidade, que era meu amigo espiritual, aquele ser que tanto procurara, quem me oferecia aquela flor.

Nesse mesmo dia, totalmente renovada em minhas forças espirituais, ao ser mais uma vez pressionada a abandonar a tarefa, consegui tomar uma atitude firme e definitiva, dizendo:

- Tudo o que você quiser de mim eu faço, menos abandonar o trabalho mediúnico. Se tiver de escolher, vou ficar com a mediunidade.

Depois disso, meu marido não mais tentou afastar-me dos trabalhos no Centro.

Observe só, caro leitor, como é bela essa relação entre o mundo espiritual e nós. Os espíritos benfeitores sempre sabem exatamente do que mais estamos precisando: uma censura, uma orientação, uma demonstração de carinho, presença, ou de uma palavra de ânimo.

Por ocasião desse fato que acabei de narrar eu estava no fundo do

poço, sentia-me um lixo. Estava fragilizada, deprimida, e muito necessitada de uma injeção de força para poder continuar. Daí, toda aquela ajuda, que veio num formato capaz de me sustentar o ânimo durante todos os anos difíceis que ainda tinha pela frente.

As entidades responsáveis pelas tarefas das quais participamos não apenas querem que cumpramos a nossa parte. Elas também nos proporcionam esses lenitivos, quando entendem necessário e quando isto é permitido. Depois que a fase mais pesada do meu carma passou e minha vida tornou-se mais amena, aquelas manifestações incentivadoras também tiveram fim e eu entendi o porquê. Eles só nos dão aquilo de que realmente necessitamos.

Nos anos seguintes tive diversos contatos com aquela entidade, tanto através da mediunidade de outras pessoas em manifestações de absoluta autenticidade, quanto através de minhas próprias faculdades.

Certa manhã estava varrendo a casa quando senti uma presença maravilhosa, dessas que nos dão vontade de sorrir, cantar e abraçar qualquer pessoa que nos cruze o caminho. Em minha mente então “gotejaram” as primeiras palavras de uma mensagem. Corri a apanhar caneta e papel e escrevi o seguinte, sentindo, embora, que o começo do texto era como se fosse eu mesma falando:

“Tudo na vida nos indica o Alto, desde o crescer da plantinha até às mãos erguidas em prece.

As nuvens, passando ligeiras, elevam-nos o pensamento às dimensões maiores e o fulgor das estrelas no manto celeste parece até o aceno divino da alma amiga, cuja voz, vinda das profundezas do infinito, nos chama, dizendo:

Vem... Não permitas que a lama da terra te prenda os pés. Faz um grande esforço... o maior de toda a tua vida e... vem!

Se os espinhos rasgarem tua carne e teus pés se ferirem nos pedregulhos da subida, e tua alma cansada e sofrida estiver prestes a desistir... Ergue de novo os teus olhos para o Alto e ouça mais uma vez a minha voz a te chamar, dizendo: vem!

As mais belas de todas as flores guardei para ti. Para os teus pés feridos tenho o bálsamo milagroso da fé e para tua alma, cansada e sofrida, o reconforto sublime do amor.

Vem sentar-te a meu lado no banquete da vitória; esquecer as sombras todas do passado e com a alma regenerada pelas árduas lutas da ascensão, vem vestir-te de luz, oh alma amiga. Vem vestir-te de luz tu também... vem!”

OBS. Estou narrando algo assim tão pessoal, para que algum leitor que esteja se sentindo desamparado, só,

sem ninguém, possa convencer-se de que também tem sua alma-irmã em algum lugar, e que, talvez, como eu mesma, esteja precisando cuidar mais da própria evolução espiritual para ter o direito do feliz encontro.

Tu chegarás lá

Numa época em que as dificuldades materiais estavam muito grandes, acrescidas de dores morais, certa vez acordei de madrugada, sentindo uma presença espiritual de elevada condição. Procurei relaxar e elevei o pensamento ao Alto. Aos poucos senti que estava me desdobrando e me vi junto a uma janela, a grande altura, dando para um vale pedregoso, de terreno muito acidentado. No outro lado do vale a paisagem era bela, magnífica.

Vi a mim mesma caminhando lá embaixo com muita dificuldade, carregando fardos muito grandes e pesados, tentando atravessar o vale na direção daquele lugar tão belo.

A meu lado, junto à janela, a entidade que eu não via, ia dizendo:

“Tu chegarás lá. A caminhada é difícil, aflitiva e amargurosa... mas chegarás lá.

Atrás das pedras que te ferirem os pés encontrarás folhas verdes, simbolizando esperança, e além dos espinhos que te ferirem a carne, verás lírios brancos a embelezarem e perfumarem teu ambiente.

Tu chegarás lá.”

Só consegue sentir a grandeza e o abençoado consolo de tais palavras quem esteja com a alma torturada por aflições, ou passando por duras provas.

Voltei rapidamente para o corpo, agradecendo, em lágrimas, a bondade divina e o carinho e cuidados com que os espíritos benfeitores nos cercam nos momentos difíceis.

Essa foi outra das poderosas lembranças que me ajudaram a atravessar os longos anos de imensas dificuldades e aflições pelos quais passei.

Vencerás

Outro momento importantíssimo para mim deu-se numa daquelas sessões de sexta-feira. Elas eram diferentes do habitual, porque nem sempre os trabalhos giravam em torno de assistência a espíritos sofredores ou obsessores. Isto, talvez, porque ali não era um centro espírita, apesar das reuniões acontecerem num aposento separado da casa, destinado exclusivamente a esse fim.

Nessas sessões vez por outra vinha algum espírito para falar com alguém do grupo que estivesse precisando de conselho, ou então entidades mais evoluídas, para dar explicações sobre vários aspectos da vida espiritual.

Uma dessas entidades, muito querida por todos, era Solange, que sempre trazia mensagens de elevado teor.

Certa noite ela conversou com os presentes, um por um, aconselhando ou chamando a atenção para algo que precisava ser revisto.

Chegada a minha vez, disse: “A você, Saara, pela sua dedicação, pelo seu empenho e a sua fé vou lhe dar um prêmio. Esse prêmio é apenas uma palavra: Vencerás”.

Isto foi dito com solenidade e cada sílaba penetrava em meu coração em vibrações de alegria e gratidão, que eu respondia com a promessa íntima de ser sempre verdadeira, dedicada, responsável e, principalmente, esforçar-me para desenvolver humildade e amor, pois destas duas qualidades ainda me sinto muito carente.

Ao falar no meu empenho e dedicação, Solange certamente referia-se a um trabalho de evangelização que eu vinha desenvolvendo num hospital de doentes mentais, uma vez por semana. No começo éramos várias pessoas que foram se afastando uma a uma, deixando-me praticamente sozinha naquele trabalho tão difícil, mas que era esperado pelos pacientes com muita ansiedade e que, certamente, era utilizado pelos benfeitores para suas tarefas assistenciais.

Aquelas palavras de Solange, afirmando que eu venceria, voltavam-me à mente sempre que a caminhada se tornava mais difícil, e essa convicção me dava força e confiança.

Muitos anos mais tarde, quando o nosso Grupo do Lar Fabiano de Cristo se desfez, passei a frequentar outro Centro.

O doutrinador da sessão de que participava era um antigo companheiro da Mocidade Espírita, pessoa de excelentes qualidades, que sabia lidar com espíritos obsessores com sabedoria e muito amor. Mas outros companheiros, desacostumados a manifestações mais “pesadas”, ou seja, de espíritos em condições de baixíssima vibração, como suicidas, alguns obsessores a serviço de trevosos etc., concluíram que eu estava obsidiada e teria de ser afastada do Centro. Só que ninguém teve coragem de me dizer o que estava acontecendo. “Caridosamente”, não me falaram no assunto, mas podia perceber suas indiretas, quando, no início das reuniões, algum dos presentes punha-se a enfatizar a necessidade de vigilância por parte de médiuns que estavam atraindo espíritos atrasados para os trabalhos. Um deles veio me dizer, sem nada explicar, que eu estava sendo objeto de desentendimentos na Casa.

Como é natural, decidi-me a sair do grupo. Também comecei a me perguntar se não estaria realmente obsidiada. E se assim fosse, a quem recorrer?

Foi quando uma entidade, incorporada num dos companheiros, chamou-me para dizer que ficasse com o coração tranquilo e permanecesse numa postura de humildade, como deve ser a de um

médium espírita, concluindo: Vencerás! Vencerás!... Aquele espírito repetiu insistentemente a palavra “vencerás, até que tive certeza de tratar-se de Solange, ou de alguém ligado a ela. Percebi também que aquilo fora um recurso usado pelos benfeitores para me fazerem sentir que eu não estava sofrendo efeitos de uma obsessão, mas cumprindo um compromisso de trabalho junto a faixas espirituais mais baixas, que nem todos poderiam entender ou aceitar.

Isto me aliviou. Não fosse aquela palavra e o que ela significava, certamente teria começado a gerar dúvidas com relação à minha tarefa mediúnica, com repercussões imprevisíveis para o meu futuro como médium e mesmo como pessoa razoavelmente equilibrada.

Também foi importante ter saído daquele Grupo, porque logo encontrei outro perfeitamente identificado com esse tipo de atividade mediúnica, que me acolheu com carinho e onde permaneci até o término da minha tarefa na desobsessão.

A aliança

Em 1973 minha vida conjugal continuava arrastando-se com muita dificuldade, somando amarguras e mais amarguras numa alma já tão machucada. Tinha certeza de estar cumprindo um resgate cármico. Aliás, no dia do meu casamento, quando embarcamos para a lua de mel, a sensação não era aquela de felicidade, habitual nas noivas, mas de alívio. Sentia que era exatamente o que deveria ter feito e isto me dava paz.

Por essa época, numa reunião de desenvolvimento de vidência, psicografia e desdobramento de que participava, vi-me repentinamente fora do corpo, subindo uma série de degraus muito largos, como se fossem de uma catedral. Parei diante de uma entidade que era só luz. Não conseguia ver-lhe as feições nem a forma, apenas as mãos estendidas em minha direção. Como se fosse guiada por uma força desconhecida estendi as minhas e aquele espírito, em rápido movimento, retirou a aliança da minha mão esquerda e em seguida colocou no dedo anular da minha mão direita um anel largo, com bordas de ouro, e no meio alguns minúsculos desenhos em alto relevo, cujo significado jamais entendi.

Em seguida, sempre guiada por aquela força estranha virei-me e retornei ao corpo. Movi a mão esquerda, mas não consegui sentir a aliança. Abri os olhos e vi que ela continuava ali, no meu dedo. Já, na mão direita eu sentia o anel, mas não o via.

Entendi de logo o significado da ocorrência. Meu compromisso matrimonial, pelo seu aspecto cármico, havia chegado ao fim.

Comecei então a planejar a separação.

Foi quando recebi uma mensagem psicografada por uma das médiuns,

novata em nosso grupo, pessoa que nada sabia dos meus problemas.

Ela telefonou-me um dia pela manhã, bastante sem jeito, dizendo que de madrugada fora visitada por um espírito que se vestia como árabe, com um turbante muito branco, e que ela já vira várias vezes a meu lado, durante as sessões. Era aquela mesma entidade que chamo de alma-amiga. Pois bem, na mensagem ele dizia que estava sempre presente na minha solidão, ajudando-me a superar as dificuldades e me aconselhava a não tomar qualquer atitude precipitada. Disse que deixasse as coisas caminharem naturalmente, porque quando menos esperasse tudo seria resolvido sem a minha interferência, mas conforme estava escrito que deveria ser.

Atendi aquele conselho e me tranquilizei. De fato, quando menos esperava, meu marido tomou a iniciativa de ir embora. Foi um alívio indizível no que se referia ao lado emocional, sentimental, de vida e harmonia, mas... no aspecto material, foi terrível. Com cinco filhos, tive de assumir sozinha a manutenção da família, sem ter um emprego e nem mesmo uma profissão, pois a minha, em solteira, fora a de comissária de bordo. Até mesmo a casa tivemos de entregar por não poder pagar as prestações.

De início, pensei em mandar os filhos para a companhia de parentes no Rio. Mas felizmente entendi que se tivéssemos de passar privações, fossem quais fossem, deveríamos estar juntos. Concluí também que teria de aceitar tudo que o futuro trouxesse e comecei a me condicionar à ideia de morarmos embaixo de um viaduto e pedir esmolas. Aceitei intimamente essa possibilidade porque, assim, tudo que nos ocorresse em termos de dificuldades, ainda seria lucro.

Foram muitos anos de lutas insanas e sacrifícios imensos, mas graças a Deus nunca precisamos morar embaixo do viaduto, muito menos pedir esmolas. Trabalhei vários anos vendendo carnês de montepio de porta em porta, joguinhos educativos em colégios, até que consegui montar uma pequena confecção. Com ela fomos conseguindo sobreviver até que apareceu um cliente de grande potencial que nos permitiu maior estabilidade. Os filhos também puderam continuar seus estudos e foram-se formando, um a um.

Nesses difíceis e solitários percursos, entretanto, os amigos espirituais estiveram sempre presentes, confortando, dando bom ânimo e afirmando que um dia as coisas iriam melhorar.

Se conto estes fatos, mesmo de forma muito superficial, é para mostrar como o mundo espiritual está presente em nossas vidas, quando lhe damos acolhida e quando procuramos fazer a nossa parte.

Milhões de pessoas sofrem das mais diversas formas, e se tivessem conhecimento de fatos como os narrados, poderiam criar condições para também receberem ajudas

extraordinárias dos Benfeitores espirituais.

Dr. Fritz e a operação no olho

Era alta madrugada. Acordei, percebendo a presença de espíritos. Um deles, um mentor que bem conhecia, estava acompanhado do Dr. Fritz. Fazia algumas semanas que vinha sentindo fortes pontadas, uma espécie de agulhadas no canto externo do olho direito. Eram muito fortes, incomodando bastante. Não havia pedido qualquer ajuda espiritual por entender que os espíritos têm as suas inúmeras ocupações, por isso não devemos importuná-los, a não ser em casos de premente necessidade.

Mas eles estavam ali, dispostos a ajudar, conforme logo percebi. Dr. Fritz disse, com aquele seu sotaque carregado que tão bem conhecia: “Vamos ver isto”, e passou a mexer no meu olho, durante uns três ou quatro minutos. Por fim, sempre com aquele inconfundível sotaque falou: “Quero que faça repouso nesta quinta e sexta-feira”. Dito isto saíram todos, ficando o quarto em silêncio. Procurei lembrar-me que dia era aquele e, realmente, era noite de quarta para quinta-feira.

Aquelas agulhadas nunca mais voltaram.

Veia preta

De outra feita, vinha sentindo há alguns meses umas fortes pontadas atravessando-me a cabeça em ângulo oblíquo, sempre no mesmo lugar, e depois que elas passavam a dor permanecia ainda reverberando por algum tempo.

Numa noite, durante o trabalho mediúnico, percebi que um espírito, não sei como, iluminava minha cabeça por dentro e eu podia ver uma espécie de veia fina, preta, atravessando-a lado a lado, exatamente no lugar onde sentia as pontadas. Aos poucos, com muito cuidado, ele começou a retirá-la, puxando-a por uma das pontas. Eu sabia que ela continha um líquido grosso, escuro, certamente resíduos energéticos negativos que se haviam acumulado ali, talvez com a finalidade de serem eliminados.

Depois disso não mais senti as pontadas.

O marca-passo

Em 2016, já com 78 de idade, vinha acordando de madrugada com uma sensação de dor/aflitiva no peito, falta de ar e taquicardia.

Certa noite tive um sono muito profundo e só acordei alta madrugada, percebendo que estava bem; respiração normal, sem dor no peito e o pulso a 60 por minuto. Mas logo notei que meu coração batia ao ritmo do tique-taque do despertador que tinha no quarto. Era incrível, como se ele tivesse se transformado num marca-passo. E assim continuou, mas quando ia viajar para a Finlândia, em setembro de 2017 (11 horas até Frankfurt e depois mais de

3 até Helsinki estava preocupada, porque não poderia viajar com o despertador ligado, pois poderiam achar que era uma bomba-relógio.

Mas durante o voo meu ritmo cardíaco continuou, e continua ainda a 60 por minuto.

Milagre? Não. Uma ajuda espiritual, dessas que não entendemos como acontecem, mas graças a Deus, acontecem.

Penso, então, na imensa bondade do Criador, na incansável atividade dos benfeitores espirituais, em sua paciência e complacência para conosco. Não que eles nos facilitem as coisas, mas a sua presença dá confiança, alento e sustenta nossas forças, enchendo nossos corações de esperanças sempre renovadas.

Quantas pessoas são beneficiadas diuturnamente pelos espíritos e nem se dão conta... Todo ser humano recebe assistência espiritual. Mas, referindo-nos aos meios espíritas, é natural que os médiuns, os doutrinadores, os expositores, aqueles que escrevem sobre temas espirituais ou de natureza elevada, os que desempenham tarefas nos Centros, recebam essa assistência com maior intensidade. Só que, nem todos a percebem nitidamente ou dela recebem provas palpáveis. Também poucos tem oportunidade, como esta que estou tendo, para narrar a própria experiência nesse sentido. Se todos o fizessem... imagine de quanta coisa bonita teríamos notícia.

Outras vivências mediúnicas

Deus paz...

Nos meus primeiros anos de atividade mediúnica, durante uma sessão de desenvolvimento da vidência, psicografia e desdobramento de que já falei, vez por outra me via ante algum fenômeno desconhecido. Certa vez, logo no início da reunião, comecei a sentir-me desdobrando de uma forma muito estranha. Era como se esticasse para cima. O corpo carnal permanecia na cadeira, mas o restante de mim subia, como se fosse uma planta crescendo rapidamente, ganhando altura e, logo, minha cabeça já estava a dezenas de quilômetros acima do chão, numa faixa muito alta.

Sentia-me numa dimensão cósmica, que não saberia descrever. Era como se eu fosse um ser sem fronteiras, indimensionado, abarcando o ilimitado. E nesse estranho momento percebia certas vibrações, que não sei se eram pensamentos, palavras ou algo desconhecido repercutindo na forma de ideias, como: Deus paz... Deus amor... Deus justiça... Deus inteligência soberana... Deus harmonia... E no bojo dessas ideias sentia-me integrada às vibrações correspondentes. Por exemplo: “Deus paz...” era como se vibrasse em consonância com a paz cósmica, como se naquele momento pudesse

perceber todas as manifestações da paz universal.

Na ideia “Deus amor...” sentia-me participando do amor universal, uma força mansa, mas absolutamente poderosa, em tudo manifesta. E, numa espécie de visão indimensionada, podia perceber essa força nas pulsações cósmicas, intercambiando ligações afetuosas entre os corpos celestes; no elo que aproxima animais e seres humanos uns dos outros; no reino vegetal e nas atividades atômicas, movimentando os elétrons.

Na ideia “Deus, justiça...” percebia os fabulosos mecanismos siderais fazendo tudo funcionar dentro do equilíbrio das leis de ação e reação.

Por certo não consegui passar, nem remotamente, a ideia dessas percepções extraordinárias. Também os presentes à reunião, com certeza não podiam sequer suspeitar do que se passava comigo ao me ouvirem dizer em voz muito lenta as palavras indicadoras: Deus paz... Deus amor... etc.

Jamais consegui entender qualquer coisa sobre esse fenômeno, nem o porquê de tê-lo vivenciado, e se faço esta narrativa é para que algum leitor que tenha passado ou passe por algo semelhante, não duvide, pensando tratar-se de imaginação, ou pior, que esteja ficando com a mente perturbada.

Nessas mesmas reuniões muitas vezes sentia como se me colocassem um funil na cabeça e através desse canal me fosse possível receber o pensamento de alguma entidade de faixas superiores. Nessas oportunidades dizia aos companheiros o que estava ocorrendo, mas percebia que a mensagem que lhes transmitia era bem mais pobre do que aquela que recebia. Não conseguia repassá-la em sua beleza e profundidade originais. Com isso, acabei convencida de que a minha tarefa era de fato a desobsessão, o trato com espíritos de baixa condição. Aquelas breves incursões a planos mais elevados por certo ocorriam como estímulo, ou quem sabe, como minúsculas aberturas para dimensões transcendentais, em chamamentos para o Alto.

O velho oriental

Em outra dessas reuniões vi-me em desdobramento, subindo a um plano muito alto, onde havia um pequeno grupo de sacerdotes orientais. Eles usavam mantos de um amarelo dourado, com mangas longas, muito largas, e escondiam a mão direita dentro da manga esquerda e vice-versa. À frente desse grupo, o mais idoso deles apresentava uma barba rala, completamente branca e muito comprida, que terminava em ponta. Na cabeça, poucos cabelos brancos como a neve. O rosto, muito enrugado, deixava transparecer grandeza e poder espiritual, par a par com imensa bondade e sabedoria.

Fui repetindo suas palavras no corpo carnal e alguém as copiou.

Ele falava, naquela forma simbólica que os orientais gostam de usar, sobre uma linha divisória (imaginária) existente no caminho evolutivo que separa as faixas superiores das inferiores. Explicou que o ser em sua evolução, quando ainda em níveis mais primários, sente o chamamento superior e conforme vai se aproximando dessa linha, essa força que o atrai para o Alto vai se tornando cada vez maior. Só que a atração inferior ainda exerce muito poder sobre ele por causa da sua primariedade. Por isso é preciso que tenha muita determinação e força de vontade para conseguir chegar a essa linha e atravessá-la. Só depois que o consegue é que poderá caminhar com menos dificuldade, até que a atração inferior se torne tão fraca e a superior tão forte que a subida possa ser rápida e fácil.

Disse também que eles, muitas vezes, desciam das regiões luminosas até essa linha imaginária para ajudar almas amigas que haviam ficado para trás, a atravessarem-na.

Mais que suas palavras, aquela presença me deixou uma espécie de saudade que não conseguia compreender e quando voltei para o corpo a vontade de chorar era muito grande, mas felizmente consegui me conter e os companheiros da mesa nada perceberam.

Em outra oportunidade, num exercício de psicografia, essa mesma entidade manifestou-se falando sobre o significado do culto que é feito ao sol por alguns povos, que vêm nele a representação de Deus para os homens. Foi uma bela mensagem, vazada naquela linguagem própria dos sábios orientais.

Nunca soube quem era aquele espírito.

O mandarim

Outra experiência interessante que tive, ligada ao oriente, ocorreu em casa. Era uma tarde de domingo. Estava sozinha e depois do almoço fui deitar-me para descansar um pouco. Mas logo comecei a sentir forte vibração à altura do plexo solar. Era uma vibração insistente, poderosa, que quase me tirava o fôlego. Aos poucos fui-me sentindo em outro ambiente, um grande salão cujas paredes estavam cobertas com desenhos coloridos, preponderando os de águias e serpentes. Dentre as cores, muito vivas, sobressaíam o amarelo dourado, a púrpura e o azul. Não havia mobiliário e o piso também era colorido, mas tão brilhante como se fosse um espelho. Sabia que era na China, há uns cinco mil anos.

E eu me via ali, sentada no chão, executando uma dança sagrada para um mandarim assentado sobre almofadas também muito vistosas. Sentia medo daquele homem, do seu formidável poder mental e também temporal. Sabia que era obrigada a obedecê-lo, como se fosse sua escrava. Mas eu executava essa dança

também em meu corpo físico, sobre a minha cama, e ficava impressionada com a elasticidade do meu corpo, a capacidade de executar aqueles estranhos movimentos, que representavam a águia e a serpente ao mesmo tempo.

Esse fenômeno durou talvez uns 10 minutos. Aos poucos aquilo foi-se apagando e eu fui reentrando no meu ambiente ainda executando aquela coreografia que sabia ter algo a ver com religião.

Também nunca soube o significado daquilo.

Desdobramento consciente

Em 1971, quando meu marido tinha vindo para Fortaleza e eu ficara em Salvador, aguardando o término das aulas das crianças para vir com a mudança, ocorreu-me um fato interessante.

Acordei de madrugada, lembrando-me de certas orientações que lera sobre desdobramento. Fiz então um exercício respiratório e de relaxamento. Quando estava bem relaxada senti que alguém me segurava o pé com firmeza e o puxava para cima. Minha perna perispiritual saiu de dentro da carnal e ficou flutuando. Em seguida, fez o mesmo com a outra perna, depois com os braços, o corpo e a cabeça, até que me senti flutuando sobre o corpo adormecido. Fiz um pensamento para sair dali, e logo me vi andando, subindo por um caminho que levava ao topo de um morro. Pessoas vinham descendo pelo mesmo caminho e eu as olhava, tentando saber se eram espíritos encarnados no desdobramento do sono, se eram desencarnados, ou pessoas em seu corpo físico.

Elas me pareceram normais, como as do nosso convívio diário, mas algo estava diferente, talvez uma questão de leveza e velocidade.

Continuei a subir e logo comecei a sentir cansaço e um pouco de dor nas costas. Parei por instantes e fiz uma prece. Imediatamente senti-me bem-disposta e continuei a caminhar até chegar a um platô no topo do morro, a uma espécie de bar onde as mesas ficavam ao ar livre, debaixo de árvores. Dirigi-me a determinada mesa, encontrando ali meu marido em companhia de outras pessoas, bebendo e conversando alegremente.

Aproximei-me e tentei falar com ele, chamando-o pelo nome, mas não me ouviu nem percebeu minha presença.

Afastei-me dali, sentindo profunda tristeza por algo que havia observado, dirigindo-me para o outro lado do platô. Parei, encantada com a beleza da paisagem que via lá embaixo, porém, mais que ela, o que me invadia era uma espécie de beleza espiritual, uma presença sublime que permeava tudo com o mais profundo amor e júbilo. Era uma sensação tão extraordinária, tão maravilhosa, que percebi o quanto seria tolo deixar-me entristecer pelo que acabara de presenciar. As coisas terrenas

passavam a ter importância mínima, ante a magnitude das espirituais.

Voltei ao corpo e procurei manter-me naquela vibração de felicidade pelo maior tempo possível.

Esse foi o único desdobramento que tive, assim, com o uso de todas as faculdades, desde a visão plena e audição, até a consciência da saída do corpo e a caminhada na dimensão espiritual. Nos desdobramentos habituais, durante os trabalhos mediúnicos ou não, eu não via os ambientes olhando-os com os olhos, nem me sentia caminhando com meus pés. Locomovia-me sem o uso das pernas e percebia sem usar os olhos. Essas percepções podiam ser perfeitas e detalhadas, mas eram diferentes.

Pelo que se sabe, há vários níveis de desdobramento, que provocam estas e outras diferenças.

Duplo etérico?

Uma experiência interessante ocorreu-me certa vez em que acordei de madrugada, ouvindo minha filha tossir. Nisso, vi uma cópia exata de mim mesma, aproximando-se. Estava vestida com a mesma camisola que eu usava no momento. Ficou parada a uns cinco metros de distância, observando, como quem está a postos para tomar alguma atitude, se for necessário. Quando a menina, que dormia a meu lado, parou de tossir, minha sócia virou-se e foi embora com incrível rapidez. Também eu adormeci em seguida, arrastada por poderoso sono.

No dia seguinte, lembrando o fato, tentei explicá-lo a mim mesma.

Imaginei que aquele sócia seria meu duplo etérico. Afirmam diversos autores que esse duplo se afasta a procura de recursos energéticos que só consegue assimilar durante o desdobramento do sono. Dizem também que é ele que aparece a parentes e amigos, quando o ser que o vivifica está desencarnando. Parece que a vontade de ver pessoas queridas na hora da morte faz com que ele seja projetado, podendo ser visto com certa facilidade.

Aproximação de entidades elevadas

São momentos em que o médium pode convencer-se de que existe Céu. Não esse que as religiões têm pintado, mas outro todo feito de imensa harmonia, de uma intensa vibração de amor e júbilo e uma profunda e total sensação de bem-estar.

No Grupo Espírita Horizontes da Vida, quando me preparava para ministrar o passe em alguma pessoa necessitada, pude muitas vezes sentir a presença de uma entidade, dessas que detém grande potencial de amor. Rapidamente tudo mudava e eu ingressava num ambiente sublimado. Uma imensa felicidade me envolvia e sentia-me capaz de amar até mesmo a pior de todas as criaturas da Terra ou do Espaço; até mesmo a quem tivesse todos os motivos do mundo

para odiar, caso os tivesse. Sentia vontade de aconchegar ao peito a pessoa a quem ia dar o passe, para infundir-lhe aquela maravilhosa sensação, aquele amor tão imensurável. E mesmo depois daquele espírito ter-se afastado, continuava ainda por muito tempo a sentir os benefícios de sua excelsa presença. Nunca soube quem era e também nunca mais senti aquela presença.

Havia outros que por vezes se aproximavam, principalmente na parte final dos trabalhos, cuja proximidade induzia a elucubrações filosóficas, poéticas ou científicas. Outros ainda, expressavam extrema beleza de oratória, com elevada sensibilidade espiritual.

Espíritos sofredores

Os Suicidas

Naquelas reuniões de sexta-feira a que já me referi, tive oportunidade de observar inúmeros fenômenos interessantes, como também de presenciar o desenrolar de determinados mecanismos.

Numa dessas sessões comecei a perceber a presença de um suicida em deploráveis condições. Tratava-se de um homem de uns 60 anos, cujo sofrimento era cruel. Antes que eu dissesse alguma coisa ou desse qualquer demonstração, o Professor informou que estavam trazendo para o recinto o espírito do médico Dr. J, muito conhecido na cidade, que se suicidara havia uns 15 anos.

Eu nunca ouvira falar no caso, mesmo porque residia na cidade há pouco tempo, mas coloquei-me interiormente à disposição para recebê-lo.

Após a doutrinação que consistiu muito mais em vibrações e convites à oração, pedindo a Jesus ajuda e alívio àquele irmão, ele foi adormecido e assim levado para alguma instituição socorrista no mundo espiritual.

Em seguida, incorporou-se no Professor um dos dirigentes espirituais da reunião, que também fora médico, muito culto e humanitário. Falou dos seus últimos dias na Terra, fartos de sofrimento, o corpo inchado e dolorido, os órgãos em desarranjo, o desespero da família etc. Disse também do extremo alívio que sentira com o desenlace, da alegria de perceber-se leve, saudável, os movimentos ágeis, a mente extremamente aguçada. Referiu-se com muita sensibilidade às belezas que podem ser vistas nas faixas mais evoluídas do mundo espiritual, à magnificência das paisagens, à grandeza dos sentimentos que vibram nessas regiões de luz.

Contou que, desde a sua desencarnação, o primeiro momento de sofrimento lhe ocorreu quando do suicídio daquele espírito que acabara de ser levado. Eram amigos de outras eras e tinha vindo na intenção de tentar ajudá-lo, mas as

tentativas foram inúteis e tivera de ficar ali, inerte, assistindo ao terrível sofrimento do amigo, que não podia sequer perceber-lhe a presença, em virtude das pesadíssimas vibrações em que imergira através do ato suicida.

Explicou que no suicídio pode haver atenuantes facilitadores de ajuda, mas naquele caso não havia. O amigo resolvera matar-se e o fizera por causa de um caso de amor mal resolvido.

Agradeceu a todos os presentes pela colaboração, informando que ainda o traria por mais algumas sessões até que ficasse em condições de ser levado definitivamente. Assim sucedeu.

Os espíritos dos que se matam apresentam, muitas vezes, uma vibração tão hipnótica que podem induzir pessoas sensíveis a praticarem ato semelhante. É por isso que se contam casos de suicídios em série, acontecidos entre membros da mesma família, ou com pessoas ligadas a ela.

Nas atividades mediúnicas pudemos observar, em inúmeras ocasiões, como espíritos obsessores colocavam algum suicida junto ao obsidiado, no intuito de o induzirem a esse ato.

O sofrimento de quem mata o próprio corpo, geralmente, é terrível, monstruoso, difícil de se descrever. Incorporá-lo, nessas condições, é tarefa realmente sacrificial.

Tentativa inútil

Certa noite trouxeram para a sessão uma mulher, carregada. Ela havia perdido, quase repentinamente, a firmeza nos joelhos. Não conseguia sequer ficar em pé. Residia numa cidade do interior e a família, em desespero, recorria ao Espiritismo como última porta a se bater. Era uma pessoa de posses, de família tradicional, muito egoísta e orgulhosa. Uma das médiuns a conhecia, pois era da mesma cidade.

Sentada numa poltrona, olhava tudo com expressão de desprezo e de superioridade, e quando alguém lhe dirigia a palavra respondia com extrema grosseria.

Iniciado o trabalho mediúnico observei que havia um espírito de má catadura junto a ela. Percebi também que se tratava de um “trabalho de encomenda”.

Quase no final da sessão aproximaram aquele espírito de mim. Perguntado sobre o que fazia ali, respondeu tranquilamente, numa voz grave, meio cavernosa e muito lenta, que havia cortado os ligamentos dos joelhos da mulher, explicando que assim procedera a mando de uma pessoa que a odiava e queria vingar-se dela. É claro que ele se referia aos ligamentos do corpo espiritual, ou perispírito da paciente. Afirmou também, à guisa de desculpa, que ela recebera apenas o merecido, o que ainda era pouco.

A doutrinação foi muito bem conduzida e aquele cirurgião

improvisado prometeu que iria refazer as ligaduras em seus joelhos.

Terminada a reunião a família retirou-se, envolta em seu mau humor.

Na semana seguinte ela já chegou andando com os próprios pés, sem qualquer dificuldade, e foi logo dizendo que não ficaria frequentando o Centro, posto que não tinha qualquer religião, nem pretendia ter. Era-nos grata pela ajuda, nada mais. O dirigente explicou-lhe sobre os processos obsessivos, falando da necessidade de leituras de elevado teor e de prece constante, para evitar que outras entidades maléficas pudessem ter-lhe acesso e levar a cabo o trabalho que o primeiro não concluía. Ela afirmou que não era dada a leituras, muito menos a orações, pois nem mesmo acreditava em Deus

Dois meses mais tarde tivemos notícias dela. Havia se suicidado.

Confirmações importantes

Muitos médiuns nutrem dúvidas quanto à própria mediunidade, e elas crescem e se multiplicam quando aparece algum céptico com seus discursos pseudocientíficos, intentando dar outras explicações ao fenômeno. Também a própria descrença que vibra no ambiente psíquico da Terra, captada pelo sensitivo, pode gerar ou aprofundar essas dúvidas, apesar de todas as provas que tenha tido sobre a autenticidade das comunicações espirituais.

Na verdade, é muito difícil podermos aceitar a ideia de espíritos e do mundo espiritual, já que nossa mente, manifestando-se através do cérebro carnal, não encontra nele parâmetros ou registros que lhe permitam identificar outras faixas vibratórias, ou dimensões, além da matéria como a conhecemos.

Mas essa descrença é muito ruim para o médium, porque a mediunidade é algo extremamente sensível e as dúvidas podem causar bloqueios. Além disso, podem também proporcionar sintonia com espíritos das sombras que, certamente, irão aproveitar essa oportunidade para perturbar ainda mais, conseguindo muitas vezes fazer abortar uma promissora tarefa.

Por isso é bom que o médium, vez por outra, tenha alguma prova da realidade das suas faculdades. Deve, no entanto, manter-se atento para não permitir geração de vaidade ou qualquer sentimento de superioridade. Modo geral, quando ocorre alguma confirmação dessa natureza, as pessoas ficam vendo o medianeiro com certa admiração e isto pode ser-lhe muito prejudicial, se não souber trabalhar o próprio interior.

Acidente aéreo

Logo que se iniciou a parte mediúnica dos trabalhos, desdobrei-me, e me vi num local onde havia acontecido um acidente aéreo. Eu sabia que se tratava do avião da Vasp

que caíra na Serra da Aratanha, no Ceará, em 1982. Já se havia passado muito tempo, mas era como se tudo tivesse ocorrido há apenas alguns minutos ou horas. Pessoas, que eu sabia serem espíritos dos que haviam desencarnado, corriam de um lado para outro em grande desespero, procurando por seus corpos e também pelos pertences. Presenciei cenas de horror que não devem ser descritas.

Depois de algum tempo retornei, percebendo que havia alguém comigo. Era o espírito de uma mulher que, em seguida, incorporei. Ela estava desesperada, chorando, com saudade dos filhos e do marido. Observei que sua mente vagava entre a cena do acidente e o lar e ela se queixava do descaso dos familiares, afirmando que não lhe davam atenção. Também percebi que tinha forte ligação com alguém que se encontrava na sala.

Naquelas reuniões era permitida a presença de pessoas necessitadas de ajuda espiritual e naquela noite havia umas dez ou quinze.

Nêmora, a dirigente do trabalho no plano material, conduziu a doutrinação com perfeição. Observei que ela percebia com exatidão o que se passava e conseguiu fazer a pobre mulher aceitar a ideia de que já havia desencarnado. Depois dos primeiros momentos de desespero aquela criatura sofredora acabou entendendo que precisava deixar o antigo lar, onde sua presença vinha causando dificuldades e transtornos à família. Mais calma, fizeram-na adormecer e ela foi retirada e conduzida pelos trabalhadores da Casa.

Ao término da sessão um homem e uma mulher vieram falar conosco. Eram irmãos. Ele contou que a esposa desencarnara naquele acidente na Serra da Aratanha e que tanto ele quanto os filhos, vez por outra, viam-na dentro de casa, chorosa, desesperada, e isto os estava perturbando muito. Já haviam procurado vários recursos, mas em vão, e o problema vinha se agravando tanto que sua irmã se decidira, apesar de ser “muito católica”, a procurar ajuda no Espiritismo. Disse também que identificara a esposa, sem qualquer dúvida, naquela incorporação.

Isto foi muito importante para mim, como mais uma daquelas provas de que o médium necessita vez por outra, para poder acreditar nas próprias faculdades e não se deixar levar por dúvidas destrutivas.

Mas o fato suscitou algumas indagações: por que eu me via no local do acidente, pouco depois dele ter ocorrido, quando já se haviam passado muitos anos?

Por certo, a mente daquele espírito tinha ficado presa às cenas da catástrofe que lhe marcou tão profundamente a existência e ao aproximar-se de mim, estando em estado receptivo incorporei aquelas lembranças, participando das imagens e sensações que ela trazia, gravadas na memória.

Espíritos que não sabem que já morreram

Muitos se espantam com o fato de tantos espíritos se manifestarem nas sessões, sem saberem que já morreram. Isto acontece por causa do despreparo da imensa maioria das pessoas com relação ao assunto. Os materialistas, acreditando que tudo se acaba com a morte, não conseguem aceitar a ideia de que já morreram, posto que se sentem perfeitamente vivos. Os cristãos das mais diversas religiões têm concepções tão arraigadas sobre Céu e Inferno que também não aceitam a possibilidade de terem morrido, por não se encontrarem no Paraíso, nem no Inferno.

São milhões os espíritos que perambulam nos ambientes humanos e nas zonas espirituais mais próximas da Terra, atribulados e desnorteados.

Esses que permanecem nos ambientes humanos, percebem que algo mudou, que as pessoas não lhes dão a menor atenção. Uns acham que estão vivendo algum pesadelo, outros que enlouqueceram, outros apenas se deixam levar, continuando a sofrer as dores e angústias que lhes marcaram a vida, ou seus dias finais no corpo físico, isto, por não modificarem seus estados mentais, emocionais e espirituais.

Nesses estados conscienciais anormais, muitos permanecem como que imantados a “seus bens” ou aos familiares, não conseguindo fastar-se deles e, com isso, as suas percepções espirituais ficam tão embotadas que não lhes possibilitam a necessária sintonia com os espíritos amigos que os quiserem socorrer e conduzir. São dos chamados “espíritos sofredores”. Sua presença em seus antigos lares, ou mesmo junto a quaisquer pessoas é bastante negativa por causa das irradiações que emitem.

Quantas vezes, sem qualquer causa aparente, passamos a desenvolver pensamentos ou sentimentos aflitivos, depressivos, de irritação, desassossego, depressão, ou ainda, vontade chorar, além de dores pelo corpo e mesmo diversos problemas relacionados à saúde. Nessas situações sempre é bom pensar na possibilidade da presença de algum espírito sofredor. Em tais situações é importante procurar um Centro Espírita onde geralmente basta um “passe” para afastar o sofredor que será devidamente atendido e encaminhado.

Mas não havendo essa possibilidade, a solução está em orar-se pelo sofredor, pedindo aos bons espíritos para o levarem e cuidarem dele. Nunca se irritar com sua presença porque se trata de alguém em sofrimento, mas envolvê-lo em vibrações de amor e dizer-lhe mentalmente para orar, pedindo ajuda a Deus.

Também é importante não “aceitar receber” a influência do sofredor, suas dores e angústias, fortalecendo si mesmo com

pensamentos e sentimentos positivos, de alegria, fé, bem-estar, confiança em Deus e na Vida, dirigindo-lhe essas vibrações.

PERGUNTA – Somos então reféns dos espíritos sofredores, obsessores etc?

RESPOSTA – Não, desde que pratiquemos os ensinamentos do Grande Mestre, Jesus, procurando vivenciar o Amor a Deus e ao próximo. Com isso, criamos um ambiente individual, campo magnético espiritual, ou aura, que atrai espíritos bons e repele os de baixa vibração.

Há também uma prática, sempre aconselhada pelos benfeitores espirituais, que é o Evangelho no Lar. Para tanto, a família, ou mesmo parte dela, se reúne uma vez por semana, sempre no mesmo dia e horário, para leituras como “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que inclui todas as questões da vivência no Bem, narrando e detalhando os ensinamentos de Jesus. Os presentes fazem seus comentários trazendo-os ao contexto do cotidiano etc. Finaliza-se a reunião com uma prece, pedindo-se aos benfeitores espirituais para fluidificarem a água que foi colocada numa jarra sobre a mesa. Todos bebem dessa água na qual os espíritos terão colocado elementos importantes para a saúde e até mesmo medicamentos a algum dos presentes que possa estar precisando.

Essa é uma prática que gera no lar um ambiente vibratório de elevado teor que afasta os espíritos negativos, mas que é preciso procurar conservar diuturnamente.

Como se vê, há várias crenças que precisam ser atualizadas, tais como, a do ganho do Céu ganho por práticas exteriores, graças imerecidas ou apadrinhamentos de seres superiores etc., que levam seus portadores a sofrerem dolorosas surpresas no além-túmulo. Esses que acreditam que vão para o Céu ao morrerem, têm imensa dificuldade para aceitar sua nova Realidade. Muitos deles se revoltam por terem sido enganados, acabando por engrossar as legiões de espíritos rebeldes, cheios de ódio por Jesus, Deus e as religiões, passando a dedicar-se ao mal.

Por tudo isso e muito mais, é tão importante conhecer-se o essencial sobre as referidas Leis Naturais e sobre como a Vida continua depois desta.

Os perigos de uma doutrinação errada

Eu havia passado o dia preocupada com acidentes de veículos. Vez por outra me passava uma rápida impressão de violenta colisão. À noite, assim que me concentrei, no início dos trabalhos, vi-me envolvida num ambiente onde ocorrera um grave acidente, numa estrada muito movimentada. Havia um rapaz bem jovem, quase um

adolescente, deitado na beira da estrada, com o corpo todo arrebatado.

Fui mergulhando naquele jovem, ou ele em mim, e podia sentir seu desespero, pelo fato de perceber-se em estado grave e ninguém lhe dar atenção. Já incorporado, pedia ajuda, contando o que ocorrera e dizendo que precisava ser levado imediatamente a um hospital.

O doutrinador daquela sessão era um senhor bastante rude e não conhecia as sutilezas de uma diplomacia, tão necessária quando se lida com os dramas humanos, e foi logo dizendo ao pobre rapaz: “Você já morreu, meu irmão. O que você precisa agora é cuidar do seu espírito”.

Aquilo foi um choque terrível para o pobre jovem. De início, ficou apatetado, sem conseguir assimilar a realidade. Em seguida começou a gritar dizendo que era mentira, que era tudo mentira, que ele estava apenas ferido, mas não morto. Mas as palavras do doutrinador ressoavam dentro dele e já lhe parecia que não mais se encontrava no mundo dos vivos... Começava a entender que estava morto.

Seu desespero foi tão grande que não consegui conter-lhe os gritos e, de repente, desincorporou-se violentamente, fugindo, desesperado.

O doutrinador, assustado com aquela reação, procurou desculpar-se dizendo que um espírito desencarnado precisa acima de tudo conscientizar-se da sua situação, a fim de poder ser ajudado.

Se a alguém que desencarna já idoso é preciso ter muito tato e cuidado na maneira de dizer-lhe que já morreu, quanto mais a uma pessoa jovem, cuja vida física lhe é arrebatada assim, repentinamente, de forma absolutamente inesperada. É melhor que ela própria vá entendendo o que lhe aconteceu e essa tarefa é bem mais prudente deixar nas mãos dos benfeitores espirituais, que saberão quando e como agir.

Entendo que nesses casos o melhor é acalmar o sofredor, informando-lhe que será levado a um hospital onde receberá os devidos cuidados. Em seguida, falar-lhe sobre a importância de aproximar-se de Deus, em oração, buscando ajuda e convidá-lo a uma prece, que poderá ser feita pelo próprio doutrinador, acompanhada mentalmente pelo grupo.

Levá-lo a orar é muito importante nesses momentos.

O doutrinador deve ter muito de psicólogo e mais ainda de pai amoroso, porque lida com psiquismos afetados por situações extremas. Em qualquer condição é sempre o amor, apoiado na sabedoria, no bom senso e também no conhecimento, que melhor consegue alcançar de forma benéfica o universo interno de alguém.

Por que a incorporação é importante para o sofredor?

O enforcado

Aquela sessão das sextas-feiras, que tantas vezes tenho citado, já ia em meio quando aproximaram de mim um espírito que se suicidara por enforcamento. Seu estado de sofrimento era terrível. Fazia um desesperado esforço para respirar, mas a garganta estava completamente fechada, não passava ar. Sentia como se estivesse morrendo continuamente, mas sem morrer. Sua angústia era indizível.

Conforme esse espírito ia se incorporando, eu também ia deixando de respirar. Por mais que tentasse não entrava ar nos pulmões. Tentei levar as mãos ao pescoço para retirar a corda que ali sentia, apertando-o, mas não a encontrei. Os presentes à mesa fizeram uma prece pelo sofredor, mas sem qualquer resultado aparente.

Comecei a me preocupar com o fato de não estar respirando e cheguei mesmo a pensar que poderia desencarnar ali, em pleno trabalho mediúnico, por efeito daquela incorporação, mas logo me aquietei, confiando nos benfeitores que sabia estarem atentos. Quando a falta de ar já estava se tornando insuportável percebi que estavam retirando o sofredor e logo pude respirar a longos e profundos haustos. Enquanto isso, o Professor relatava o que lhe estava chegando pela vidência e audiência, narrando algo sobre a vida daquele espírito e informando que ele se enforcara numa prisão.

Assim que me senti refeita, para minha surpresa, trouxeram novamente o mesmo espírito que ficou incorporado durante o tempo em que eu podia permanecer sem ar. Isto se repetiu várias vezes, sendo que nas últimas ele já conseguia respirar, embora com muita dificuldade. Na semana seguinte foi trazido novamente para incorporação e, já bem melhor, pôde ser levado em definitivo.

Os abortados

Inúmeras vezes recebi espíritos cujos corpos físicos em formação tinham sido abortados. Muitos, cheios de ódio e desejos de vingança, acompanhavam as mulheres que os haviam expulsado, provocando-lhes problemas orgânicos e/ou psicológicos. Outros, apenas magoados ou tristes, continuavam na expectativa de conseguirem reencarnar. Alguns se apresentavam com a mesma forma da última existência, outros não.

Lembro-me de um, cuja extrema dor pulsava num montinho de tecidos estraçalhados que não conseguia recompor. Incorporá-lo, era difícil e sacrificial, por causa de seu grande sofrimento e desespero, sem falar na sua desestruturação perispiritual. Conforme ia se aproximando eu passava a me sentir aquele montinho de tecidos

sanguinolentos, sem conseguir falar por não ter boca; sem poder chorar, por não ter voz, sem poder me movimentar, por não ter um corpo. Era só pensamento e emoção, vibrando num ódio terrível à mulher que o abortara. Nem esperança conseguia ter.

Foram necessários vários retornos dele em sessões subsequentes até que pôde, finalmente, recuperar a forma anterior. Quanto a perdoar sua ex-futura mãe... só foi possível levá-lo a prometer que não tentaria vingar-se dela, o que já era bastante. O perdão, certamente viria com o tempo.

Então volto àquela questão da importância de uma incorporação, mesmo que seja meio anímica, porque, a meu ver, essa interação entre o corpo espiritual do sofredor e o sistema energético do médium, facilita a efetivação do seu reequilíbrio. Igualmente é importante o componente relativo às emanções do corpo físico do doutrinador, a sua palavra, a corrente magnética formada pelo grupo e as vibrações de amor, paz e harmonia emitidas pelas equipes carnal e espiritual. Não sei como isto acontece tecnicamente, mas sei que algo de muito importante ocorre com o espírito sofredor durante uma incorporação num trabalho espírita bem desenvolvido.

Seria então o caso de se perguntar sobre os milhões de espíritos que não tem oportunidade de serem atendidos em trabalhos mediúnicos.

Essa mesma pergunta foi feita a Divaldo Franco e ele respondeu dizendo que no mundo espiritual há inúmeros recursos para ajudar espíritos necessitados, inclusive com a participação de médiuns encarnados em desdobramento do sono, mas que o trabalho mediúnico nos centros espíritas facilita sobremodo a tarefa dos benfeitores, porque há casos em que é importante ao sofredor reingressar na condição física, ligar-se a um corpo carnal para poder refazer-se.

Mergulho nas faixas inferiores

Cordão prateado

Sabe-se que a maioria dos médiuns trabalha, não apenas no decorrer das sessões mediúnicas, mas também em diversos outros momentos, principalmente à noite, no desdobramento do sono. É quando se afastam do corpo carnal, permanecendo, no entanto, ligados a ele por filamentos energéticos ou fluídicos, conhecidos como o “cordão prateado”. Esse desdobramento, aliás, acontece com todas as pessoas durante o sono, não apenas com os médiuns.

Sobre esse cordão já falava Salomão, em Eclesiastes 12: 6 e 7, ao tecer considerações sobre a morte, dizendo: “Antes que se rompa o fio de prata e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço... e o pó volte à terra, como o

era, e o espírito volte a Deus, que o deu”.

OBS. A quem desejar aprofundar-se nesse estudo, ou seja, desdobramento consciente, sugerimos o livro do espírito Lancellin, psicografado por João Nunes Maia, “INICIAÇÃO-viagem astral”, no qual o autor narra experiências dessa natureza, na forma como são vistas da dimensão espiritual.

Esse “cordão prateado” é justamente o elo de ligação entre o médium desdobrado e seu organismo carnal durante os trabalhos mediúnicos. É por esse meio que ele permanece ligado ao corpo, podendo mesmo acionar a fala se for necessário.

Desdobramento em serviço

Durante o desdobramento, e conforme esse processo ia se aprofundando, eu sentia as mãos ficando dormentes, estendendo-se essa dormência aos braços. As pernas ficavam esquecidas, como se não existissem. Quando era demorado, quase deixava de sentir o corpo, como se este fosse algo muito distante, e se houvesse necessidade de passar alguma explicação ou orientação ao grupo no plano material, só o conseguia mediante algum esforço. Ao retornar, precisava esperar calmamente até passar a dormência e o frio que por vezes me acometia.

Isto ocorria frequentemente, principalmente quando era levada a regiões mais baixas, a lugares perigosos do astral, que só devem ser acessados se houver a cobertura de um grupo bem-preparado no plano material e a direção segura de espíritos experientes nesse tipo de atividade.

Nessas incursões sentia-me como se fosse uma criança completamente obediente às ordens que recebia. A sensibilidade se aguçava intensamente e eu me sentia à mercê da equipe terrena e dos espíritos responsáveis, dependendo inteiramente deles. Se houvesse alguma discórdia no grupo, se algum companheiro fizesse qualquer comentário negativo, de dúvida, irritação ou algo parecido, isto vibraria fortemente em minha intimidade espiritual, podendo prejudicar a tarefa.

Felizmente, nos dois grupos nos quais participei mais efetivamente desse tipo de trabalho, os companheiros eram pessoas bem equilibradas e preparadas. Por isso conseguia entregar-me às suas mãos com toda a tranquilidade e confiança. Quanto aos espíritos responsáveis, sabia que estavam à altura da tarefa e que podia contar inteiramente com eles.

Quando ia acontecer alguma dessas incursões, percebia algo diferente no ar, como se tudo estivesse sendo preparado para aquela finalidade. Após o desdobramento sentia-me levada por um Guia, que nunca via, mas

percebia sua presença e seu comando.

Numa dessas ocasiões amarraram-me uma corda na cintura e me foram descendo num poço estreito e profundo. Antes, porém, o Guia me tranquilizara, dizendo que teria de descer sozinha, mas tivesse confiança neles pois estariam dirigindo-me o tempo todo e nada de mal me aconteceria.

Fui descendo mais e mais até desembocar numa zona espiritual muito baixa. O ambiente era pesado, aflitivo, angustiante. Não me sentia com coragem para continuar. Disse isso ao grupo encarnado, através dos órgãos da fala do corpo carnal, e este, de imediato, mobilizou-se em vibrações de força e tranquilidade, direcionadas a mim. Senti imediatamente uma onda energética me envolvendo, trazendo-me grande alívio e segui em frente.

Não percebia a presença do Guia, mas sabia que ele estava atento, comandando-me cada passo, mesmo à distância. Entrei numa imensa caverna iluminada com uma fogueira, cujas chamas avermelhadas dançavam seus reflexos no ambiente, através da fumaça que fluía pelo espaço. Havia também, aqui e ali, tochas presas às paredes. O ar era pesado e o ambiente espiritual dos piores que se possa imaginar.

Havia uma escada ao longo da parede, descendo para outras galerias e segui por ela com muito cuidado, para não chamar a atenção dos trevosos que surgiam aqui e ali, naquele ambiente verdadeiramente infernal. Tinha a impressão de que eles não me viam.

Desci várias galerias, chegando finalmente numa espécie de poço, onde tudo era pegajoso, cheio de limo e de bichos desagradáveis e perigosos, tais como escorpiões, cobras e outros. Ali se encontrava um jovem preso à parede. Seu estado era lastimável, de dar pena, mas não podia me distrair. A ordem telepática era para soltá-lo e levá-lo comigo, o que consegui com certa facilidade. Meu receio era de que percebessem a fuga do jovem e voltassem a prendê-lo, mas, apesar de alguns sustos conseguimos sair das cavernas e logo estávamos de volta ao ambiente do Centro. Em seguida o jovem incorporou-se em outro médium e foi socorrido com passes, vibrações e preces. Seu estado era tal que nem conseguia falar. Apenas gemia. Finalmente adormeceu e assim foi retirado e conduzido pelos trabalhadores da Casa.

De outra feita, acompanhava um grupo de trabalhadores espirituais que estavam lacrando as entradas de várias cavernas em alguma região do baixo umbral. Explicaram que aquele local havia sido esvaziado de seus ocupantes e sofrido alguma forma de higienização. Era assim como um gigantesco formigueiro, agora vazio, no interior da terra. O lacre era para não permitir o ingresso de novos habitantes. Alguém comentou, dizendo que algumas regiões

umbralinas estavam sofrendo esse tipo de “faxina”.

Essas incursões às zonas mais baixas ocorriam com muita frequência, mas sempre com alguma finalidade útil, ou informativa. Na maioria das vezes para buscar algum espírito necessitado de ajuda. Quando havia outros médiuns de desdobramento presentes à reunião, geralmente fazíamos o trabalho em conjunto. Certa vez, fomos em dupla ao fundo do mar. Havia um navio que tinha afundado há muito tempo, mas um dos marinheiros (pareceu-nos que era o que lidava com as máquinas) não queria afastar-se dali. Dizia-se todo queimado pela água fervente da caldeira que explodira, mas recusava-se a ir embora. Foi bastante difícil convencê-lo, mas finalmente conseguimos levá-lo até o centro, onde foi devidamente esclarecido, através da incorporação em outro dos médiuns do grupo.

Poderia narrar muitos outros fatos, mas ficaria cansativo e repetitivo.

A incorporação em detalhes

No trabalho mediúnico eu percebia a aproximação do espírito que ia incorporar. Nesses momentos quase sempre conseguia observar sua condição espiritual, suas dores e aflições, seus terríveis tormentos, ou então, as suas más inclinações, a baixa moral, a perversidade, as intenções, ou ainda, o terrível ódio que sentia pelo objeto de sua perseguição.

Mas não era exatamente vidência. Não via, olhando, mas de alguma outra forma conseguia perceber-lhe a aparência, a roupa que vestia e tudo o mais, às vezes até mesmo nos menores detalhes. Isto, com relação a espíritos sofredores ou obsessores, porque dos mais elevados apenas percebia a luminosidade, a vibração, o teor dos sentimentos e às vezes, o que desejavam dizer. Nesses casos conseguia repassar as suas orientações, mas isto não era habitual, só ocorria quando não havia outros companheiros mais habilitados que eu, presentes à reunião. Aliás, sempre agradei a Deus por não ter a tarefa de médium orientador, porque isto equivale a uma carga de responsabilidades muito grande e, certamente, à vivência de valores que ainda não consegui arregimentar.

Com alguns anos de atividade mediúnica comecei a sentir o início da incorporação como se estivesse dividida exatamente ao meio no sentido vertical e da frente para as costas. Em seguida essas duas metades começavam a passar uma por dentro da outra, separando-se. O lado esquerdo passava por dentro do direito e vice-versa, e me via fora do corpo, ou melhor, sentia que estava fora dele e nele ao mesmo tempo. Mas já não era eu, não era a minha personalidade, meus valores éticos, minha emoção, meu bem-estar interior, minha maneira de ser. Sentia nitidamente que eu havia me emprestado a outro ser que me

ocupava quase por completo. Era outra criatura que nada tinha a ver comigo, a não ser naquele momento, porque era necessário que essa outra personalidade, com tudo que tivesse de bom e de ruim, por pior que fosse, pudesse estar ali.

Às vezes esboçava-se um conflito entre mim e esse ser intruso, uma reação àquilo que me invadia, mas a noção do trabalho me aquietava, confiante em que estava agindo certo, como instrumento do bem. Era preciso receber na minha alma e em meu corpo o mal para que ele pudesse transformar-se no bem. E mesmo que aquele mal fosse dos piores, que representasse os poderes das Trevas, sabia que não deixaria sequelas, porque os responsáveis pelo trabalho eram espíritos confiáveis e experientes nesse tipo de atividades.

Na incorporação o mal era passageiro, o bem permanecia e gerava frutos. Esta convicção me tranquilizava e conseguia entregar-me plena e confiantemente ao trabalho.

Depois, bastava permanecer atenta a alguns detalhes: não permitir que o incorporado se portasse de forma imprópria, embora dando-lhe liberdade de manifestação; vigiar-me continuamente para não permitir que a minha personalidade interferisse na comunicação etc.

É fundamental que o médium de desobsessão compreenda muito bem esta questão e que aceite, com amor e alegria, acolher durante o tempo necessário um ser estranho que lhe ocupe a individualidade, mesmo que seja uma personalidade criminosa, cruel, pervertida, viciosa, desse tipo que não gostamos de ver, nem mesmo representado em filmes.

Por isso também é importante ter confiança no grupo em que trabalha e, principalmente, em sua direção terrena, porque na espiritual sempre poderá confiar, desde que procure fazer-se merecedor.

Em níveis mais profundos

Alguns anos decorridos do início das minhas atividades mediúnicas comecei a perceber outro sintoma paranormal, algo que me contraía à altura do plexo solar. Sentia essa região se afundando como se fosse encostar-se à coluna vertebral. Ao mesmo tempo a inspiração do ar nos processos respiratórios ficava mais ruidosa.

Já tinha visto médiuns incorporando-se assim e sempre ouvi críticas discretas e mesmo abertas a seu respeito, nas quais eram denominados de “fungadores”. Agora, no entanto, percebia que não se tratava de “teatro” conforme afirmavam os críticos, mas de uma forma de incorporação onde o plexo solar era mais fortemente acionado, permitindo ao espírito incorporante maior domínio do corpo do médium. No outro modelo a ação espiritual era mais preponderante na mente, nas emoções e na fala.

Mas nem todos os médiuns, mesmo em incorporações mais profundas, sofrem esse tipo de reações. Há excelentes medianeiros, até mesmo inconscientes*, cujo processo de mediunização acontece de forma tão suave que quase não se percebe.

Também não se trata de indisciplina ou falta de orientação, mas apenas de configurações físicas associadas a processos mediúnicos.

Esse fenômeno passou a me ocorrer também à noite, antes de adormecer, geralmente em véspera de trabalho de intercâmbio, como se fosse uma preparação. Iniciava com uma fortíssima vibração à altura do plexo solar, que durava alguns minutos, e depois toda aquela região do abdômen começava a repuxar em direção às costas.

Na primeira vez que isto aconteceu assustei-me bastante, mas percebendo a presença de benfeitores espirituais, fiquei tranquila, entregando-me àquele estranho desenvolvimento.

Seria de grande valia se os grupos mediúnicos se reunissem, vez por outra, para trocarem ideias e poderem narrar suas experiências, tirar dúvidas etc.

OBSERVAÇÃO:

É importante registrar que a percepção dos processos de incorporação, como também de outras faculdades, difere, em seus detalhes, de um médium para outro. Cada um, certamente, percebe esses processos de forma diferente dos demais.

* Sabe-se que na mediunidade inconsciente o médium permanece consciente durante o transe, mas ao reintegrar-se ao corpo físico, quando seu cérebro perispiritual se justapõe ao carnal, aquelas memórias não o acompanham e ele esquece, da mesma forma como esquecemos um sonho, ao despertarmos.

Desobsessão

Nos casos mais difíceis de desobsessão, ou nos de longo curso, os perseguidores geralmente passam a seguir o médium que os vem “recebendo”, no intuito de o desviarem da tarefa, ou quem sabe, por alguma ligação magnética que se estabeleça entre ambos. Certamente o Alto aproveita essa disposição como elemento de apoio para o trabalho. Por isso é tão importante que o medianeiro procure manter o mais que possa, boa frequência vibratória. O mesmo também acontece com relação ao doutrinador.

Francisco Carvalho, no excelente livro “Influências Energéticas Humanas”, apresenta essa questão da frequência vibratória, usando uma escala imaginária de zero a cem, dando um peso aproximado a cada tipo de sentimentos ou emoções. No zero, portanto no grau mais negativo, situa o ódio, depois vai subindo pelo rancor, a inveja, o

ciúme e outros tão nossos conhecidos até ultrapassar os cinquenta graus, passando para o lado positivo, com valores como a confiança, a alegria, o altruísmo e a fé. A oração já estaria lá pelos noventa, e nos cem graus o amor, gerador da mais elevada vibração.

Também coloca em outra vertente a “potência”, como fator fundamental, ou seja, a energia com que dinamizamos nossas vibrações, através da vontade, através da fé.

Algumas sugestões aos médiuns

Aprender a identificar influências negativas que lhe chegam e não as acolher.

Acostumar-se a comandar os próprios estados de espírito, desenvolvendo sentimentos e emoções de amor e alegria. A ira, a irritação, a inveja, o ciúme, o ódio, o medo, os estados depressivos e outros assemelhados geram resíduos magnéticos (usamos este termo na falta de outro mais adequado) que formam bloqueios no sistema energético, provocando “N” transtornos físicos e psíquicos.

Habituar-se a pensar, sentir e falar com amor. O amor é um sentimento que não se adquire apenas porque se quer. É resultado de longas jornadas evolutivas. Mas essa aquisição pode ser dinamizada através de esforço contínuo.

Lembrar-se de ser uma presença benéfica onde estiver.

Evitar de assistir filmes ou noticiários com cenas de violência ou horror. São imagens que permanecem por longo tempo vibrando no subconsciente, tanto assim que amiúde voltam à memória. É um tipo de vibração que abre canais para influência negativa.

Antes de dormir é bom fazer alguma leitura de teor elevado, ouvir música relaxante, imaginar-se em algum plano mais elevado e fazer uma prece, pedindo orientação e proteção.

Visualizar a natureza, o campo, um regato, flores etc., ajuda a elevar a frequência vibratória.

Sempre que lembrar, elevar o pensamento ao Alto, numa vibração de afeto, confiança e gratidão. Mesmo que isto ocorra em instantes fugazes no decorrer do dia, abre ou ajuda a manter abertos os canais de ligação com os planos mais elevados, elevando também o próprio teor vibratório.

Manter estado de espírito otimista, positivo, sem temor, dinamizando-o pela força de uma vontade firme e confiante.

Lidando com trevosos

OBS. Nas regiões trevosas do submundo espiritual, os chefões do mal e muitos dos seus asseclas são espíritos de brilhante inteligência e conhecimentos profundos, não só da natureza humana, mas também em termos de ciência, de tecnologia avançada etc.

Nos anos iniciais da minha tarefa mediúnica, durante as atividades normais do cotidiano, vez por outra percebia a presença de algum sofredor ou obsessor e procurava lidar com o mesmo de acordo com as suas necessidades, conversando mentalmente ou apenas enviando-lhe vibrações de amor, bem-estar, sentimentos de perdão, ou o que entendesse necessário. Aos poucos fui-me vendo solicitada a uma participação mais abrangente, ou talvez, de maior responsabilidade, como se os benfeitores estivessem testando minhas disposições e persistência nessa tarefa.

Com o passar dos anos, e conforme o trabalho ia envolvendo entidades mais “pesadas”, percebia vez por outra, como se de mim partisse um fio ligado a alguma dessas entidades. Mas observava também que havia algum mecanismo de proteção que não me permitia receber suas vibrações de baixíssimo e hipnótico teor, embora possibilitasse livre fluxo das que lhe enviava. É claro que elas tinham que ser embasadas no amor e na harmonia. Era preciso gerar esse tipo de vibrações continuamente, pois entendia que enquanto o fizesse não corria o risco de receber suas cargas, sempre muito pesadas. Essa era, sem dúvida, minha principal proteção. Sabia que se baixasse a frequência vibratória em vez de transmitir passaria a receber aquela influência nefasta. Tinha de estar sempre atenta. Aliás, foi uma boa escola, porque forçava-me a desenvolver estados interiores de brandura, humildade e amor, não muito condizentes com meu temperamento, bastante prepotente e por vezes agressivo. Aquela foi, na verdade, apenas uma iniciação, porque mudanças assim tão radicais em nossa natureza pedem cursos de longa duração, geralmente, por várias reencarnações. Mas o importante é caminhar, nem que seja lentamente.

Mas o trabalho não ficava só nisso, porque algum ou alguns daqueles espíritos sempre eram levados à incorporação durante a sessão de desobsessão, onde recebiam poderosas emissões de energia sublimada da parte dos presentes, encarnados e desencarnados, emissões essas que funcionavam como explosões de dinamite em suas graníticas estruturas de treva.

Também é preciso dizer que nem todos os trevosos são passíveis de recuperação, ao menos pelas vias que conhecemos. São, em sua imensa maioria, espíritos cujas consciências estão calejadas no mal, absolutamente perversos e cruéis, sem qualquer possibilidade de darem guarida à menor réstia de luz ou a qualquer sentimento nobre. O futuro deles, quando e como retornarão ao caminho ascensional, só Deus sabe, lembrando que o Espiritismo diz que ninguém se perde.

Mas os candidatos a trabalhos de desobsessão não precisam ficar preocupados porque os benfeitores só nos colocam nesse tipo de situação ou de trabalho quando

entendem que não corremos maiores riscos e quando há de nossa parte plena anuência.

Além disso, cada caso é diferente do outro. No meu, sempre tive a nítida impressão de que em alguma época, não sei quando, estive por longo período em regiões trevosas (como espírito), chegando ao extremo limite do sofrimento, àquele ponto em que alguém diz: “chega, não aguento mais, daqui para a frente faço tudo o que for preciso para nunca mais cair em situações como esta... mas me tirem daqui!”.

Certamente, se foi assim, é porque devo ter assumido nesse passado, pesados compromissos com a sombra. Talvez por isso tenha atuado com tanta intensidade em trabalhos mediúnicos junto a obsessores e a trevosos, e agradeço a Deus, com toda a alma, assim como aos benfeitores, pela oportunidade que me concederam.

O morcego-prostituta

Estávamos num trabalho de desobsessão no Centro Espírita Aurora Redentora. Ali, ocorriam várias incorporações ao mesmo tempo e os doutrinadores realizavam sua tarefa em pé, ao lado dos médiuns, falando baixo para não perturbarem os demais. Era uma tremenda confusão muito bem-organizada e nunca houve problemas por causa desse sistema. Nêmora e Mirtes, as duas dirigentes, ficavam atentas ajudando aqui e ali, conforme a necessidade.

A certa altura observei que não havia médiuns incorporados e percebi um “estado de alerta” da parte do mundo espiritual. Isto acontecia quando eram trazidos espíritos de muito baixa condição, trabalhos esses que requeriam a participação de todo o grupo.

O ambiente mudou rapidamente e me vi envolvida numa penumbra suja, pegajosa, arrepiante, cheia de ameaças cuja procedência desconhecia. Do fundo dessa penumbra surgiu um enorme morcego, que talvez tivesse uns dois metros da ponta de uma asa à outra. Busquei instintivamente a presença do amigo espiritual que sempre me assistia e pude percebê-lo, próximo a mim, dando-me tranquilidade. Relaxei e coloquei-me à disposição para receber fosse o que fosse, pois sabia que podia confiar plenamente nos espíritos responsáveis pelo trabalho, assim como no grupo terreno.

Sempre tive pavor a morcegos e continuo tendo. Eles são, para mim, a representação do que há de mais baixo, asqueroso e terrível, em termos de vida e ética, pelo fato de se nutrirem de sangue. Sei que a maioria se alimenta de frutas, mas o estigma permanece.

Pois aquele ser horrível foi-se aproximando, envolvendo-me em sua ambiência, enquanto eu procurava dinamizar, o quanto podia, sentimentos de amor por ele. Entendia que naqueles momentos a serenidade, a aceitação e os bons

sentimentos que conseguia desenvolver deviam-se, em sua maior parte, à presença de benfeitores de grande elevação que me transmitiam esses valores. Se dependesse só de mim...

Mas aquela proximidade, mais que asquerosa, horrível, me foi envolvendo num clima infernal, difícil de suportar. Nêmora aproximou-se dizendo que tivesse confiança. Tratei de me desligar, ficar apática, não pensar, apenas entregar-me e logo estava ali, como se fosse duas ao mesmo tempo: uma esforçando-se por manter-se neutra, passiva, apática e a outra, verdadeiro monstro sedento de sangue, soltando uma espécie de silvo, como se fosse um grito de guerra.

Percebi que Nêmora e Mirtes haviam-se colocado atrás de mim e silenciosamente ministravam passes na entidade incorporada. Já conhecia essa tática. Quando o espírito era desses superlativamente baixos, em vez de falarem elas faziam primeiro essa retirada de energias pesadas do seu campo magnético. Isto o levava a certo estado de perturbação, como se lhe puxassem o tapete.

O silêncio da sala só era cortado por aquela espécie de silvos emitidos pelo manifestante. O grupo, acostumado a esse tipo de trabalhos, ficava apenas vibrando amor direcionado ao coração do visitante.

Eu já me sentia como se fosse a própria criatura, com os mesmos sentimentos, pensamentos, desejos e ideias. Mas percebia-me também, na minha realidade, como alguém muito distante, que de alguma forma me controlava. Sabia que eu não era ele. Que apenas “estava” ele momentaneamente, porque isto era necessário, a serviço do amor.

Não vou descrever o que aquela criatura sentia, como se posicionava ali, com relação às pessoas presentes, para não criar imagens por demais pesadas na mente do leitor.

Depois de muito tempo daquele trabalho silencioso percebi que retiravam aquele espírito, com muito cuidado para não prejudicarem meu equilíbrio físico e psíquico. Em seguida, como acontecia amiúde, fui levada, em desdobramento, para algum lugar de refrigério, a fim de recuperar as energias e o equilíbrio.

Chega a ser comovente o cuidado que os benfeitores têm para com seus médiuns, a fim de que nada sofram por conta do trabalho realizado.

Na semana seguinte o mesmo espírito voltou e, depois de ministrar-lhe longo passe, Nêmora começou a falar-lhe, ordenando serena, mas firmemente, que retomasse a sua forma humana.

Confesso que me surpreendi um pouco, porque, em meu entendimento “aquilo” jamais fora gente. Mas, com a continuidade do trabalho e aquelas ordens sempre repetidas, aos poucos comecei a perceber-lhe alguns lampejos humanos. Aquele espírito-morcego em rápidos instantes mostrava-se como sendo uma mulher, mas em

seguida voltava a seu estado habitual, até que, finalmente, depois de muito trabalho acabou assumindo sua verdadeira condição.

Dava para perceber que era, ou fora, uma prostituta. Aos poucos, a muito custo porque não queria falar, acabou dizendo o que acontecera com ela. Não o fez como alguém arrependido ou envergonhado, bem ao contrário, apresentava-se arrogante, grosseira e vulgar.

Informou que havia matado fulano (não me lembro do nome) por ciúme. Fulano era o seu homem e ela não aceitaria traição. Disse também não entender como acabara na antessala do inferno, em meio a terríveis demônios que ameaçaram enviá-la às chamas eternas por causa do seu crime*. Não sabia como havia desencarnado, mas estava consciente desse fato.

Contou que aqueles seres diabólicos lhe ofereceram uma opção: trabalhar para eles. Só assim escaparia de ser assada nas chamas infernais pela eternidade a fora. Não tendo escolha, aceitou que eles a transformassem num morcego que era usado em trabalhos de magia negra. Eles a levavam para junto da vítima e ela sugava-lhe o sangue.

É claro que o que ela sugava eram as suas energias vitais, ao mesmo tempo em que lhe transmitia suas pesadíssimas cargas magnéticas.

Fatos como esse, explicam alguns dos fenômenos que ocorrem em trabalhos de quimbanda, nos quais atuam espíritos que se apresentam nas mais variadas formas e condições.

A dirigente ofereceu-lhe internamento numa instituição espiritual a fim de fugir a seus chefes, que não aceitariam perder seus valiosos serviços.

Aquela foi a primeira etapa de um trabalho para ajudar uma pessoa vítima de magia negra, feita a mando de alguém que queria levá-la a suicidar-se. Essa pessoa havia procurado o Centro espírita, pedindo ajuda e esta lhe chegava pelas mãos dos incansáveis servidores que, no invisível, trabalham sob o influxo do amor.

* Sabemos que demônios e inferno como aqueles das concepções religiosas não existem, mas como os espíritos trevosos são verdadeiros mestres em encenações, é natural que se utilizem de recursos que têm à mão para criarem os cenários com que conseguem assustar ou convencer espíritos culpados a obedecê-los, porque é a consciência pesada que fragiliza alguém diante dos maus.

Sofredores, obsessores e trevosos

Durante os anos em que colaborei na desobsessão, grande parte do tempo sentia a presença de algum espírito sofredor ou obsessor. Os sofredores são mais fáceis de serem encaminhados. Já os obsessores são bem mais difíceis.

Aliviar a dor de alguém, ou melhor, induzir alguém a orar e a aliviar o próprio sofrimento é até bastante fácil, mas lidar com espíritos que odeiam alguém profundamente e cuja única meta é a vingança, ou aqueles outros endurecidos no mal, que detém em suas mãos o trevoso domínio de grande parte da humanidade, é bem mais complicado. Para lidar com esses é preciso ter muito cuidado para não se deixar envolver por eles. Sem que o médium perceba eles procuram levá-lo a cair vibratoriamente, entrar em sua sintonia a fim de poderem manipulá-lo. São às vezes muitíssimo sutis e agem de forma muito inteligente, provocando situações estressantes, problemas os mais variados, conflitos de toda natureza, visando desestruturar o medianeiro e assim poderem dominá-lo ou afastá-lo do trabalho, para que não atrapalhe suas pretensões.

Esse fato, no entanto, não deve preocupar o candidato ao intercâmbio, porque todos, sejamos médiuns ou não, vivemos sempre cercados por espíritos de toda natureza. O que importa é não oferecer sintonia aos inferiores, mas sim, aos superiores.

Já, em presença de sofredores, basta orar e vibrar pelo seu alívio e conversar com eles mentalmente, procurando levá-los a reagir contra as próprias fraquezas, a erguerem-se da dor a fim de iniciarem a reconstrução de si mesmos e, principalmente, a orarem.

Gênios do mal

Pelos meados dos anos 80 eu participava de um grupo de trabalho mediúnico que se reunia nas dependências do Lar Fabiano de Cristo. A dirigente era uma pessoa tranquila, branda e de grande capacidade afetiva. Havia alguns bons médiuns no grupo, o que, somado às qualidades da dirigente proporcionava a todos nós bastante tranquilidade e confiança no desenrolar dos trabalhos.

Durante algum tempo vínhamos sofrendo assédio de espíritos do mal. Eles chegavam agressivos, arrogantes, proferindo todo tipo de ameaças, dizendo que vinham a mando de chefes poderosos. Mas quase todos acabavam se afastando, abandonando aquele modo de vida e aceitando ajuda dos benfeitores, visando novos rumos em seus roteiros.

Uma noite veio o chefe, através da minha mediunidade, um espírito de baixíssima vibração e de grande poder. Percebi que fora um religioso na França, daqueles que participaram ativamente dos massacres da noite de S. Bartolomeu. As cenas que entrevi, eram tão terríveis, tão dantescas, que não devem ser descritas. A sua consciência estava em chamas e ele procurava apagá-las, descendo ainda mais fundo nos abismos do ódio e da maldade.

Chegou ameaçador, dizendo que se não parássemos com aqueles trabalhos iríamos sofrer graves

consequências. Mas o grupo, sem se importar com as ameaças, envolvia o trevoso em vibrações fraternas e a doutrinadora conversava com ele, informando-o de que estávamos ali a serviço de Jesus e não iríamos abandonar a tarefa, mesmo porque, esse era o nosso ideal de vida. Que o irmão meditasse em suas próprias ações, lembrando que elas o estavam levando irremediavelmente rumo a grandes sofrimentos, quiçá a ser expulso deste planeta para algum outro em fase primária de evolução, conforme esclarece a Doutrina Espírita. Isto mexeu com ele, mas recuperou-se logo, dizendo que era pura balela.

Esse espírito voltou sistematicamente durante várias sessões, sendo sempre o alvo de todo o afeto que o grupo conseguia gerar e a doutrinadora lhe falava sobre o amor de Jesus, que perdoa até mesmo os mais horrendos criminosos, desde que se arrependam e queiram dar novo rumo às suas vidas.

Essa questão da consciência culpada é algo muito sério, é uma terrível desgraça que alguém carrega na intimidade da alma. Creio que é por isso que Jesus tanto se utilizava do ato de perdoar, “Perdoados são os teus pecados. Vai e não tornes a pecar”. Saber que está sendo perdoado talvez seja um dos mais fortes, mais marcantes e emocionantes momentos na existência de alguém, mesmo que saiba que terá de prestar contas dos seus atos, resgatando-os.

Digamos que nossa consciência é luz de Deus, onde estão registradas as Suas leis. Carregá-la com ações contrárias a essas leis representa distorções e desarmonia nas mais profundas estruturas do ser. Rearmonizá-la significa o mesmo que readquirir saúde após a doença. Só quem sentiu-se muito doente, muito mal, consegue entender o que significa sentir-se bem.

Em nossos encontros semanais através da mediunidade, observava como aquele irmão, em certos momentos começava a fraquejar, dizendo que seu caminho tinha de ser aquele, pois sabia que caso decidisse mudar de rumo, teria de enfrentar grandes sofrimentos regeneradores, e não estava disposto a isso. Mas o trabalho prosseguia sempre, a cada sessão, com preponderância para as emissões de amor que lhe eram feitas, e eu podia perceber como acontecia o choque dessas vibrações em sua intimidade. Ele sentia como se a terra lhe faltasse debaixo dos pés e o ar para seus pulmões, como se toda a sua estrutura física, mental e emocional estivesse sendo violentamente sacudida, desintegrada. Ao mesmo tempo lhe afluía ao espírito um desejo imenso de entregar-se, chorando de emoção, aos braços do bem, da luz, mas resistia, orgulhoso, e encastelava-se novamente em suas muralhas de treva.

A cada nova sessão, todavia, podíamos notar mudanças para melhor. Vinha sempre com as

mesmas ameaças, mas acabava calado, sem condições até mesmo de falar, devido às fortes emoções que lhe sacudiam o interior, até que finalmente decidiu-se a tomar o rumo a que seu espírito passara a anelar.

Essa entrega, como sempre ocorria, deu-se sob fortíssima emoção, difícil de descrever. Era o momento em que a criatura, cansada do mal, abria a consciência para o arrependimento e o coração para novas esperanças, onde a luz e o amor começavam a encontrar espaço. Talvez fosse algo semelhante ao que deve sentir um filho pródigo depois de longas jornadas de conflitos conscienciais, dores, sofrimentos e saudades, quando finalmente retorna, podendo sentir nos braços do pai que este jamais deixou de amá-lo e que o perdoa, recebendo-o com muita alegria.

O caso Matias

Na sessão seguinte aproximou-se de mim um espírito que apresentava estranhas características de força e poder. Era um dos chefões. Nos primeiros instantes fiquei em dúvida sobre a sua condição espiritual. Aproximou-se mais, envolvendo-me em seu campo magnético, cuja frequência vibratória não consegui identificar de imediato. Era como se ele, naquele momento, procurasse desenvolver sentimentos elevados, certamente para tentar passar por espírito evoluído, mas havia algo que não convencia.

O envolvimento foi-se processando normalmente, como primeiro passo para a incorporação, e era sempre nesse momento que melhor podia detectar ou perceber o espírito incorporante. Depois desta consumada, ficava mais difícil, mesmo porque, era necessário manter um estado de passividade, sem desenvolver ideias, sem raciocinar, como alguém que apenas registra o que acontece.

Pois bem, em alguns lampejos percebi um líder espírita local, que chamarei de Matias, pessoa muito bem-conceituada, respeitada e obedecida. Nessa rápida cena vi aquele companheiro fazendo uma palestra, completamente envolvido por esse espírito, cujo aspecto era bem desagradável. Apresentava uma expressão malévola e pude perceber seu domínio sobre Matias, que parecia plenamente sintonizado com ele.

Isto assustou-me, porque sempre ouvira os maiores elogios a respeito daquele cidadão, como sendo alguém em cuja orientação se pode confiar plenamente, uma espécie de guru espírita. Mas decidi aquietar-me para melhor poder servir como ponte entre este mundo e o outro. E fui assim mergulhando no campo magnético daquele espírito, que denominarei apenas “N”, e nesse mergulho também fui percebendo sua condição de poderoso senhor das Trevas.

“N” começou a falar, de forma algo pomposa, sobre algum aspecto

filosófico doutrinário, demonstrando profundo conhecimento de Espiritismo e com argumentação muito bem fundamentada. Nos rápidos lampejos de pensamento que eu me permitia, comecei a preocupar-me com o fato. Será que os companheiros estavam percebendo que se tratava de um mistificador?

A doutrinadora ouviu tranquilamente aquela espécie de alocução durante alguns instantes e com a maior naturalidade passou a reprová-lo por estar tentando enganar o grupo.

Vendo-se descoberto “N” ficou meio desconcertado, mas reagiu logo. Disse que estava decepcionado com a fraqueza de alguns dos seus subordinados que, em vez de cumprirem a ordem de acabar com nossas reuniões, haviam se passado para o lado do “Cordeiro”. Avisou ser inútil qualquer tentativa no sentido de doutriná-lo. Não surtiria efeito. Ele conhecia perfeitamente os postulados espíritas, mas estava convencido de que o lado que escolhera era realmente o melhor.

Ao perguntar, a doutrinadora, sobre o porquê de tanta perseguição ao nosso grupo, informou que as “hierarquias trevosas” não davam muita importância aos “trabalhozinhos” de atendimento a espíritos sofredores, nem às atividades caritativas que eram feitas pelos espíritas de modo geral, mas não toleravam intromissão em seus assuntos.

Explicou que essa intromissão vinha acontecendo com frequência, quando nosso grupo atraía algum dos seus comandados que acabava passando para o lado do “Cordeiro”, ou quando conseguia desmanchar algum trabalho de perseguição urdido por eles. Disse que não iriam tolerar isto e nos ordenava interromper os trabalhos. Caso quiséssemos, aditou, poderíamos continuar, mas só atendendo a espíritos sofredores. Nada de incursões em seus territórios.

A dirigente explicou-lhe delicada, mas firmemente, que estávamos a serviço do Cristo e não mudaríamos de rumo, nem abandonaríamos o trabalho.

“N” passou então às ameaças, falando sobre os poderes das Trevas, explicando longa e detalhadamente o que fariam a cada um de nós. Demonstrou estar muito bem informado sobre a vida de cada membro do grupo, até mesmo sobre as intenções de um companheiro que pretendia determinada realização profissional. Ao dirigir-se a ele, garantiu que não conseguiria alcançar suas pretensões caso continuasse conosco. Dessa forma foi ameaçando-nos um a um, até mesmo com acidentes com os filhos da doutrinadora e com os meus, caso persistíssemos em desatendê-lo.

Felizmente nenhum de nós amedrontou-se com aquelas ameaças, mesmo porque já havíamos escutado outras semelhantes. Também sabíamos que nos era dada toda a proteção necessária, e que se

algo viesse a nos acontecer de ruim era porque estava em nosso programa de vida.

Quando falamos em trevosos e obsessores, é porque realmente existe diferença entre uns e outros, embora haja também trevosos praticando obsessão.

Como já foi dito anteriormente, os obsessores de modo geral são criaturas comuns, tomadas pelo ódio e que procuram vingar-se. Já os trevosos estão organizados em hierarquias em cuja direção encontram-se os “medalhões do mal”, seres tenebrosos, profundamente perversos, cruéis, endurecidos no mal, inacessíveis à doutrinação, totalmente fora do alcance de quaisquer palavras ou sentimentos elevados. Entre eles há espíritos cientistas e técnicos das mais diversas áreas, detentores de grandes conhecimentos, tanto no que se refere ao mundo material, quanto à dimensão espiritual. Os trevosos que se manifestam através da mediunidade, não são, certamente, das “hierarquias maiores”, mas de outros níveis, ou seja, menos decaídos.

Durante as sessões seguintes aquele espírito vinha sistematicamente, sempre irredutível e ameaçador. Vez por outra tentava mistificar, fazendo-se passar por um sofredor, mas a dirigente estava atenta e logo era desmascarado.

Aos poucos fui observando o quanto “N” estava conseguindo me monopolizar. Eu percebia sua presença constante perto de mim e durante as sessões praticamente só me incorporava com ele.

Comecei a me preocupar. Estaria sendo obsidiada?

Decidi pedir ajuda. Fechei-me em meu quarto, procurei relaxar e sintonizar com faixas mais altas. Fiz uma prece, pedindo ao meu mentor espiritual orientação sobre o que estava acontecendo.

Percebi a grata presença, envolta em vibrações de paz e harmonia. A entidade disse que não me preocupasse, esclarecendo que “N” estava de alguma forma ligado a mim, porque isto fazia parte do trabalho. Era preciso que ele convivesse diuturnamente com outro tipo de mentalidade e de frequência vibratória, e a pessoa indicada era eu, pelo fato de ser o médium que o recebia. Recomendou-me conversar mentalmente com ele e, sobretudo, enviar-lhe o mais que pudesse, vibrações de paz e amor.

Passei então a manter conversas mentais com “N”, procurando mostrar-lhe as vantagens de seguir pelo caminho traçado por Jesus, e as desvantagens de continuar na sombra. Nem sempre ele aceitava tal diálogo e eu procurava então enviar-lhe o melhor das emoções que era capaz de gerar. Para isso me apoiava também em músicas como, a Oração de S. Francisco, cantarolando-as e procurando sentir intensamente as ideias nelas colocadas, direcionando-lhe essas vibrações. Nesse mister,

percebia que era assessorada e ajudada por entidades de grande evolução.

Com essa nova tática comecei a observar que alguns conflitos se passavam na intimidade de “N”. Ele sentia o chamamento superior, mas reagia, revoltado. Vez por outra entrava em estado depressivo, mergulhado na própria sombra.

Isto durou mais de um ano. Semanalmente, fazia-se presente nas sessões e era sempre envolvido nas vibrações de amor do grupo. Entretanto, ao menos aparentemente, não estávamos tendo maior sucesso nessa tarefa.

Muito lentamente, porém, fui percebendo algumas mudanças para melhor em seus estados de espírito, embora os conflitos se tornassem mais e mais intensos.

Certa noite a doutrinadora fez-lhe uma proposta. Que ele permanecesse em local neutro durante algum tempo para meditar. Esse local era numa faixa não muito elevada, mas onde ele não receberia influência de seus companheiros. Aceitou.

Segui, em desdobramento, junto com o grupo de espíritos que o levou a um lugar bem isolado, em meio à natureza, a uma casinha simples, mas agradável.

Passaram-se algumas semanas sem notícias dele e quando voltou à incorporação, disse que não havia tomado qualquer decisão.

Finalmente, depois de ano e meio de trabalho, certa noite percebi que algo inusitado iria ocorrer. Quando “N” se apresentou, como de costume, observei que grande número de crianças começava a nos rodear, carregando flores. Elas cantavam alegremente e vi que das flores partia algo, como se fossem vibrações luminosas em nossa direção. A alegria das crianças, o afeto que demonstravam e aquelas vibrações luminosas tocaram tão profundamente “N” que, engasgado pela emoção, acabou entregando os pontos. Aceitou seguir com os benfeitores, sabendo embora, que iria preparar-se para uma nova encarnação. Estava perfeitamente ciente de que suas futuras existências na Terra não seriam suaves, mas difíceis, pela necessidade de reajustes cármicos e evolutivos. As crianças envolveram-no completamente com as flores e ele partiu, conduzido por elas, em busca de novos rumos.

Aquela foi uma sessão memorável, inesquecível. Todos prometemos orar e vibrar por ele, para que o afeto do grupo pudesse ajudá-lo em seus passos futuros.

Muitos anos mais tarde tivemos notícia de que em vários outros Centros, principalmente da periferia da cidade, naquela mesma época também tinham sido realizados trabalhos com espíritos trevosos ligados ao movimento espírita local. De fato, a partir daquele tempo, era como se novos ventos soprassem, abrindo espaço para ideias e ações mais democráticas e maior desenvolvimento das atividades, assim como também, uma procura

maior por parte do público leigo. Novos centros começaram a surgir e muito “sangue novo” foi injetado nas veias do movimento.

Os “teleguiados”

Certa época nosso Grupo começou a detectar espíritos que nos pareciam muito perigosos, porque nada temiam e agiam como se fossem máquinas teleguiadas por mentes muito inteligentes e perversas. Eram muitos e nos deram bastante trabalho. Alguns companheiros que puderam observá-los através da vidência disseram perceber em seus cérebros algo parecido a implantes de componentes eletrônicos. Eu também observei o mesmo fato. Isto, no entanto, nos parecia absurdo. Naquela época ainda não tínhamos notícias de qualquer coisa semelhante. Só bem mais tarde começaram a surgir livros psicografados dando detalhes sobre a tecnologia nas regiões mais baixas em níveis até difíceis de se acreditar.

Mas se nós é que somos a cópia do mundo espiritual, conforme informam espíritos mais evoluídos, ou seja, algo assim como sendo lá a matriz e aqui a filial, é natural que haja realmente tecnologia bem mais avançada que na Terra. Os que lidam com Transcomunicação Instrumental devem saber disso.

Certa noite alguns desses “teleguiados” fizeram-se presentes no Centro e um deles manifestou-se através da incorporação, informando que a partir de então só eles manteriam contato conosco, porque os chefes achavam isto mais seguro. Concluiu dizendo que foram programados de tal forma a serem absolutamente impermeáveis aos trabalhos de doutrinação.

A doutrinadora, sem se preocupar com o que ele dizia, começou a ministrar-lhe passes. À sua orientação, todo o grupo concentrou-se no chefe dele, direcionando-lhe, por intermédio desse estranho subordinado, vibrações de paz e amor. Assim, esses “robôs espirituais” funcionavam como canais ou retransmissores. Como os chefes estavam mentalmente ligados a eles, comandando-os, recebiam as cargas vibratórias de forma direta.

Ao que podíamos perceber isto causava perturbação em suas fileiras. Com isso foi possível atuar diretamente em alguns desses espíritos “teleguiados”, sempre usando os mesmos recursos: amor, paz e passes em seu campo magnético, além de comandos para libertarem-se das forças hipnóticas que os dominavam. Alguns acabaram sendo liberados daquela condição, retomando seu próprio comando. Certamente espíritos benfeitores os ajudaram, retirando-lhes aqueles estranhos implantes. Aos poucos fomos deixando de ter notícias deles.

Fim de uma tarefa

Espíritos sem forma definida

No início de 1989, numa sessão que era realizada exclusivamente para o grupo, ao falar com o Dr. Carlos Augusto, mentor espiritual da Casa, através da mediunidade psicofônica de Nêmora, ele disse que eu trabalharia em desobsessão só até o final daquele ano, e que a partir de então iria trabalhar com os mentores.

Nêmora que me perdoe, mas levei aquela informação à conta de animismo. Já tinha tido sobejas provas da autenticidade das comunicações dadas por seu intermédio, mas deixar o trabalho mediúnico absolutamente não estava nas minhas cogitações. Além disso, sabia que a minha mediunidade não era daquelas que se prestam a orientações espirituais, ou seja, trabalhar com mentores. Era apropriada a atividades junto a sofredores, obsessores e até mesmo trevosos. Incorporar um espírito inferior, possibilitando-lhe manifestação com toda a força da sua personalidade, é muito diferente que dar passividade a um espírito evoluído para aconselhamento, o que envolveria enorme responsabilidade. Conhecera alguns casos em que o despreparo do médium, ou a sua incapacidade nesse sentido, permitiram a desfiguração de mensagens e de orientações, gerando problemas e descrença. Não estava, portanto, nos meus propósitos trabalhar com mentores, pelo menos na forma como imaginava.

Nos meados daquele ano passei a “receber” uns espíritos estranhos. Eu os percebia como seres disformes, mais ou menos do tamanho de uma bola de futebol, mas sem uma forma definida, como se fossem constituídos de gelatina. Em sua intimidade, porém, vibravam pensamentos e emoções.

No início não conseguia decifrá-los, ou melhor, jamais o consegui totalmente. Eles vinham sempre dois ou três a cada sessão. Incorporavam-se, sem falar. Nêmora aproximava-se e ficava conversando amorosamente com eles, como se estivesse falando com crianças muito amadas. Parecia-me que ela, ao tempo em que falava, ministrava-lhes passes, dizendo que eles iriam viver em outro lugar muito distante, muito bonito, e que seria muito bom para eles.

Na verdade, não conseguia entender aquilo. Não me pareciam ovóides*, porque não lhes detectava aquela ambiência interior de pesadelo, ou lembranças pesadas, como sói acontecer com os espíritos ovoidizados, conforme informações de André Luiz. Cheguei mesmo a pensar se não seriam entidades tão decaídas que não tivessem mais condições de retomar o caminho do bem por sua livre vontade, e que pela justiça e bondade divinas, deles teriam sido retirados todos os seus potenciais energéticos degradados, junto com suas memórias, assim como se formata o HD de um computador para reinstalar seus programas e começar tudo outra vez. Seria talvez algo assim como um

recomeço, numa visão macrocósmica dos percursos de um espírito.

Essa ideia, por mais estranha, poderia responder certos questionamentos que vinha fazendo a mim mesma há algum tempo. Se o Espiritismo diz que os espíritos são eternos, como fica a situação daqueles “Medalhões das Trevas”, seres absolutamente perversos e endurecidos que há milênios vivem para o mal? E daqueles outros que tão baixo desceram que mal temos notícias sobre eles, mas que têm sido citados por alguns autores? Certamente jamais se decidirão a mudar de rumo, mesmo porque, estão plenamente cientes dos sofrimentos redentores pelos quais teriam de passar. Além disso, se o seu prazer está no mal, por que haveriam de querer mudar?

Mas se evolução é lei natural, como explicar o futuro desses seres, que apesar de tantos milênios permanecem no mesmo patamar evolutivo, quiçá, descendo ainda mais e mais?

Dizem algumas escolas espiritualistas que Deus irá apagá-los um dia, assim como se apaga a chama de uma vela, mas esse conceito contraria o que diz a codificação da Doutrina Espírita. Talvez ocorra com eles, chegada a hora de cada um, esse processo de que falamos e então eles poderiam recomeçar tudo outra vez, a partir do zero, em novos percursos reencarnatórios. É claro que isto é apenas uma teoria, sem maior fundamentação.

Nêmora nos disse certa vez que aqueles espíritos, depois da incorporação, eram levados a determinado ambiente espiritual, onde aguardariam a chegada dos outros e que todos seriam enviados para algum planeta primitivo, a fim de darem continuidade à sua evolução.

Os meses iam passando e eu só incorporava aquelas estranhas criaturas. Comecei a ficar seriamente preocupada. Estaria sob efeito de alguma terrível obsessão? Conversei com Nêmora e ela me tranquilizou, afirmando tratar-se realmente de espíritos que estavam sendo ajudados, para serem devidamente encaminhados a seus destinos.

Certa noite durante a reunião entendi, ou soube, não sei como, que o trabalho com aquela falange estava chegando ao fim. Isto me alegrou, pois me permitiria retornar às antigas atividades.

A sessão seguinte era a última do ano. Haveria o período de um mês de férias antes do retorno aos trabalhos. Vieram mais uma vez alguns dos mesmos espíritos, os últimos da falange.

* OBS. Ovóides, conforme informações de André Luiz são espíritos que foram perdendo o perispírito, ou corpo espiritual, devido a suas fixações mentais, dominados pelo ódio e por desejos de vingança. Narra também um caso de obsessão em que os perseguidores

espirituais fixaram vários ovóides ao longo da coluna vertebral de uma mulher, para lhe sugarem energias vitais.

Cadê os espíritos?

Na primeira sessão do ano seguinte surpreendi-me por não perceber qualquer aproximação espiritual. Sentia vagamente em torno de mim uma espécie de barreira, que me isolava dos trabalhos. Procurei alguma explicação plausível e tranquilizei-me, mas o mesmo aconteceu na reunião seguinte, deixando-me deveras preocupada. Pedi a Nêmora para falar com Dr. Carlos Augusto e quando isto foi possível disse-lhe o que estava acontecendo. Tranquilamente ele perguntou: “Não lhe disse que você só iria trabalhar na desobsessão até o final do ano passado?”

Aquilo foi um choque. Como poderia deixar aquele trabalho que tanto amava, que fazia parte da minha vida?

Dr. Carlos Augusto, para me consolar, disse que se quisesse poderia continuar, mas ele desaconselhava, porque minhas futuras tarefas poderiam ser por isso prejudicadas. Teimosamente, continuei retornando ao trabalho, mas já não era mais a mesma coisa. Estava tudo diferente.

Antes, quando chegava no Centro com dor de cabeça, ao relaxar no início dos trabalhos, deixando-me envolver pelas vibrações luminosas dos benfeitores espirituais, a dor passava rapidamente e ao término das atividades sentia-me sempre muito bem.

Agora, porém, não era mais assim. Se chegasse com dor de cabeça ela persistia, mas o pior estava na própria comunicação mediúmica. Estava tudo muito diferente, não era mais prazeroso, não havia mais trabalhos como os anteriores, e eu apenas recebia, de longe em longe, algum espírito sofredor.

Por essa época, outros afazeres nas lides espíritas começaram a me absorver o tempo e a atenção e acabei desistindo definitivamente dos trabalhos mediúnicos.

Alguns anos mais tarde, completamente envolvida com gravações de vídeos sobre Espiritismo e a elaboração do programa de rádio; escrevendo e editando livros espíritas e desenvolvendo algumas campanhas de divulgação do Espiritismo, lembrando-me das palavras do Dr. Carlos Augusto, de que iria trabalhar com mentores, entendi o seu significado.

Realmente, hoje trabalho com mentores. São espíritos que nunca vi e não faço a menor ideia de quem sejam. Raramente sinto suas presenças, mas sei que estão por trás de todas estas atividades, conduzindo-as. Quando escrevo, geralmente o faço aos pedaços. Relaxo, procuro elevar a frequência vibratória e fazer silêncio mental, serenamente, tranquilamente. De

repente a ideia ou as palavras me vêm à mente e trato de escrevê-las. Também já observei que se insisto em trabalhar sem esse apoio, sem essa inspiração ou direção espiritual, minha mente fica mais lenta, as ideias mais pobres e muitas vezes me dá “um branco”. Percebo, assim, nitidamente, a atuação dos espíritos responsáveis pela tarefa, embora de forma não ostensiva.

Orientações de trabalho por caminhos estranhos

A caneta

Estava certa tarde conversando com uma amiga, excelente médium, quando ela disse, de repente: estou vendo alguém colocando uma caneta nas tuas mãos... é uma tarefa que te estão dando.

Fiquei imaginando de que poderia tratar-se, já que havia descartado a psicografia, como possibilidade de trabalho espiritual.

Havia observado durante algum tempo as atividades psicográficas que eram desenvolvidas em determinado Centro, quando na parte final da reunião uma das médiuns recebia mensagens que lia em voz alta. Eram dirigidas a alguém, cujo primeiro nome apenas era citado, e o conteúdo delas era do tipo que serve para quase qualquer pessoa. Antes de iniciar a leitura ela perguntava, por exemplo: quem é Lúcia? Aqui tem uma mensagem para ela... e quem assina é Antônio.

Difícilmente não havia uma Lúcia presente, e esta se apresentava dizendo se conhecia ou não algum Antônio, já desencarnado. Se não conhecesse, este ficaria sendo algum espírito simpático e a mensagem era lida com todo fervor e ouvida com unção. Se não houvesse alguém com esse nome na sala, a médium perguntava quem conhecia alguma Lúcia e então a mensagem lhe era enviada, depois de lida.

Aquilo me desgostava muito. Não queria acreditar em mistificação, mas qualquer pessoa de bom-senso observaria a fragilidade daquela “demonstração mediúnica”. Certamente, não me prestaria a algo parecido. Aquilo era falta de seriedade e de respeito, tanto para com os encarnados, quanto com os desencarnados.

Por isso não podia imaginar o que significava aquela caneta colocada em minha mão, observada pela minha amiga. Não podia pôr em dúvida sua vidência porque já tivera sobejas provas da sua autenticidade.

Pouco tempo depois comecei a sentir uma grande inquietação e dentro dela, as primeiras ideias de uma estória infantil, na qual os personagens, vivenciando inúmeras aventuras, aprendiam ao mesmo tempo rudimentos de inglês. E as ideias vinham com a força de uma enxurrada e, mesmo sem entender para que poderiam servir, comecei a escrevê-las.

Aos poucos foi surgindo a ideia completa, que seria a base de um curso de inglês para crianças, enriquecido com jogos interessantes. Durante todo o tempo em que escrevi esse trabalho permaneci completamente tomada por aquela espécie de inquietação. Meu marido que militava na área de vendas comprou a ideia e tratou de pô-la em prática com a confecção de “kits” desse curso, que seriam comercializados. Mas durante a sua implantação aconteceu a nossa separação e tudo aquilo serviu, principalmente, como um primeiro passo, uma espécie de ensaio para atividades futuras no terreno literário.

Também, por essa época, no afã de levar a outras pessoas o conhecimento espírita, consegui um espaço semanal no jornal Tribuna do Ceará e parti, vibrando de entusiasmo, a procura de quem pudesse escrever essas matérias. Falei com alguns companheiros da reunião das sextas-feiras, dentre os quais havia escritores, professores universitários e médicos, acreditando ingenuamente que aceitariam com alegria aquela incumbência, mas todos foram encontrando, um a um, desculpas ou razões para se recusarem a colaborar.

Não podia acreditar que um espírita capaz de escrever bem sobre a doutrina pudesse negar-se, podendo fazer abortar uma oportunidade como aquela. Indignada, resolvi tentar escrever alguma coisa e, assim, levei duas matérias para o editor do jornal, certíssima de que não seriam aceitas, mas para minha surpresa, depois de lê-las, chamou um funcionário mandando que as publicasse nos domingos seguintes.

E assim, durante um ano escrevi semanalmente na Tribuna do Ceará e por mais dez anos no maior jornal local, O Povo. Nunca mais deixei de escrever sobre Espiritismo: para jornais, o programa de rádio que era todo escrito e depois gravado, e que foi ao ar durante mais de 20 anos e em mais de 15 emissoras em diversas partes do país, peças de teatro, roteiros para vídeo, livros e até um programa (não espírita) de ensino de valores humanos para a escola, com 600 aulas de cinco minutos. Esse programa, gratuito, pode ser baixado em:

<https://www.cincominutosdevalores.org/>

Foi esse o significado daquela caneta colocada por um espírito na minha mão.

OBS. Esse processo de escrever, sem ser psicografia, ocorre comigo num formato que não dá margem a que acredite tratar-se de uma produção minha. Antigamente, acordava em torno das três da madrugada, com a primeira frase do que deveria escrever, na mente, e uma espécie de esboço do texto que viria em seguida. No início, procurava mentalizar ao menos a frase para escrevê-la pela manhã, mas ao acordar não conseguia lembrar, por mais que tentasse. Assim, acabei me acostumando a levantar para escrever o que fluía, num horário tão estranho e, durante o dia, quando percebia

a presença do mentor espiritual, me preparava para escrever, e aos poucos a escrita fluía, em continuação ao que tinha escrito de madrugada.

Se tentasse escrever algo sem essa inspiração, o resultado era pífio, demonstrando que o pensamento que fluía na escrita, não era meu, embora eu dele participasse.

Os pássaros falantes

Em 1981 outro caminho para a divulgação doutrinária abriu-se de forma bem interessante, demonstrando como os espíritos responsáveis pela nossa tarefa sabem nos conduzir.

De repente passei a sonhar com pássaros que falavam. Foram vários sonhos, muito nítidos, cujo significado não conseguia entender.

Ao mesmo tempo comecei a sentir que tinha outro trabalho a realizar, só não sabia do que se tratava. Essa sensação ia ficando cada vez mais forte, como um chamado insistente que me deixava num estado de grande inquietação, e ficava imaginando que tarefa seria essa, sem encontrar resposta.

Certa manhã de domingo quando voltava do supermercado em companhia do meu filho Humberto, repentinamente, como se a resposta me caísse na mente de uma só vez, entendi do que se tratava. Pisei no freio e disse, de supetão:

- Humberto, já sei o que é... É um programa de rádio sobre Espiritismo.

O garoto arregalou os olhos, espantado, mas como já lhe havia falado sobre os sonhos com os pássaros falantes e aquela inquietação, entendeu, aplaudindo a ideia.

Ao chegar em casa tratei logo de entrar em contato com outros companheiros espíritas que certamente gostariam de participar da iniciativa. Apenas num deles senti receptividade e saímos logo no dia seguinte à procura de uma emissora de rádio onde pudéssemos pleitear espaço. Mas as portas foram se fechando uma a uma. Só faltava a Rádio Uirapuru, onde trabalhava um companheiro espírita como locutor e advogado da empresa, pessoa de muito prestígio. Ele nos disse que naquela emissora seria impossível, mas que voltássemos a falar com ele dentro de um mês.

Achando que se tratava apenas de uma gentil negação, desestimulada, não voltei a procurá-lo.

Já estava quase esquecida do assunto quando tive outro daqueles estranhos sonhos. Via-me junto a uma grande gaiola onde havia dois pássaros falantes. Tentava entender o que diziam, quando alguém me trouxe um bebê muito bonito. Peguei-o no colo e fiquei extasiada diante dos seus olhos. Do fundo das pupilas surgia uma luz dourada que se refletia suavemente no ambiente. Era algo simplesmente magnífico, mas, sem entender por que, devolvi o bebê a quem o trouxera.

Nisso acordei com a gritaria da minha filha mais nova, que dormia comigo. Olhando-me com os olhos arregalados, reclamava: Mas mamãe, como é que você teve coragem de rejeitar um bebê tão bonito?!!!

Fiquei atônita. Meu Deus! Aquilo era demais!

Tomei tento, como se diz, e fui no mesmo dia procurar o companheiro citado e, assim que entrei em sua sala, ele foi logo dizendo: “O programa é seu. Pode começar a pensar em como vai fazê-lo”. E explicou que o dono da emissora havia comprado outra que entraria brevemente no ar e da qual seria ele o Diretor.

Foi aquela alegria e agitação! Comecei logo a trabalhar no projeto desse programa que, naquela emissora e em várias outras, inclusive na Rede Boa Nova de Rádio, permaneceu no ar por mais de 20 anos.

Seria o caso de se perguntar, por que os espíritos não dão essas orientações falando-nos diretamente ao ouvido, por psicografia, ou por intermédio de outro médium?

Se assim fizessem haveria sempre margem a dúvidas: será que isto não é apenas imaginação? Não terá sido dito por um mistificador?

Mas nessa forma mais sutil de nos orientar, as iniciativas ficam sendo nossas, sem aquela ideia da ordem: “os espíritos me mandaram fazer isto”.

São convites que entendemos e aceitamos... se quisermos.

Música

Certa feita comecei, sem qualquer motivo aparente, a sentir intensa vontade de tocar teclado. Chegava a me ver diante de um, tocando-o. De outras vezes, eram melodias que dançavam na minha cabeça sem que conseguisse segurá-las, concretizá-las. Elas fluíam da intimidade da alma, assim como os vapores dos gêiseres fluem de dentro da terra, e se perdiam no espaço deixando parte de sua sonoridade dispersa por todo o meu ser. Era como se todas as energias que circulavam em mim gerassem musicalidade em seus percursos.

Mas o mais interessante é que não toco teclado ou qualquer outro instrumento musical. Quando criança andava dedilhando o violão, mas sem maiores compromissos com ele. A música, porém, passou de repente a viver em mim. Não aquela já existente, mas outra que ainda não fora composta, que nascia não sei onde e vibrava com um poder que me surpreendia.

Comecei, então, a acalantar o desejo de adquirir um teclado. Mas, sem saber tocá-lo, de que me serviria? Estudar música? Não, a essa altura da vida e com tanta coisa para fazer.

Diante do impasse, achei melhor adiar o problema e passei a fazer projetos para uma futura encarnação. Baterá o pé, mas teria de ter um programa reencarnatório como

musicista. Certamente poderia compor aquelas melodias e outras mais, desde que tivesse oportunidade de estudar música e ter instrumentos à mão.

Essa “solução”, no entanto, não me acalmou. Aquela “febre musical” persistia.

Meu neto havia ganhado um teclado no ano anterior e pedi-lhe emprestado por uma semana, para ver se aquele desejo era fugaz ou se deveria realmente adquirir um. Quando lhe pus as mãos, pareceu-me estar numa catedral tocando órgão. Era uma sensação muito forte que me transportava para uma outra época e podia até ouvir as grandiosas melodias geradas por aquele magnífico instrumento. Não o teclado, mas um órgão de verdade.

Dias depois, por caminhos inesperados, adquiri um teclado de excelente qualidade, mas continuei ainda sem entender as razões de tudo aquilo. Estava, porém, habituada a me deixar levar sempre que sentia aquele tipo de forças me conduzindo e não me ocupei em buscar respostas.

Por essa época estava preparando o material para gravação de um CD com exercícios de relaxamento, mentalizações e visualizações, e para isso, precisava de música adequada. Lembrei-me então do Nunes, velho companheiro espírita e excelente tecladista. Combinamos uma gravação na minha residência, já que eu possuía equipamento digital, usado para gravar os programas de rádio. Diante do teclado, ele se concentrou e começou a tocar, criando as melodias na hora, ou melhor, canalizando-as, sem errar uma nota. Foram umas 15 músicas diferentes, com uns 4 a 5 minutos de duração.

Fiquei impressionada com a beleza daquelas músicas. As melodias nascidas ali, daquelas teclas, em momentos de concentração do seu autor, fluíam em modulações de extrema sensibilidade, tão belas, tão relaxantes, que me davam a impressão de estar flutuando em meio a árvores, riachos, montanhas e flores. Tive então a ideia de produzir com elas um CD de música instrumental, que foi posto em circulação com o título: Harmonias da Natureza.

Marcamos outra gravação, desta vez usando três teclados. As músicas, já em outro estilo, ficaram realmente lindas, compondo o CD Harmonias do Universo.

Estava ali o porquê de todos aqueles preliminares que me levaram a comprar um instrumento musical que, aparentemente, de nada me serviria, mas confirmando o quanto valera a pena seguir aquelas induções, certamente procedentes de algum mestre da musicalidade, habitando em planos espirituais de alta sensibilidade. Dessas gravações, ao longo do tempo, vieram mais 7 CDs, completando a série Harmonias.

Esse foi o ingresso num novo caminho todo calcado em melodias.

O mundo está precisando de música. Não dessa barulhenta e em ritmos alucinantes; nem da que exalta o erotismo, ou da chamada brega, que expressa extrema vulgaridade. Esses são formatos que vem tomando conta das preferências humanas, anulando a sensibilidade, brutalizando as emoções, dinamizando vícios e agressividade.

O mundo está precisando de músicas que desenvolvam a sensibilidade, elevem a frequência vibratória, asserenem e relaxem. O ser humano está necessitando navegar em ondas de suaves melodias a fim de harmonizar-se.

Não foi preciso reencarnar como musicista para poder materializar magníficas melodias, mesmo através de outras mãos, e nascidas em outras fontes de elevada sensibilidade musical.

OBS. Parte dessas músicas podem ser ouvidas no site: <https://www.relaxarementalizar.org/>

Não era um desvio, mas um atalho

Os espíritos responsáveis pelas tarefas cuja execução nos cabe na faixa material, encontram sempre maneiras, até mesmo bastante estranhas, de nos levarem a realizá-las. O pior é que na maioria das vezes acreditamos que somos os detentores desses méritos, quando, na verdade, somos apenas conduzidos. Somos a mão que executa, mas a cabeça é outra, ou são outras.

Em 1996, sem nenhum motivo justo e sem qualquer predisposição para isso, aceitei fazer um vídeo, gratuitamente, para a União das Mulheres Cearenses, com o fim de registrar para aquela instituição, o dia internacional da mulher. Sem nunca ter participado de qualquer movimento feminista, simpatizei com a ideia e decidi pôr mãos à obra, já que eu tinha uma câmera semiprofissional e equipamentos de edição.

Dizia a mim mesma que era um absurdo, uma perda de tempo, com tanto trabalho espírita em pauta etc., etc., mas o meu outro lado mantinha-se firme na decisão e não adiantou “espernear nem chiar”. Quando menos esperava estava estudando o assunto e escrevendo o roteiro de um longa-metragem, misto de drama e documentário, cujo título seria, MULHER... da pré-história ao III milênio.

Era um roteiro diferente dos que fizera, quando da gravação dos vídeos do Inarte, que são espíritas e doutrinários.

Não deixava de ser um desafio, desses que fica difícil não aceitar. No curso de vídeo com que iniciara minhas atividades no mundo das imagens e sons, nada aprendera sobre roteiro. A parte de documentário seria bem mais fácil, mas o que preocupava era a referente ao drama, de cuja elaboração cinematográfica pouco entendia.

Mas pescando uma informação aqui, uma explicação ali, consegui escrevê-lo.

A locação seria a residência de uma das diretoras daquela entidade, um belo sobrado cercado de jardins e num local bastante afastado, ou seja, suficientemente silencioso para a realização das gravações.

Mas faltava um diretor de fotografia ou alguém que entendesse de iluminação, porque é ela que dá vida ou mata qualquer filme.

Foi nesse impasse que nos apareceu um desses seres que chamo de “anjos de carne e osso”, na pessoa de Ronaldo Nunes, consagrado diretor de fotografia, com longo currículo em curtas e longas metragens, diretor na TV Cultura etc., e de cuja amizade me sinto muito honrada. Fui pedir-lhe orientação, mesmo sem conhecê-lo, e, para minha surpresa, prontificou-se, muito gentilmente, a fazer a “fotografia” do nosso projeto, sem nada cobrar pelo seu trabalho. Aqueles três ou quatro dias que trabalhamos juntos nessa gravação, com o mínimo em termos de recursos, tendo que improvisar quase tudo, representaram excelentes subsídios para algo que estava programado pelo mundo espiritual e sobre o que ainda não tinha a menor ideia.

Até aquele momento não conseguia me perdoar pelo tempo que estava perdendo com um trabalho que nada tinha a ver com meu projeto de vida. É verdade que já concluía o ciclo dos vídeos espíritas a que o nosso grupo se havia proposto, mas fazer um trabalho fora do âmbito doutrinário... não fazia sentido.

Mas o universo formado por tudo que compõe um set de filmagens, um drama escrito transformando-se em movimento, imagens, sons, emoção... é algo por demais fascinante que gruda em nossas células e neurônios e nos atrai, nos chama.

Foi isso que aconteceu comigo.

- Meu Deus! Não posso seguir por esse rumo – dizia, aflita, a mim mesma. - Estarei me desviando do caminho traçado.

Mas algo, muito fortemente me dizia que seguisse em frente porque esse não era um desvio, mas um atalho.

Envolvida nessa atmosfera cinematográfica, comecei a escrever um roteiro que trataria da problemática do aborto. Quando o trabalho ia em meio a atriz que fizera o papel principal no vídeo que havíamos feito sobre “Mulher...” telefonou-me insistindo para que eu fosse conhecer um amigo seu, Jorge Monclair, do Rio de Janeiro, que estava em Fortaleza dando um curso de fotografia para cinema, no Instituto Dragão do Mar. Era excelente roteirista e teria prazer em me dar algumas orientações.

Esse foi outro daqueles “anjos” que surgem, pousando os pés no mosaico das nossas expectativas e nos dando a mão, sem qualquer

outro interesse, a não ser o de colaborar.

Levei o roteiro em elaboração a Monclair que, muito prestativo, perdeu algumas tardes ensinando técnicas e dando-me algumas dicas importantes.

Esse roteiro (longa metragem) foi aprovado pela Secretaria de Cultura do Estado para receber incentivo da lei Jereissati, mas não conseguimos patrocinadores para sua realização por causa do tema (aborto) que é bastante polêmico, além de muito delicado.

A essa altura comecei a escrever outro roteiro cinematográfico, também de longa metragem, intitulado O Desafio Virtual, sobre três crianças que são sugadas por um computador, vivenciando experiências no mundo virtual e no real, paralelamente, em luta ferrenha conta um gênio do mal que pretende dominar a Terra, utilizando-se da energia psíquica negativa, produzida pelas mentes e emoções dos seres humanos. A tônica é a não violência e o cultivo do amor e demais valores humanos.

Continuava, no entanto, mais perplexa que nunca, por causa daquele impulso ou daquela força que me levava a escrever esse roteiro em detrimento de outras atividades que entendia serem muito mais produtivas, pois sabia que seria praticamente impossível materializar ou realizar esse filme, principalmente por causa do seu alto custo, já que incluiria muitos efeitos especiais etc.

Foi quando soube de um concurso do Ministério da Cultura que iria premiar, em dinheiro, os 15 melhores roteiros cinematográficos de longa-metragem. Sabia que os grandes roteiristas do país iriam desengavetar seus trabalhos e produzir outros, sendo, portanto, absoluta perda de tempo tentar concorrer com eles.

Entretanto, sempre movida por aquele algo que me arrastava, enviei o roteiro e tratei de esquecer o fato.

Terminei de escrever o romance O Olhar de Juliana e mandei-o para uma editora espírita em S. Paulo, que aceitou publicá-lo.

Mas, poucos dias depois, recebi um telefonema do Ministério da Cultura comunicando que meu roteiro fora um dos 15 vencedores do concurso.

Meu Deus!...

De início vibrei de alegria, permitindo-me o prazer de sentir certo orgulho pelo ineditismo do ocorrido, mas logo entendi que por trás de tudo deveria haver outras razões. Será que aquele prêmio que veio por caminhos tão estranhos e inesperados, com a preciosa e fundamental ajuda daqueles “anjos de carne e osso”, chegou para afagarme o ego... para o meu deleite pessoal? Seria justo usar aquele dinheiro para reformar a casa, mudar o mobiliário, fazer turismo? A casa, simplíssima, mesmo sem reforma era habitável; a mobília ainda daria para usar durante mais alguns anos, e o turismo dá alegria, proporcionando

novos conhecimentos, mas é um prazer que também passa. O fato daquele valor (R\$ 15.000,00) ter-me chegado às mãos, assim de forma tão inusitada, não estaria sinalizando outros propósitos?

Não foi difícil descobrir quais.

Telefonei para a editora em S. Paulo, pedindo que não publicassem o livro que enviara, e explicando sobre o prêmio, cujo valor iria empregar na criação de uma editora e na publicação daquele e de outros livros.

E foi com o resultado das atividades dessa empresa (Logos Produções) que pudemos desenvolver diversas campanhas de divulgação do Espiritismo ao público leigo, tais como: colocação gratuita de livros espíritas em apartamentos de hotéis e hospitais, em bibliotecas públicas e de universidades; edição de dezenas de milhares de folhetos explicando o que é o Espiritismo, que foram distribuídos em feiras de livros, nos cruzamentos de ruas e até de casa em casa, e muitas outras atividades.

OBS. Só do livrinho Nós e o Mundo Espiritual - com todas as informações básicas sobre Espiritismo - foram distribuídos gratuitamente e a preços de custo, mais de 100.000 exemplares.

Como seria útil se todas as pessoas comprometidas com alguma tarefa de caráter nobre pudessem perceber quando o que lhes chega procede exclusivamente de seus próprios esforços, ou se há mãos invisíveis por trás de tudo, e com finalidades outras.

Muitos dizem: devo isto ao meu trabalho, ao meu esforço, minha inteligência ou talento. Só que, muitas vezes, a mente que nos aguça a inteligência e a mão que conduz a nossa estão ali presentes, atuantes, fazendo a sua parte e esperando que façamos a nossa.

É claro que não podemos dispor de tudo que obtemos para a execução de tarefas de natureza elevada ou espiritual, mas tudo de que pudermos dispor irá se reverter para nossa alegria e paz, principalmente a paz da consciência tranquila e feliz, por ter tido a oportunidade de colaborar com o Mestre na prática do bem ou na disseminação da luz.

Se faço estas narrativas, adentrando por certos detalhes pessoais, é com o intuito de mostrar a forma, ou as formas, como os espíritos conduzem, dirigem e orientam as nossas tarefas. Isto ocorre com infinito número de pessoas. Muitas não atendem, perdendo grandiosas oportunidades de serviço e de evolução; outras se deixam levar, sem se aperceberem de que estão sendo levadas; outras ainda, percebem e obedecem, felizes por poderem colaborar. São esses insignificantes esforços individuais, conscientes ou não, somados a outros pequenos e grandes, que vão construindo, embora lentamente, um mundo melhor, ou então,

colaborando para que ele não se embruteça ainda mais.

Merecimento ou compromisso?

Quando ainda no Brasil, certo dia, enquanto fazia a caminhada matinal, ia pensando na gratidão que sentia por Deus e os espíritos benfeitores, pela oportunidade de todas estas atividades na divulgação do Espiritismo, que tanto me gratificam. E nesse rumo do pensamento uma pergunta começou a me afligir: porque, sendo eu um ser tão insignificante, sem qualquer projeção social, intelectual ou profissional, fora encarregada de tarefas de tão largo alcance, através das quais sabia estar de alguma forma gerando influência sobre milhares de pessoas. Com este pensamento senti-me ainda menor e um tanto quanto assustada.

Para me rearmar tratei de argumentar dizendo que se me haviam dado tais tarefas é porque certamente havia merecimento de minha parte. Pensamento esse, bastante lógico e sensato. Foi quando percebi muito suavemente, ingressando no meu campo sensorial, um espírito que sempre me assessorava em minhas elucubrações mentais. Sua voz tinha um timbre grave e sua aproximação me dava ideia de alguém fisicamente muito alto. É só o que sei sobre esse benfeitor, cuja presença era quase constante.

Ele disse, então, com muita tranquilidade:

“É preciso ver essa questão do merecimento com muita maturidade. Talvez seja um caso mais de compromisso que de mérito. Algo semelhante ao que Jesus explicou através da parábola dos talentos. Milhões de pessoas os recebem na forma de condições necessárias para a realização de tarefas, menos ou mais importantes. Essas pessoas assumiram tais compromissos antes de reencarnarem. Umas as cumprem total ou parcialmente, outras, não. Você, apesar da sua insignificância social e mesmo cultural está utilizando bem os talentos que lhe foram confiados. Está cumprindo o compromisso que assumiu. Como vê, não se trata exatamente de merecimento”.

Agradei a explicação e continuei pensando com meus botões, embora desconfiasse que esse “pensar” estava sofrendo influência daquele benfeitor. Lembrei-me de que meu caso poderia ser, e certamente era, uma troca na forma de resgate de dívidas do passado reencarnatório. Dedicando-me à tarefa, utilizando todas as possibilidades ou recursos materiais, não ligados diretamente à minha manutenção, estava cumprindo um compromisso e ao mesmo tempo liberando minha consciência profunda de fulcros energéticos negativos, gerados por ações contrárias às leis cósmicas, cometidas em vidas passadas.

Entendi então, com toda a clareza, que o Alto absolutamente nada me

devia. Eu estava trabalhando pelo meu próprio bem.

Pensei também que, provavelmente, o “pessoal lá de cima” só me havia encarregado das tarefas de mais largo alcance, porque alguém muito mais qualificado que eu teria se recusado a realizá-las. Dessa forma, como última das soluções, tiveram de conformar-se comigo. A explicação estava muito clara, perfeitamente lógica e aceitável... “dentro dos conformes” como diz o vulgo. Aliás, sempre que me surgiu alguma tarefa que classificava como excepcional, por não me considerar à sua altura, entendi que alguém mais qualificado a teria recusado.

Tenho observado ao longo dos anos como muitos médiuns e também outros trabalhadores da seara espírita percebem sua atuação como sendo meritória, como se estivessem fazendo favores ao Alto e com isso, devessem ser reconhecidos como credores diante dos poderes superiores.

Parece-me, no entanto, bastante claro que não há credores ante a vida. Há parceiros no caminho da eternidade, trabalhando pelo bem coletivo, que é também o seu próprio bem.

Sendo assim, em vez de se pensar: “ganhei mais alguns bônus-hora”, o correto seria dizer: “Obrigado meu Deus pela oportunidade deste trabalho. Obrigado amigos espirituais pela confiança que tiveram em me aceitar como parceiro em mais uma tarefa. Ajuda-me, meu Deus, a crescer mais, a fim de que meu esforço possa ser mais bem aproveitado”.

Estados de espírito

Nestes mais de cinquenta anos de mediunidade pude aprender algumas lições. Uma delas, das mais importantes para o equilíbrio do medianeiro e para condicioná-lo a ser um instrumento proveitoso a serviço do bem, refere-se aos estados de espírito.

O médium, geralmente, é alguém muito influenciável pelas vibrações ambientais, deixando-se muitas vezes levar pelo desânimo ou depressão, quando não, por pensamentos ou sentimentos negativos de toda ordem.

Para manter seu equilíbrio psíquico e elevar a frequência vibratória necessita continuamente desenvolver e dinamizar amor e alegria em seus sentimentos.

O amor é energia divina, é a principal nutrição espiritual de que precisa, é o meio que o leva a sintonizar com forças mais altas.

A alegria é o melhor antídoto para a maioria das doenças da alma. Diz o espírito Miramez que ela reveste todas as virtudes de luz, sendo um verdadeiro elixir de vida.

O médium, mais que qualquer outra pessoa, necessita dessa energia e desse elixir, acrescidos da prece, para manter-se em contato com o Alto. É a sua melhor defesa, seu mais

poderoso recurso para o próprio equilíbrio e, principalmente, para o melhor cumprimento da sua tarefa.

Oferta de Deus

Minha consciência e meu coração se dobram ante a mediunidade, pelo profundo amor e respeito que lhe tenho.

Nunca devemos temê-la, mas cultivá-la com amor, como instrumento ofertado por Deus, através do qual podemos, não apenas resgatar dívidas e cumprir compromissos, mas também perceber presenças sublimes, vivenciar momentos de soberanas emoções, participar de ambientes, atividades e situações tais, que as palavras não conseguem descrever. Mesmo que esses momentos sejam raros, oferta daqueles que nos amam e assistem, são tão grandiosos e deixam marcas tão profundas na alma que os anos não conseguem apagar. E essas marcas são assim como núcleos floridos cheios de paz e harmonia nas profundezas do espírito, onde podemos buscar novos alentos, novas motivações para viver e sentir felicidade, sempre que a vida nos machuca ou se torna amarga ou triste.

Perdoe-me, leitor amigo, o entusiasmo, mas sou apaixonada pelo Espiritismo e amo a mediunidade.

Fim

**OUTRAS OBRAS DA AUTORA, NA
AMAZON.COM.BR**

a preços ínfimos

A FACE DE DEUS



De regiões desconhecidas onde pontificam o Amor e a Beleza, vez por outra fluem para nós, pobres mortais, emoções sublimadas, que amenizam as asperezas da jornada, iluminam o caminho e deixam-nos marcas indeléveis de felicidade.

NÓS E O MUNDO ESPIRITUAL

EDIÇÃO ESPECIAL



Na Edição Especial deste livro acrescentamos uma Parte (que fica sendo a Primeira) com informações importantes para este período de grandes sofrimentos e aflições pelos quais passa a humanidade.

O QUE ACONTECE DEPOIS DA VIDA

Esse livro apresenta uma centena de cientistas e pesquisadores com os resultados de seus trabalhos e investigações em torno da imortalidade do espírito e temas adjacentes.

Também apresenta várias atualizações, com fundamentação científica e racional.

Se no “mundo digital” são solicitadas atualizações constantes, será que nosso “mundo mental” também não esteja pedindo atualizações, como p. ex. em algumas crenças?

Em português



Em inglês



Em espanhol



NÓS E O MUNDO ESPIRITUAL

Edição normal

Revela detalhes sobre a dimensão espiritual e como as vivências atuais se refletem no após Vida, causando sofrimentos ou gerando alegrias.

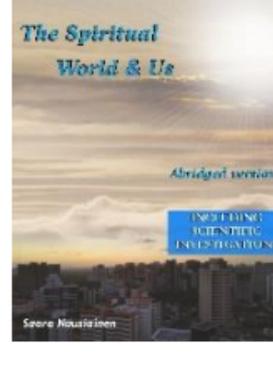
OBS. No Brasil, esse livro na forma impressa, se encontra em:

<https://aliancalivraria.com.br/>

Em português



Em inglês



Em espanhol



UM FORRÓ NO UMBRAL e outros 25 contos

Em português



Em espanhol



OBS. Em português, na forma impressa, se encontra em:

<https://aliancalivraria.com.br/>

CURSO INTERATIVO DE ESPIRITISMO E VIVÊNCIA ESPÍRITA

